

UNIVERSIDADE DE UBERABA
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ORILDA MACHADO DE MOURA

**OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO
FUNDAMENTAL PÚBLICO DE ITUMBIARA/GO: concepções, dilemas e
escolhas**

UBERABA-MG
2009

ORILDA MACHADO DE MOURA

**OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO
FUNDAMENTAL PÚBLICO DE ITUMBIARA/GO: concepções, dilemas e
escolhas**

Trabalho apresentado ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Dirce Maria Falcone Garcia.

UBERABA-MG
2009

ORILDA MACHADO DE MOURA

**OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO
FUNDAMENTAL PÚBLICO DE ITUMBIARA/GO: concepções, dilemas e
escolhas**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em
Educação da Universidade de Uberaba, como requisito
parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.
Aprovado em ___/ ___/ ___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Dirce Maria Falcone Garcia
Universidade de Uberaba-UNIUBE

Prof.^a Dr.^a Eulália Henriques Maimone
Universidade Federal de Uberlândia-UFU

Prof.^a Dr.^a Valéria Vasconcelos
Universidade de Uberaba-UNIUBE

DEDICATÓRIA

Aos meus avós paternos Joaquim Machado Filho (*in memorian*), Orizia Maria de Jesus (*in memorian*) e maternos Ademar Rodrigues de Moura e Railda Alves de Freitas (*in memorian*).

Aos meus Pais que nunca mediram esforços para as minhas conquistas, Carlos Ferreira Machado (*in memorian*) e Anadete Alves Machado.

Às minhas irmãs Julya Machado e Mariza Machado pelo apoio incondicional.

Ao Hélio Júnior por todo seu carinho, companheirismo e apoio. A Maria Carulina Azedo por suas contribuições e ao meu padrinho Luís Gonzaga Carneiro de Moura.

Aos meus queridos alunos do Ensino Fundamental e Médio do Colégio Estadual Dr. José Feliciano Ferreira, Colégio Estadual Damores do Amaral Medeiros e Projeto de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), que me motivaram a estudar para aprender a aprender a ensinar.

Aos meus professores de Português, Inglês, Computação e Colaboradores: Davi Lopes Pereira; Maria Abadia Silva, Géster de Souza Cabral e Flávio Fontoura Medeiros e Maria Aparecida da Silva pelos ensinamentos e dedicação no exercício da função.

Aos meus familiares e amigos do Estado de Goiás e cidade do Rio de Janeiro.

Aos meus colegas e professores de Educação Física que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Em especial, ao meu primo José Martins da Costa Sobrinho, que sempre esteve presente em minha caminhada, pelas contribuições nesta dissertação.

Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concebido a vida neste plano terreno e, por meio de sua bondade infinita, o potencial de concretizar mais uma conquista em minha vida.

Aos professores doutores da 5ª Turma do Mestrado em Educação, Ana Maria Faccioli de Camargo, Andrea Maturano Longarezi, Alaíde Donatoni, Célia Maria de Castro Almeida, Luis Eduardo Alvarado Prada, Fernanda Telles, Marilene Ribeiro Resende, Martha Maria Prata Linhares, Mirna Tonus, Raul Osório Vargas, Sueli Teresinha de Abreu Bernardes, Sálua Cecílio, Otaviano José Pereira, pelos ensinamentos e os valiosos conhecimentos transmitidos durante o curso.

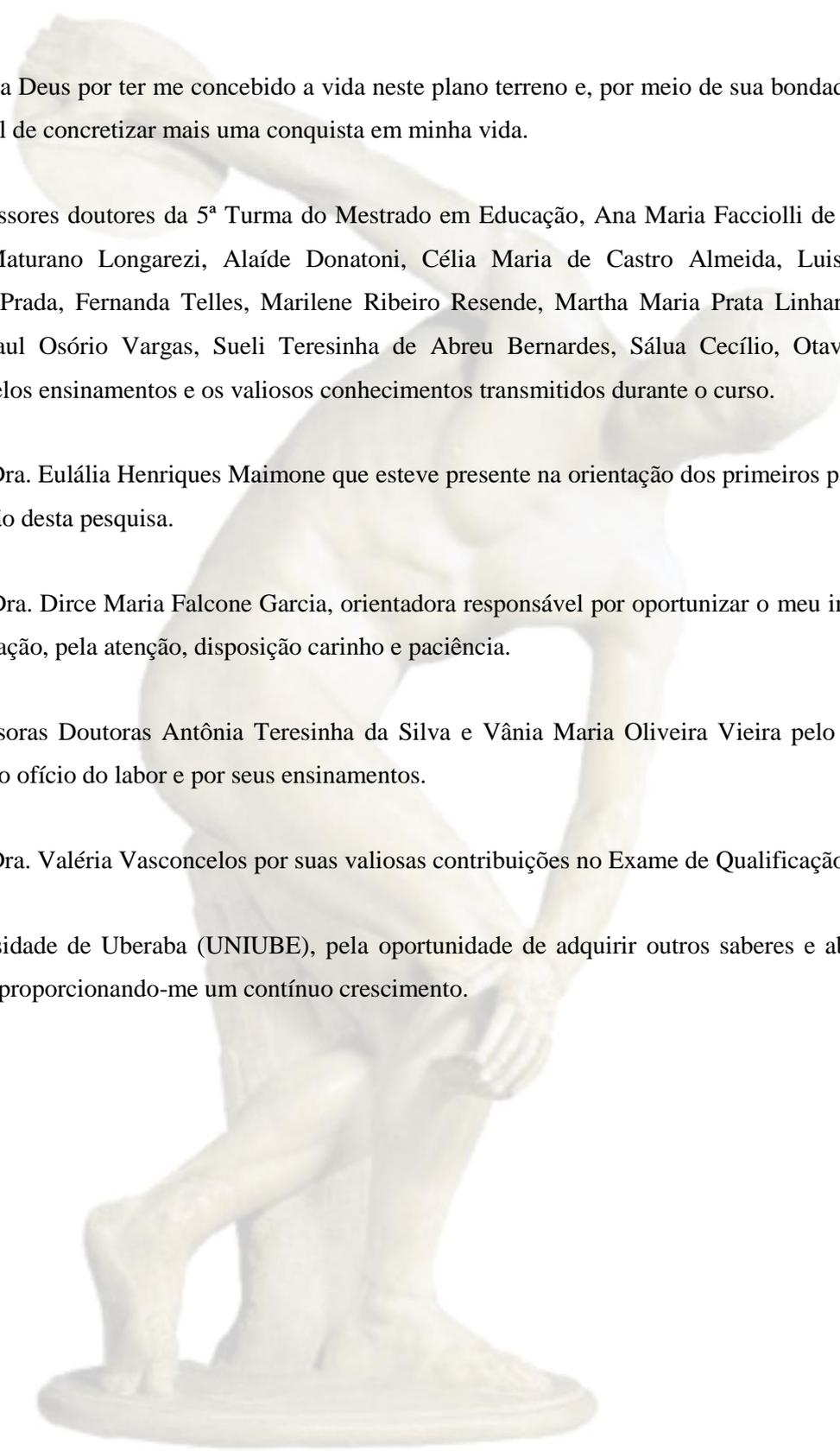
À Profa. Dra. Eulália Henriques Maimone que esteve presente na orientação dos primeiros passos para a realização desta pesquisa.

À Profa. Dra. Dirce Maria Falcone Garcia, orientadora responsável por oportunizar o meu ingresso na pós-graduação, pela atenção, disposição carinho e paciência.

As professoras Doutoradas Antônia Teresinha da Silva e Vânia Maria Oliveira Vieira pelo carinho e amizade no ofício do labor e por seus ensinamentos.

À Profa. Dra. Valéria Vasconcelos por suas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

À Universidade de Uberaba (UNIUBE), pela oportunidade de adquirir outros saberes e abrir novos caminhos proporcionando-me um contínuo crescimento.





“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

(Cora Coralina)

RESUMO

Este estudo trata das concepções da Educação Física Escolar de professores do ensino fundamental das redes públicas de Itumbiara-GO e do que dizem sobre suas práticas pedagógicas. A Educação Física Escolar tem sido vista, pela maioria dos professores, como um componente curricular preocupado em ensinar apenas o “saber fazer” constituído de atividades esportivas e habilidades motoras. Com esta pesquisa pretendemos encontrar respostas às perguntas: Há mudanças nos fundamentos teóricos da Educação Física Escolar e se houver como são apropriadas pelos professores de EFE? Como a Educação Física é concebida pelos professores das redes públicas, Municipal e Estadual? Qual é o lugar que atribuem às competições esportivas em suas práticas? O que dizem sobre o modo como ensinam Educação Física aos alunos? Este estudo teve como objetivo geral analisar e discutir como algumas concepções dominantes da Educação Física Escolar são apropriadas pelos professores e se estes valorizam a formação do educando como ser humano integral, historicamente situado e participante da sociedade como cidadão. Os processos de construção e a interpretação da realidade pesquisada se deram a partir da revisão bibliográfica, documental e da pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e análise de conteúdo, fundamentada em Bardin. Fez-se o uso da entrevista semiestruturada e observação informal das aulas. Este estudo mostrou que predominam as concepções da aptidão física, o ensino centrado na prática do esporte embora em suas falas deem muita importância à formação integral do cidadão. Os 11 entrevistados sentem-se gratificados em serem professores de Educação Física por ser a disciplina que os alunos mais gostam. Apontam as dificuldades no exercício da docência, por falta de infraestrutura, materiais, quadras adequadas e cobertas. Sentem falta de cursos de formação continuada para a área e de maior valorização profissional. Este estudo fundamentou-se em Barbosa, Betti, Bracht, Coletivo de Autores, Chaves, Caparroz, Darido, Hildebrandt, Neira e Nunes, dentre outros.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Concepções de Educação Física Escolar. Formação Docente.

ABSTRACT

This study analyses the teachers' concepts about Physical Education, from public municipal and state schools in Itumbiara-GO, and over what they say about their pedagogical practices. The Physical Education at school has been seen, by most of the teachers, as a curricular discipline worried to teach just "how to do" what constitute the sport activities and motive skills. With this research, we intended to find answers to the following questions: Are there any changes in the theoretical basing of Physical Education? How is Physical Education granted by both municipal and state teachers? How do they see the sportive competitions in their practices? What do they say about teaching the Physical Education to the students? This study has the general aim to analyze and discuss how some dominant concepts of Physical Education have been appropriated by the teachers and in what proportion it had been used by the teachers to form their students as a whole human being, historically located and included in society as a real citizen. The processes of construction and the interpretation in this research, happened through bibliographical, documentary resurvey and field research, with qualitative discussion and subject analysis, based on Bardin. A semi-structured interview and informal observations of some classes were made to obtain data. The study showed the conceptions that turns around the physical fitness are predominant; and that the teachers focus the sporting practices, although in their speeches they give much importance to the integral formation of the student as a citizen. The eleven teachers are grateful for being a Physical Education teacher because it is the subject the students enjoy the most. They point out many difficulties found in executing their labour because of the lack of infra-structure, materials and improper incovered courts. They also point out the lack of continued teachers' formation courses in their area and the need of more professional valorization. This study was based on Barbosa, Betti, Bracht, Coletivo de Autores, Chaves, Caparroz, Darido, Hildebrandt, Neira e Nunes, among any others.

Key-Words: Physical Education. Conceptions of Physical Education. Teacher's formation.

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa, sobre as concepções de professores na área de Educação Física Escolar e o caminho percorrido durante o processo de investigação contemplam meus interesses e minha prática profissional, passam pelo referencial bibliográfico, documentos oficiais, coleta e análise de dados empíricos e informações. A minha trajetória profissional foi fundamental na definição deste trabalho.

Nasci em Itumbiara-GO, onde passei minha infância e adolescência com minha família. Mudei-me para Goiânia-GO, capital do Estado, em minha juventude, tendo concluído em 1989 a graduação em Educação Física na Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás (ESEFEGO). No período em que estava estudando fui estagiária de natação no SESI de Campinas, em Goiânia-GO. Também trabalhei em ruas de lazer e colônia de férias pela Secretaria de Desporto e Lazer (SEDEL), em várias cidades do interior do Estado de Goiás. Ministrei aulas de Educação Física no Colégio Municipal Bárbara de Moraes em Goiânia-GO, na Educação Infantil.

Recém-formada, fui para a cidade do Rio de Janeiro-RJ, em 1990, e concluí o curso de Pós-Graduação em Docência Superior. Graduei-me em Fisioterapia em 1997. Neste período, trabalhei em vários clubes tais como: Akxe Sport Side, Associação Atlética Portuguesa, Clube de Regatas Botafogo, Clube de Regatas Guanabara, ministrando aulas de natação.

Exerci a função de árbitra da Federação Aquática Goiana de Natação (FAGO), na Federação Aquática do Rio de Janeiro (FARJ) e Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA).

Estas experiências e vivências foram imprescindíveis para minha formação profissional e tiveram grande contribuição em minhas práticas pedagógicas.

Em 1998, passei no concurso Público Municipal da Fundação de Cultura Esporte e Lazer (FUNCELE) de Itumbiara-GO, onde desenvolvi o projeto “bom de bola, bom na escola” com destaque para os seguintes esportes: voleibol, handebol, futebol de campo e futsal, resgatando os valores sociais de crianças de classe menos favorecida.

Em 1999, passei no Concurso público da Secretaria Estadual de Educação, ministro aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio desenvolvendo projetos extracurriculares nos esportes como: handebol e futsal.

Em 2000, na cidade de Itumbiara-GO, trouxe a natação para a escola pública. E o projeto de natação na escola pública teve como objetivo estabelecer a relação entre os educandos, possibilitando o experimentar e vivenciar a prática de natação nos vários estilos de nado, dos mais simples aos mais complexos. O projeto proporcionou aos educandos conhecimentos em dimensão cultural e global, despertando consciência crítica e reflexiva, motivando os mesmos a repensar os valores sociais dos diversos segmentos da sociedade, enriquecendo sua autoestima com liberdade e segurança.

Nesse mesmo período participei de vários cursos, congressos e seminários na área de Educação Física, tendo a preocupação com a minha formação profissional.

Em 2001, desenvolvi projeto de natação e hidroginástica na Vila Vida, com um grupo da terceira idade com objetivo terapêutico, resgatando os valores e a qualidade de vida.

Entre 2002-2003, continuei desenvolvendo o projeto de natação que muito contribuiu para o desenvolvimento social e educacional dos educandos do Colégio Estadual. Como professora, levei os alunos a participarem dos Jogos Estudantis do estado de Goiás da Região Sul, sendo que as equipes foram campeãs da região sul de Goiás por três anos consecutivos. Retornando a Goiânia em 2003, fiz a pós-graduação Lato-Sensu em Educação Física escolar na Universidade Estadual de Goiás (UEG).

No período de 2002 a 2004 exerci a profissão de fisioterapeuta em um Centro de Reabilitação, na especialidade neurológica, traumato-ortopedia e reeducação postural e trabalhei com equipe multidisciplinar ministrando aulas de natação para o grupo de obesos, com o objetivo de que os adolescentes emagrecessem e que tivessem uma melhor qualidade de vida.

Nas escolas, continuei trabalhando para levar os alunos a participarem dos jogos estudantis. Aos poucos fui conquistando o meu espaço com liberdade, com trabalho e dedicação nas tomadas de decisões e a disponibilidade para o diálogo e negociações, espaço para o erro e o acerto, para o sonho, respeitando os anseios e o medo, acreditando nas potencialidades do educando, para que este pudesse vir a ter sua iniciativa própria, com capacidade de reflexão nas tomadas de decisões, construindo sua autonomia intelectual, moral e corporal. Foi de suma relevância mostrar para a comunidade escolar que é possível realizar mudanças que repercutam na sociedade; depende de cada um de nós fazermos a nossa parte, dando a nossa contribuição.

Entre 2003-2007, ministrei aulas de Educação Física e desenvolvi o projeto de natação no Projeto de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), um programa do Governo Federal que tem por objetivo retirar as crianças e adolescentes de baixa renda, entre 6 e 15 anos, do trabalho infantil considerado perigoso, penoso, insalubre ou degradante, por ser aquele trabalho que coloca em risco a saúde e segurança da criança e do adolescente.

Em 2006, participei do projeto Parceiros no Trânsito com o objetivo de reeducar as crianças, jovens e adultos no trânsito.

Participei em 2007 do XV Jogos Pan-Americanos, na cidade do Rio de Janeiro, atuando como voluntária dando apoio à arbitragem nas modalidades de ciclismo, patinação e softbol, e participando do III jogos Parapan-Americanos, na modalidade natação apoiando os atletas na competição, na piscina Maria Lenk na cidade dos esportes, uma experiência inesquecível. Cumprimos nossa missão como voluntária e entregamos ao Brasil e às Américas um novo padrão de megaevento continental.

Pensando e agindo assim, sempre tive sede de conhecimentos e o que me trouxe aqui foram as minhas inquietações e as minhas indagações sobre aprender e aprender a ensinar, que me fez refletir sobre as minhas práticas pedagógicas e as concepções de Educação Física que nos fazem crer sermos seres humanos dotados de múltiplas inteligências, sobre o tipo de cidadão que queremos formar para se sentirem incluídos na sociedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: das concepções tradicionais aos novos paradigmas	20
1.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A EDUCAÇÃO CORPORAL.....	20
1.2 Educação Física Escolar: das concepções tradicionais aos novos paradigmas	28
2 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ITUMBIARA/GO: suas trajetórias e experiências práticas.....	40
2.1 IDENTIFICANDO OS SUJEITOS E SUAS EXPERIÊNCIAS COMO EDUCADORES E PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	40
2.2 Ser professor de Educação Física em Itumbiara-GO nos dias atuais.	44
2.3 Dificuldades no Ensino Fundamental da Rede Pública.....	47
2.4 Satisfações pessoais do professor na escola	52
2.5 Professores de Educação Física: o planejamento em discussão	55
2.6 O professor de Educação Física e sua participação no Projeto Político Pedagógico – PPP.....	59
2.7 Os alunos e a Educação Física, segundo os professores do ensino fundamental da rede pública.....	62
3 OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ITUMBIARA-GO: suas concepções em debate.....	66
3.1 O SIGNIFICADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA OS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA	66
3.2 Os Professores e a organização das aulas teóricas e práticas de Educação Física.	71
3.3 Professores de educação física: os objetivos da disciplina em foco.....	76
3.4 Educação Física Escolar: a proposta dos professores do ensino fundamental da rede pública	79
3.4.1 Predominância dos esportes como conteúdo da Educação Física Escolar.....	81
3.5 Avaliação e sua complexidade: os critérios a serem repensados nas aulas de Educação Física.....	88
3.6 Educação Física Escolar: as olimpíadas em discussão.....	91
4 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E SABERES DOCENTES: aproximações com a formação de professores de Educação Física	97
4.1 CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA.....	99
4.2 Formação continuada de professores de Educação Física no exercício da função.....	101
4.3 Educação Física no ensino fundamental da rede pública de Itumbiara/GO: buscando novas alternativas.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE A	117
APÊNDICE B.....	118
APÊNDICE C.....	119
APÊNDICE D	120

INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a analisar as concepções de Educação Física Escolar (EFE) e as representações das práticas pedagógicas exteriorizadas pelos onze professores do ensino fundamental de 6º ao 9º ano de cinco escolas da rede pública Municipal e sete escolas da rede pública Estadual de Itumbiara-GO.

A Educação Física contempla conhecimentos produzidos por processos de investigação, fundamentados em referencial bibliográfico e documental, nos múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento, com finalidades de inserção social, recreação, lazer, expressão dos sentimentos, de afeto, emoções, com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde. (BRASIL, 1998, p. 23). Segundo os Parâmetros curriculares nacionais específicos para a área, a Educação Física contribui para o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões. No desenvolvimento das relações sociais a Educação Física escolar cria condições para que os indivíduos estabeleçam relações com as pessoas e com o mundo; no desenvolvimento biológico, favorece o conhecimento do corpo e de suas possibilidades; no desenvolvimento intelectual, contribui para a evolução do cognitivo; e no filosófico, contribui para o autocontrole, para o questionamento e a compreensão do mundo.

O campo de intervenção da Educação Física extrapola os limites da escola e o profissional da Educação Física não atua exclusivamente no âmbito escolar, porém neste estudo o foco recai sobre a Educação Física escolar.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN: Lei federal nº 9.394/96, art. 26, parágrafo 3º (BRASIL, 1996), a Educação Física escolar passou a representar um “componente curricular da Educação Básica” cuja oferta deverá estar, “integrada à proposta pedagógica da escola”, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

É uma prática pedagógica que, como tal, está alicerçada em conhecimentos científicos e da experiência cotidiana. Podemos considerá-la um campo interdisciplinar de saberes cujo objetivo é o estudo da cultura corporal e do movimento humano. Apesar de sua contribuição para trabalhos interdisciplinares, ainda se faz presente a hegemonia de algumas áreas do conhecimento no campo da Educação Física escolar, sobretudo no estudo do movimento humano e da cultura corporal, como é o caso da biomecânica.

Atualmente se concebe a existência de algumas abordagens para a Educação Física escolar no Brasil, que resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Todas essas correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão aproximando-a das ciências humanas; e embora contenham enfoques científicos diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, têm em comum a busca de uma Educação Física escolar que articule as múltiplas dimensões do ser humano.

De um modo geral, a Educação Física escolar tem sido vista pela maioria dos professores como um componente curricular preocupado em ensinar apenas o “saber fazer” constituído de atividades esportivas e habilidades motoras. No entanto, contrariando essa concepção simplificadora, os Parâmetros Curriculares propõem que, independente de qual seja o conteúdo escolhido, o processo de aprendizagem deve considerar as características dos alunos em todas suas dimensões – cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social. Portanto os PCNs adotam uma concepção de EFE voltada para a formação integral dos alunos com a qual concordamos. "Sobre o jogo de voleibol, handebol, ou uma dança, o aluno deve aprender, para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias dos movimentos corporais para poder analisar crítica e esteticamente, avaliar eticamente, significá-los, e recriá-los." (BRASIL, 1998, p. 24).

Para compreender o momento atual da Educação Física escolar é necessário considerar suas origens no contexto brasileiro, abordando as principais influências que marcaram e caracterizaram esta disciplina e os novos desafios postos por correntes filosóficas, que influenciam nas mudanças em sua tendência política, científica e pedagógica, no sentido de respeitar e valorizar a pluralidade das manifestações da cultura corporal do Brasil. Nesse novo contexto histórico da Educação Física Escolar, após a LDBEN de 20/12/1996, Lei 9394, a concepção da formação de professores de Educação Física escolar e as metodologias devem ser repensadas, com vista à transformação da prática pedagógica, assumindo a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento. (BETTI, 1991). Por todas as mudanças legais, com destaque para as diretrizes curriculares, fica implícita a necessidade de uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e a formação continuada de professores.

Este estudo se apóia na literatura especializada sobre as concepções de Educação Física propostas por alguns autores tais como: Betti, (1991); Bracht, (1999); Caparroz, (2007);

Chaves, (2004); Coletivo de Autores, (2006)¹; Hildebrandt (2005); Neira e Nunes, (2008); Soares, (2007); Vago, (1999).

Um fator importante relacionado às concepções de Educação Física escolar refere-se às maneiras diferenciadas de compreender esta disciplina e seu papel social. Tem havido uma tendência teórica de deslocar o enfoque disciplinador, higienista e médico para o enfoque sócio-cultural, apoiado nas ciências sociais, o que muda substancialmente o sentido das práticas pedagógicas da Educação Física Escolar.

Com esta pesquisa pretende-se encontrar respostas também para as perguntas a seguir: a) Há mudanças nos fundamentos teóricos da Educação Física Escolar e se houver como são apropriadas pelos professores de EFE? b) Como a Educação Física é concebida pelos professores da rede pública Municipal e Estadual? c) Qual é o lugar que atribuem às competições esportivas em suas práticas? d) O que dizem sobre o modo como ensinam Educação Física aos alunos? Este estudo tem como objetivo geral analisar e discutir como algumas concepções dominantes da Educação Física Escolar são apropriadas pelos professores e se estes valorizam a formação do educando como ser humano integral, historicamente situado e participante da sociedade como cidadão. Os objetivos específicos são: a) analisar as diferentes concepções de Educação Física, situando-as historicamente; b) conceituar Educação Física Escolar e seus objetivos de acordo com a legislação em vigor Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) e Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998); c) identificar as concepções predominantes entre professores de Educação Física Escolar das redes Municipal e Estadual.

Este trabalho de pesquisa é relevante por vários motivos: a) tem relevância operativa na medida em que essa pesquisa é capaz de produzir novos conhecimentos sobre a prática da Educação Física escolar e sobre a formação de professores; b) tem relevância por se tratar de tema contemporâneo e proporcionar um debate sobre a EFE e sua importância para a transformação social e para a autonomia dos alunos; c) tem relevância porque expõe uma nova postura da área da Educação Física sobre a educação física escolar como uma disciplina, não mais como reprodutora de movimentos corporais padronizados e voltados para o desenvolvimento da aptidão física, e sim criadora de possibilidades de exploração pedagógica dos movimentos corporais, culturalmente desenvolvidos.

¹ Coletivo de Autores é uma obra de autoria coletiva, assim denominada por eles, formada pelos professores pesquisadores de Educação Física escolar Valter Bracht, Micheli Ortega Escobar, Lino Castellani Filho, Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zulke Taffarel, Maria Elizabeth Medicis Pinto Varjal (graduada em pedagogia).

Procedimentos Metodológicos

Os processos de construção e a interpretação da realidade pesquisada deram-se pela pesquisa documental e bibliográfica, necessárias para fundamentar a pesquisa empírica numa abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa, no campo das Ciências Sociais e humanas, tem como característica o fato de operar com significados, valores, crenças e motivações, que dizem respeito aos aspectos subjetivos, construídos no espaço social; e que não podem ser simplesmente reduzidos às dimensões quantitativas. Entretanto, os dados quantitativos e qualitativos acabam sendo complementares dentro de uma pesquisa, embora não seja o caso desta pesquisa.

Conforme Gurvitch (apud ASTI VERA, 1972, p.34), na pesquisa de campo, "qualquer que seja a técnica que um pesquisador da realidade social utilize, seus objetos de estudo devem ser sempre "totalidades". Ou seja, devem ser abordados de modo "integral" e concreto, fundamentados em princípios científicos; e qualquer que seja o aspecto de sua investigação, os fenômenos a que se propõe a investigar estarão intimamente interligados a unidades coletivas da realidade, com a finalidade de encontrar respostas para os problemas, comprovar hipótese ou descobrir relações desconhecidas entre os fatos examinados. Os procedimentos devem respeitar as exigências científicas da exploração empírica, para que se torne um instrumento válido e fidedigno, de forma que possam ser repetidos por qualquer pesquisador e chegar a resultados semelhantes.

Toda técnica de investigação deve adaptar-se à natureza do objeto de estudo, pois existe relação entre a técnica e o objeto de estudo. Segundo Gurvitch (apud ASTI VERA, 1972, p.35), "as técnicas sociológicas devem ser dialetizadas", uma vez que dependendo da pesquisa e do objeto de estudo elas serão definidas. Isto é válido também para a definição da abordagem, qualitativa ou quantitativa.

Segundo Haguette (1992, p. 63-64) o método qualitativo fornece uma compreensão maior de certos fenômenos sociais que dão maior relevância ao aspecto subjetivo da ação social.

Esta pesquisa foi desenvolvida na busca do entendimento, fundamentada em teorias sobre a realidade da Educação Física escolar, das diferentes concepções dos Professores de Educação Física das redes públicas, Municipal e Estadual, sobre a disciplina que ministram. Em especial, trata da análise das concepções dos professores do ensino fundamental da cidade de Itumbiara-GO, sobre Educação Física Escolar relacionando-as com as suas condições de

formação e de trabalho.

A opção por este objeto de estudo se deu em função de preocupações voltadas para as questões da prática pedagógica da Educação Física Escolar e a predominância do esporte no contexto social da escola; e a necessidade da compreensão das concepções pelos professores do ensino fundamental sobre a Educação Física escolar e as práticas que instituem em suas aulas.

Na pesquisa de campo, fez-se o uso da entrevista semiestruturada e a da observação informal, no período de 2008-2009, com 11 professores do 6º ao 9º ano do ensino fundamental das redes Pública Municipal e Estadual em sete Colégios Públicos Estaduais e cinco Escolas Municipais. As escolas foram selecionadas em função de estarem localizadas no centro e periferia. A motivação por tal critério deu-se pela preocupação em identificar se as escolas centrais têm melhor estrutura física do que as escolas da periferia – e se a diferença na estrutura física interfere nos discursos dos professores sobre a Educação Física escolar e suas práticas.

Sendo assim, foram entrevistados onze professores de Educação Física sendo que quatro ministram aulas somente nas Escolas Estaduais; quatro destes ministram aulas somente nas Escolas Municipais e três destes ministram aulas nas duas redes públicas; e dois destes professores ministram aulas também no Ensino Superior. O número de sujeitos entrevistados é inferior ao número de Escolas porque há professores que trabalham concomitantemente nas duas redes.

Na coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, como já afirmado anteriormente, com o uso do gravador e fitas microcassete MC-60, seguindo um roteiro básico (APÊNDICE A) e que permitiu uma maior liberdade ao entrevistado para responder às questões levantadas pela pesquisadora. Houve uma segunda etapa da entrevistas com os onze professores em que foi elaborado outro roteiro básico (APÊNDICE B) com questões levantadas para o aprofundamento de temáticas abordadas na primeira etapa, e que consideramos que poderiam ser enriquecidas. Tomou-se por fundamento a definição deste tipo de entrevista dada por Haguette (1992 p. 86) que “(...) considera um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, entrevistado.”

As entrevistas, previamente agendadas, e de acordo com a conveniência dos entrevistados, foram realizadas ora na residência do entrevistado, ora na residência da entrevistadora ou ainda, nas escolas Municipais e Estaduais onde os professores de Educação Física atuam.. Foi utilizado o diário de campo para o registro das observações informais. As

questões norteadoras da pesquisa foram organizadas tendo em vista as necessidades de maiores informações sobre o tema. A coleta de dados empíricos teve início sistemático com a entrevista, que representa um dos elementos básicos na perspectiva da pesquisa desenvolvida. Para maior enriquecimento dos dados coletados foram elaboradas questões abertas, a fim de permitir maior liberdade ao entrevistado para discorrer sobre os temas propostos.

Para a análise foram considerados os dados coletados e registrados e o referencial teórico das concepções da Educação Física escolar e a análise de conteúdo baseada em Bardin (1994). Após a leitura minuciosa dos depoimentos, realizada em vários momentos, foi possível apreender a visão de cada um dos professores participantes da pesquisa, realizando a descrição e análise de acordo com as unidades de sentido ou eixos temáticos.

No âmbito desta pesquisa, alguns eixos temáticos foram considerados relevantes. São os seguintes: concepções dos professores de Educação Física; as práticas desenvolvidas; avaliação; os objetivos da Educação Física Escolar; as condições de trabalho; a formação; as dificuldades no exercício da prática; as satisfações; as Olimpíadas escolares.

Os resultados das reflexões dos professores foram analisados conjugando a análise de conteúdos (BARDIN, 1994) com a visão de que para compreender as falas dos sujeitos colaboradores é preciso colocá-las em seu contexto, a partir de sua especificidade, porém referidas à totalidade histórica em que são produzidas. E considerando-as resultante das condições sociais e históricas, não deixa de lado as possibilidades de transformação da realidade pela ação dos sujeitos. (MINAYO, 1996).

Ao fazer a análise, procurou-se identificar, de modo organizado, os núcleos de sentido nas formas concretas de suas falas, constituindo assim as unidades temáticas desta pesquisa. Começou-se a análise das entrevistas, pelos dados pessoais e relações entre as vivências e experiências de vida dos educadores e prática docente. E, posteriormente, pelos demais temas considerados relevantes neste trabalho. Neste estudo, a fase de pré-análise foi realizada inicialmente pela transcrição de fitas cassetes e as leituras repetidas do material. Após, os dados das entrevistas foram organizados e sistematizados de acordo com a proposta de análise.

Foi elaborado um quadro onde estão listados os aspectos que permitem identificar o perfil dos professores de Educação Física que participaram como sujeitos da pesquisa, a quem atribuímos os nomes fictícios.

O processo de realização das entrevistas se deu da seguinte forma: primeiramente, os professores de Educação Física foram procurados nas escolas da rede Municipal e Estadual do ensino fundamental; realizamos uma anamnese prévia com as questões relevantes em função

dos mesmos estarem participando e colaborando com a pesquisa. Foi estabelecida uma conversa com eles abertamente, sobre sua disponibilidade para participarem da pesquisa. Depois, foram agendadas as entrevistas com os professores, estabelecendo a data, horário e local para a realização das entrevistas.

Vários contatos foram feitos com a direção das escolas da rede pública, com o intuito de comunicar a eles que os professores já tinham sido contatados e já haviam concordado em colaborar com a pesquisa. Entre os professores, todos os que haviam sido contatados aceitaram participar. Após a assinatura do termo de consentimento foram entrevistados individualmente.

Esta dissertação foi estruturada em quatro capítulos expostos a seguir: 1- Educação Física escolar: das concepções tradicionais aos novos paradigmas; 2- O Professor de Educação Física do Ensino Fundamental de Itumbiara/GO: suas trajetórias e experiências práticas; 3- As Concepções dos professores de Educação Física do Ensino Fundamental da Rede Pública de Itumbiara/GO- 4- Formação continuada de professores e saberes docentes e Considerações Finais.

Inicialmente, no capítulo 1, Educação Física Escolar: das concepções tradicionais aos novos paradigmas, são apresentadas as explicações, das concepções tradicionais aos novos paradigmas da Educação Física Escolar.

Nos capítulos 2 e 3 serão analisados os seguintes aspectos pertinentes: 2- professor de Educação Física do Ensino Fundamental suas trajetórias e experiências práticas; 3- As concepções de Educação Física Escolar dos professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental das redes públicas.

E, por fim, no capítulo 4, são analisadas, à luz dos teóricos da formação de professores, as visões dos professores sobre sua formação inicial e continuada e a importância dos saberes docentes. Nesse capítulo, são apresentados os dilemas e escolhas dos professores de Educação Física do Ensino Fundamental das redes públicas municipais e Estaduais, de Itumbiara-GO, e possíveis encaminhamentos.

1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: das concepções tradicionais aos novos paradigmas

Neste capítulo serão abordados os fundamentos teóricos das concepções tradicionais e os novos paradigmas da Educação Física Escolar (EFE).

Para que se compreenda o momento atual da Educação Física, é necessário considerar suas origens no momento histórico em que foram construídas e no contexto brasileiro, abordando as principais influências que marcam e caracterizam esta disciplina; e os novos rumos que a estão delineando.

Durante muitos anos do século XIX, a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e a classe médica. Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina na perspectiva higienista e suas finalidades, quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada. A preocupação dominante era com os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento físico e da moral, a partir do exercício.

Atualmente se concebe a existência de algumas abordagens para Educação Física Escolar no Brasil que resultam da articulação de diferentes concepções e tendências pedagógicas, psicológicas, sociológicas e filosóficas. Todas essas correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área aproximando-a das ciências humanas. E, embora contenham enfoques científicos diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes e até contraditórios, têm em comum a busca de uma Educação Física que contemple o ser humano nas dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o indivíduo em sua totalidade humana. Ressaltando, ainda, que a presente dissertação não tem a pretensão de dizer se há uma tendência única a ser seguida e sim apresentá-las em suas diversidades uma vez que, apesar da evolução neste âmbito, ainda existe a necessidade de aprofundamento dos debates acerca dos conteúdos da Educação Física escolar, cuja manifestação ultrapassa o universo da escola, mas estabelece com esta vínculos significativos.

1.1 A Educação Física Escolar e a Educação do corpo

Para compreender a Educação Física escolar no século XXI recorreremos à história da Educação Física no século XIX e início do século XX, quando a preocupação maior desta disciplina era com aptidão física. Esta foi, por muito tempo, determinante do conteúdo específico da disciplina escolar.

Com o avanço dos conhecimentos na área, os estudiosos da Educação Física foram capazes de perceber que era preciso mudar as práticas pedagógicas da Educação Física escolar, aproximando-as das necessidades do tempo atual. Como diz Barbosa (2007, p.21) “o principal papel da EFE, incluída num contexto mais amplo, que é a Educação, é de formar cidadãos críticos, autônomos e conscientes de seus atos, visando a uma transformação social”. Portanto, a EFE extrapola os limites da educação do corpo para a educação do cidadão.

Na obra, Metodologia do Ensino da Educação Física, do Coletivo de Autores (2006), podemos identificar que, ao se preocuparem com a delimitação de um conhecimento específico da Educação Física escolar, os autores se contrapõem aos pressupostos da vertente adepta da concepção da aptidão física, sugerindo que uma teoria da prática pedagógica da Educação Física escolar precisa estar localizada no conflito entre “o que vem sendo feito e o que deveria ser”. E para que seja estabelecida essa tensão, faz-se necessária uma “reflexão sobre a cultura corporal do movimento”. Para tais autores, a Educação Física escolar na condição de disciplina do currículo deve “tematizar” as formas de atividades expressivas corporais que configuram uma área do conhecimento denominada cultura corporal, proporcionando:

[...] uma reflexão pedagógica sobre o acervo das formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros que podem ser identificados com formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 2006, p.38).

Esta posição assumida pelo coletivo de autores revela uma tendência hoje dominante no campo da Educação Física como disciplina escolar, no Brasil, e diferente da que predominou durante séculos, que passamos a discorrer de modo sucinto.

Conforme Cantarino Filho (1982 apud BETTI, 1991, p.63) a Educação Física surgiu no Brasil no século XIX, em 1851, com a Reforma Couto Ferraz, quando foi aprovada a reforma no ensino primário e secundário.

Em 1854, com Couto Ferraz já ministro do Império, a ginástica tornou-se obrigatória no primário e a dança, no secundário. Em 1882, houve, a seguir, a reforma do ensino primário pelo projeto nº 224, cujo parecer de Rui Barbosa aprovou que a ginástica devesse ser oferecida para ambos os sexos e também nas Escolas Normais. Foi neste contexto, na década de 20, que vários Estados realizaram as reformas educacionais, as quais foram precursoras das

reformas nacionais. Porém, a implantação, de fato, dessas leis ocorreu em parte e, nos primeiros anos na década de 30 ficou restrita às escolas do Rio de Janeiro – capital da república– e às Escolas Militares.

Cantarino Filho (1982 apud BETTI, 1991, p. 64) afirma:

Em várias destas reformas, a Educação Física foi incluída nos currículos escolares, geralmente sob a denominação de “ginástica”. Assim foi a reforma de Sampaio Dória (1922-1923), em São Paulo; Reforma Lourenço Filho (1922-1923), no Ceará (sic); Reforma Carneiro Leão (1922-1926), no Distrito Federal em Pernambuco (1928); Reforma Francisco Campos (1927-1928), em Minas Gerais; Reforma Anísio Teixeira (1928), na Bahia e Reforma Fernando Azevedo (1928), no Distrito Federal.

A Educação Física no Brasil no século XX sofreu influência dos movimentos ginásticos europeus, em função de sistematizar os exercícios físicos denominados de métodos ginásticos. Os autores mais conhecidos são: o sueco P.H Ling, o francês Amoros e o alemão A. Spiess, com contribuições advindas de fisiologista como G. Demeny, E. Marey, médicos como P. Tissié e ainda professores de música como J. Dalcroze. Estes autores apresentaram propostas para a Educação Física que valorizavam a ginástica na escola e, assim, acabaram por fornecer importante instrumento para o aprimoramento físico dos indivíduos que com o corpo saudável estariam aptos para contribuir com a indústria, com exércitos, assim como com a prosperidade da pátria. (COLETIVO DE AUTORES, 2006, p. 52).

Conforme Soares (2007), os discursos médico-higienistas remetem à compreensão de Educação Física como sinônimo de saúde física e mental numa perspectiva disciplinar e moral. Nessa concepção, a prioridade é a disciplina dos corpos, dos hábitos de vida dos indivíduos, tudo em nome da saúde, da paz e da harmonia social, ou seja, em nome da civilização. Baseia-se na ideia de que a EFE estaria possibilitando aos indivíduos ter hábitos saudáveis e serem capazes de garantir seu bem-estar físico. As práticas militares dos exercícios sistematizados foram transpostos para o plano civil e ressignificados pelo conhecimento médico.

No início do século XX, os profissionais da educação física que atuavam nas escolas eram instrutores formados nas instituições militares que atuavam empregando séries de exercícios físicos, rigidamente estabelecidos pelos critérios bio-médicos, e os da Instituição militar. (COLETIVO DE AUTORES, 2006).

As concepções médico-higienistas, como se pode observar, construíram um discurso normativo, disciplinador e moral, fundamentadas numa abordagem positivista da ciência, e em alguns princípios da ideologia burguesa. A base das propostas de disciplinamento moral

dos corpos dos indivíduos, dos hábitos e do controle de vida favoreceu a pregação da “educação do físico”, almejando a saúde, a ordem e o progresso, de fundamental importância na formação de indivíduos fortes e saudáveis, que fossem capazes de defender a pátria e seus ideais. A medicina social foi sendo apoiada pelo poder do Estado, e alimentou a vertente higienista de suas políticas, influenciando substancialmente a Educação Física, a Educação Física Escolar em toda a sociedade brasileira. (SOARES, 2007, p.71).

Ainda no séc. XX, no Brasil, um país moderno e civilizado nos moldes dos padrões de racionalidade do mundo europeu, surgiram novas abordagens para a EFE pretendendo produzir um homem que, além de disciplinado, fosse também produtivo e que pudesse estar adaptado às mudanças políticas, econômicas e sociais de um novo tempo (SOARES, 2007). A construção desse homem novo, portanto, precisaria ser integral e para isso a educação deveria desenvolver os aspectos biológicos, culturais e físicos.

É nesta perspectiva que podemos entender a Educação Física como a disciplina necessária a ser viabilizada em todas as instâncias, de todas as formas, em todos os espaços, onde poderia ser efetivada a construção deste homem novo: no campo, na fábrica, na família e na escola. A Educação Física será a própria expressão física da sociedade e do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo “saudável”; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar. (SOARES, 2007, p. 5-6).

Na consolidação das idéias sobre esse entendimento do ser humano, o corpo sofre ação, sofre várias intervenções com a finalidade de adaptá-lo às exigências das formas sociais de organização da produção e da reprodução da vida. O corpo é alvo das necessidades produtivas (corpo produtivo), das necessidades sanitárias (“corpo saudável”), das necessidades morais (corpo deserotizado), das necessidades de adaptação e controle social (corpo dócil). O corpo na sociedade ocidental, na modernidade, carece de dignidade e essa carência do corpo vinha de seu caráter secundário a ele atribuído perante a força emancipatória do espírito ou da razão, predominante no imaginário social por séculos. (BRACHT, 1999, p.71)

Muito se tem discutido na área da Educação Física sobre sua presença nas práticas escolares, desde a constituição da escola brasileira republicana, no final do séc. XIX, quando se acreditava que a construção da prosperidade de uma nação e de um Estado fortes dependia em grande medida de uma forte educação intelectual, moral e física (VAGO, 1999).

O conhecimento médico-científico do corpo embasava e dava legitimidade à visão da Educação Física como instrumento para o desenvolvimento da aptidão física da população; e

na escola, para a aptidão física e esportiva dos alunos. A visão tradicional influenciou o modelo escolar que tinha na Educação Física um de seus pilares, justamente o responsável pela educação corporal, pela implantação de práticas escolares que levassem ao desenvolvimento racional do corpo, com exercícios físicos adequados aos meninos e meninas, de acordo com a representação sobre o corpo masculino ou feminino, predominante naquele momento, quando o corpo era pensado racionalmente, não só do ponto de vista da saúde, mas também para uma adaptação ao processo produtivo. A educação corporal foi escolarizada e o seu papel destacado na viabilização de um projeto de sociedade racional e civilizada, formada por cidadãos fisicamente saudáveis e “dóceis”.

Mas esse mesmo corpo, assim produzido historicamente, repunha a necessidade da produção de um discurso que o secundarizava, exatamente porque causava certo mal-estar à cultura dominante. O Corpo precisa, assim, ser alvo da educação, mesmo porque a educação corporal é educação do comportamento que, por sua vez, não é corporal, e sim humano. Educar o comportamento corporal é educar o comportamento humano. (BRACHT, 1999, p.72)

Mas é necessário vermos como o corpo é concebido na trajetória das diferentes construções históricas da Educação Física Escolar (EFE), e como esse entendimento de corpo e de educação corporal se concretizou. Antes é imprescindível fazer uma observação quanto ao equívoco que se difunde no âmbito da Educação Física. Trata-se do entendimento de que a educação corporal ou o movimento corporal é atribuição exclusiva da Educação Física. Sem dúvida, à Educação Física cabe uma tarefa que envolve as atividades de movimentos que só podem ser corporais, uma vez que humanos. No entanto, a educação do comportamento corporal, porque humano, acontece também em outras instâncias e em outras disciplinas escolares. E visa atingir outros objetivos, para além da educação corporal. Segundo Bracht (1999, p.73).

O corpo é alvo de estudos nos séculos XVIII e XIX fundamentalmente das ciências biológicas. O corpo aqui é igualado a uma estrutura mecânica - a visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e o seu funcionamento. O corpo não pensa, é pensado, o que é igual a analisado (literalmente, “lise”) pela racionalidade científica. Ciência é controle da natureza e, portanto, da nossa natureza corporal. A ciência fornece os elementos que permitirão um controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica. Melhorar o funcionamento dessa máquina depende do conhecimento que se tem do funcionamento e das técnicas corporais que construo com base nesse conhecimento.

Essa visão norteia a origem da Educação Física como disciplina escolar para cumprir a função de colaborar na construção e formação de indivíduos de corpos saudáveis e dóceis, que ajudasse numa educação estética (da sensibilidade), que permitisse uma adequada adaptação

ao processo produtivo. E essa visão foi legitimada pelo conhecimento médico - científico do corpo que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo. Ou ainda, numa perspectiva política nacionalista, que formasse cidadãos disciplinados e fortes, como no período da ditadura militar, entre 1969-1979, em que houve investimento pesado no esporte, tendo sido a dupla Educação Física/esporte considerada sustentáculo ideológico do regime. E o professor assumia a função de treinador, que valorizava a seleção dos mais hábeis, ou seja, dos que apresentavam melhores rendimentos.

Neste trabalho, procuramos destacar a contribuição da disciplina Educação Física escolar (EFE) para a educação do corpo que acontece na escola, e na discussão das teorias pedagógicas da disciplina Educação Física, nos fundamentando em Bracht (1999), dentre outros. Segundo o autor:

[...] é importante observar que na instituição escolar o termo disciplina envolve um duplo aspecto: por um lado, a dimensão das relações hierárquicas, observância de preceitos, normas da conduta do corpo; por outro, os aspectos do conhecimento propriamente dito. Portanto, a escola promove a “educação corporal”. Nos dizeres de Faria Filho (1997,0. 52): ‘Assim a como a escola ‘escolarizou’ conhecimentos e práticas sociais buscou também apropriar-se de diversas formas do corpo e constituir uma corporeidade que lhe fosse adequada’. Esse aspecto reveste-se de importância, uma vez que o tratamento do corpo na EF sofre influências externas da cultura de maneira geral, mas também internas, ou seja, da própria instituição escolar. (BRACHT, 1999, p.72).

Bracht afirma, ainda, que na década de 80 do século XX, a Educação Física aproximou-se das ciências sociais e humanas, e passou por um processo de crítica, tanto ao caráter científico da Educação Física com o predomínio de referencial das ciências biológicas, como àquele paradigma dominante do desenvolvimento da aptidão física e esportiva. O foco da crítica dos autores ao paradigma da aptidão física e esportiva foi por considerá-lo apropriado à manutenção da ordem capitalista vigente: favorecia a educação do corpo obediente e dócil e o gosto pela competição.

Caparroz, (2007) afirma que a Educação Física escolar busca uma conceituação mais precisa, sobretudo a partir dos anos 80. Salienta que em boa parte da literatura, ao se voltar para o trato de diferentes questões sobre a área e, principalmente, para o achado de uma definição conceitual, não fica explícita a que concepção de Educação Física se refere:

[...] se estiver tratando da educação física como prática social produzida historicamente nas relações entre os homens e que se consubstancia por intermédio do desporto, do lazer; da ginástica como forma de aprimorar/manter a condição física do indivíduo; ou do componente que faz parte da área de conhecimento, isto é, como objeto de interesse de estudos

sistemáticos e organizados, enfim, como campo de interesse científico. (CAPARROZ, 2007, p.19).

Decorrente dessa indefinição inicial surge outra que se refere ao fato de o aprimoramento das práticas sociais ser considerado apenas como consequência direta do desenvolvimento do conhecimento científico, como se essas práticas se constituíssem meramente em campo de aplicação das descobertas científicas.

Boa parte da literatura que se pretendeu científica, buscou explicações sobre “o que é a Educação Física,” e acabou se confinando, quase que exclusivamente, naquilo “que ela deveria ser”. (CAPARROZ, 2007, p. 18).

Pelo estudo bibliográfico feito, observamos que a Educação Física escolar é analisada por alguns estudiosos e entendida como uma disciplina pedagógica própria à instituição escolar. Para outros, a Educação Física escolar constitui-se em uma das expressões da Educação Física mais abrangente (dentre outras ramificações como desportivas, de lazer, corretivas, terapêuticas etc.). Portanto, sobre o entendimento do que seja Educação Física e a Educação Física escolar, como campo de conhecimento ou de prática social, há certa indefinição: ora são confundidas, ora a Educação Física escolar é tratada como uma das expressões da Educação Física, ora a primeira é entendida como única expressão da segunda.

Essa ambiguidade no trato dos problemas relativos à Educação Física não pode ser considerada negação do conceito de Educação Física escolar, mas antes, como resultado de uma questão central na área, que é a definição do objeto desta disciplina. Nesse sentido, a ambiguidade conceitual não é um dado a ser desprezado; pelo contrário, auxilia-nos a pensar o modo pelo qual a própria área caminhou para a indefinição ou para as definições que acabavam por negar a sua própria especificidade. (CAPARROZ, 2007; NEIRA e NUNES, 2008).

Os estudos mostram também que nenhum tema tem sido tão discutido na área da Educação Física quanto a Educação Física escolar. Este componente curricular deve apresentar um complexo de conhecimentos organizados e adequados à aprendizagem, sempre orientado pelos objetivos gerais da área. Deve apresentar objetivos claros sobre o corpo de conhecimentos cuja aprendizagem possa colaborar a fim de que tais objetivos propostos para a educação escolar sejam alcançados (FREIRE, 1999).

A Educação Física Escolar tem sido vista como um componente curricular preocupado em ensinar apenas o “saber fazer” constituído de atividades e habilidades motoras. O “saber fazer”, ou seja, ser capaz de realizar com eficiência atividades e habilidades motoras, constitui a dimensão

procedimental do conhecimento a ser ensinado nas aulas de Educação Física. (FREIRE, 1999).

As práticas escolares por muito tempo serviram de instrumento ideológico para educação do corpo das crianças adolescentes e professores com seus interesses e necessidades.

A escola torna-se co-responsável pela formação do indivíduo e tem a preocupação de transmitir o conhecimento e resgatar a cultura do indivíduo intervindo, individualmente e coletivamente, no processo de aprendizagem que garanta a possibilidade de produção da cultura, de práticas sociais, das políticas econômicas e socioculturais. Por outro lado, prima-se por uma “pedagogia da eficiência,” e da qualidade total’ em educação escolar. A cultura escolar influencia outras práticas culturais da sociedade da mesma forma em que sofre a sua intervenção: há entre as práticas escolares e as demais práticas sociais uma relação de tensão permanente - e não de submissão permanente. (NEIRA; NUNES, 2008)

Neira e Nunes, (2008, p. 206) afirmam:

[...] a ambiguidade parece ser uma característica bastante forte desta área. Daólio (1995), ao entrevistar professores da rede pública estadual paulista, percebeu uma grande dificuldade por parte desses profissionais em justificar a especificidade da Educação Física escolar. Os discursos oscilavam entre a preparação (treinamento) esportiva, a promoção da saúde, a socialização, o desenvolvimento físico e mental, entre outros. Parece não haver um conhecimento específico para o componente sistematizado, assimilado e aplicado pelos professores que atuam nas escolas. Certamente um elemento que pode explicar esse fenômeno é a existência de práticas ligadas à Educação Física que tangenciam a dimensão pedagógica (ela acontece no clube, na academia, na empresa, nas clínicas, nos hospitais etc.). A Educação Física é, portanto, uma prática social, construída culturalmente e reproduzida tradicionalmente em diversos ambientes e espaços.

Constata-se que a Educação do corpo se constitui em prática social, que envolve diferentes sujeitos e diferentes níveis do conhecimento em determinados espaços e tempos sociais. Na esfera escolar, envolve toda a comunidade que abrange, professores, educandos, funcionários, pais, moradores e vizinhos da escola. Nas aulas de Educação Física escolar, o corpo expressa os movimentos em sua dinâmica sociocultural que vão além dos valores, crenças e tradições.

A partir do estudo realizado sobre o tema, em vários autores, percebe-se que a Educação Física não possui um modelo acabado sobre as práticas, principalmente, porque há outros paradigmas em processo de construção no que se refere à prática da Educação Física

escolar, em que o agente responsável pela transmissão e reconstrução das manifestações corporais lida com diversos elementos filosóficos, políticos, religiosos, sociais e pedagógicos.

Dentre os adeptos das novas concepções muitos outros termos são usados em substituição ao de Ginástica ou simplesmente Educação Física, tais como cultura física, cultura motora, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento que são empregados como sinônimos, quando nem sempre o são; ou utilizados para exprimir aspectos diferentes, quando na verdade se referem aos mesmos elementos (CELANTE, 2000 apud NEIRA; NUNES, 2008, p. 210).

De um modo geral, vê-se a Educação Física escolar como uma prática indefinida, sem um conhecimento específico definido. Demel (1978 apud BETTI, 1991, p. 56), ao justificar a presença da Educação Física na escola, afirma que a função pedagógica desse componente é integrar e introduzir o aluno no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física – o jogo, o esporte, a dança, a ginástica etc. Portanto, a Educação Física escolar promove o desenvolvimento dos movimentos corporais em toda sua multiplicidade, desde as brincadeiras, os jogos, a dança, que têm um potencial de lazer e recreação, aos exercícios ginásticos e esportes de resultado. Em síntese, a Educação Física se concretiza em fazer com que o indivíduo aprenda a interagir socialmente mesmo que para isso tenha que usar de métodos esportivos.

1.2 Educação Física Escolar: das concepções tradicionais aos novos paradigmas

Segundo Bracht (1999, p.77), toda a discussão nos anos 80 sobre o caráter reprodutor da escola foi absorvida pela Educação Física em sua crítica à incorporação dos elementos da sociedade capitalista pelo campo desportivo e pela disciplina escolar. E essa crítica foi sistematizada em um movimento mais amplo que tem sido chamado de movimento renovador da Educação Física brasileira, ocorrido na década de 80. Apesar da predominância do paradigma da aptidão física, várias propostas pedagógicas alternativas, consideradas progressistas, com viés psicológico, sociológico e político ou cultural, têm sido construídas e sugeridas, dentre elas destacamos: a Desenvolvimentista, proposta por Tanii; a Construtivista-Interacionista, desenvolvida por João Batista Freire; a Crítico-Superadora, inspirada em estudos de José Libâneo, Demerval Saviani e Coletivo de Autores; a abordagem Sistêmica defendida por Mauro Betti; a Crítico-Emancipatória, fundamentada em Habermas; a abordagem Cultural, sugerida por Daólio e inspirada em Mauss e Geertz e na Antropologia; a

dos Jogos Cooperativos, inspirada em Terry Orlick e, ainda, a dos Parâmetros Curriculares Nacionais, uma "abordagem eclética", voltada para a formação de um cidadão crítico.² (DARIDO, 2003). Estas abordagens não aparecem seguindo uma linha teórica de forma pura, mas apresentando incorporações mescladas de vários aportes teóricos e muitos pontos em comum. Evidencia-se certo ecletismo teórico, não aceito sem discussão, no campo acadêmico.

Tais propostas enfrentam desafios uma vez que é inevitável o embate com a dinâmica cultural que engendra uma nova relação do homem com o corpo na sociedade contemporânea e em que há a sobreposição do esporte em relação à Educação Física, na escola.

Esse movimento de crítica que germina no campo da Educação Física, passa por dois momentos principais, segundo Bracht (1999): o primeiro que apontava para o caráter não científico da Educação Física e quando faz sua aproximação com as teorias de desenvolvimento humano e do desenvolvimento do movimento de aprendizagem motora; e o segundo momento, em que surgem concepções críticas mais radicais, nas décadas de 70 e 80, influenciadas pela sociologia, antropologia e filosofia de educação, algumas com fundamentação marxista. Refletem a preocupação com a construção de novas teorias pedagógicas sobre a Educação Física, procurando compreender como elas estão vinculadas às concepções e aos significados do corpo nas sociedades modernas, embora, como já afirmamos o “corpo sempre foi deixado em segundo plano tanto pelas teorias do conhecimento como pelas teorias da aprendizagem”. (BRACHT, 1999, p. 78).

Na atualidade, são muitas as concepções de Educação Física escolar que coexistem: algumas são complementares; outras explicitam contradições e incompatibilidades teóricas. Algumas se alinham a visões mais progressistas, outras ressignificam o modelo da aptidão física e esportiva. Apresentamos de forma breve algumas das mais difundidas na área.

A abordagem desenvolvimentista procura, no processo de aprendizagem e desenvolvimento, criar oportunidades de experiências e condições para desenvolver comportamento motor da criança ou adolescente, através da diversidade e complexidade de movimentos, fundamentadas teoricamente. Para esta abordagem o movimento corporal é o principal meio e fim da EFE. Sua fundamentação teórica é essencialmente obtida na psicologia da aprendizagem, e seus autores principais são os professores Go Tani e Edílson de Jesus Manoel, da Universidade de São Paulo (USP) e Ruy Jornada Krebs, da Universidade de Federal de Santa Maria –UFSM– (BRACHT, 1999, p. 78).

Muito próxima a esta abordagem temos a abordagem da psicomotricidade.

² -Tais propostas foram apenas anunciadas e não serão aprofundadas, por fugir ao escopo deste trabalho.

Segundo Falzetta, (1999, apud BRACHT, 1999, p. 79), a psicomotricidade foi o movimento mais articulado dos anos 70 e 80 e primordial para Educação Física escolar. Ainda hoje essa educação psicomotora é vista como tendo forte influência no aprendizado geral da criança e o movimento corporal, trabalhado na Educação Física, não é totalmente aceito como uma ferramenta para aprendizagem de outras disciplinas de sala de aula. O desenvolvimento físico da criança associado ao ato de aprender envolvendo os processos cognitivos, afetivos e psicomotores tem a preocupação de garantir a formação completa do aluno.

O autor que influenciou substancialmente esse pensamento psicomotricista no Brasil foi sem dúvida Jean Le Bouch cujo livro, Educação pelo Movimento, foi publicado em francês em 1966 e em 1981 no Brasil. Suas ideias exerceram influência também em outros países da América Latina.

Le Bouch inspirou-se em autores que já tinham obras escritas em outros campos de estudo tais como a Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, por orientadores educacionais, professores e outros profissionais que trabalharam juntos às crianças. Entre eles, podem ser citados os trabalhos J. Ajuriaguerra, Jean Piaget, P. Vayer, H. Wallon e Winnicott.

Porém a sua força está na sua influência sobre a área da Educação Física, provavelmente no início dos movimentos de crítica esportivistas, ou seja, no início da década de 80. Le Bouch (1986, apud DARIDO, 2003 p. 23) afirma que "... a corrente educativa da psicomotricidade tem nascido das insuficiências na Educação Física, que não teve condições de corresponder às necessidades de uma educação real do corpo". Em suas críticas à Educação Física o autor ressalta que "... eu distingi dois problemas na Educação Física: um deles ligado aos fatores de execução, centrado no rendimento mecânico do movimento, e outro ligado ao nível de controle e de comando que chamei psicomotor". (LE BOUCH, 1986, apud DARIDO, 2003 p. 23).

Conforme Le Bouch (1986, p.23 apud DARIDO, 2003, p. 13), a concepção da psicomotricidade apresenta uma nova fase de preocupações para o professor de Educação Física que extrapola os limites do biológico e do rendimento corporal, valorizando o conhecimento de ordem psicológica, assegurando o desenvolvimento funcional da criança, ajudando-a no tocante a sua afetividade, sua capacidade cognitiva, seu equilíbrio físico e mental.

No bojo do movimento renovador dos anos 80 surgem, no Brasil, duas abordagens críticas com enfoque sociológico e político, em que o foco recai sobre as influências da sociedade capitalista, no direcionamento da Educação Física escolar, em que o esporte de rendimento é o modelo dominante. A crítica afirma que quando a Educação Física adota este

modelo na escola está colaborando com a reprodução social da sociedade capitalista, e sua tendência em manter e/ou ampliar a desigualdade social.

Conforme Bracht, (1999, p.81) as propostas progressistas:

[...] sugerem procedimentos didáticos - pedagógicos que possibilitem, ao se tematizarem as formas culturais do movimentar-se humano (os temas da cultura corporal ou de movimento), um esclarecimento crítico a seu respeito, desvelando suas vinculações com os elementos da ordem vigente, desenvolvendo, concomitantemente, as competências para tal: a lógica dialética para crítico - superadora, e o agir comunicativo para crítico-emancipatória. Assim, conscientes ou dotados de consciência crítica, os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento e também agir de forma transformadora como cidadãos políticos.

Uma das abordagens críticas fundamenta-se na pedagogia histórico – crítica que se coloca contra a lógica competitiva mercadológica na educação, em especial na Educação Física. Desenvolvida por Demerval Saviani e colaboradores, dentre eles o Coletivo de Autores, de orientação marxista e neo-marxista, intitulou-se crítico-superadora.

Esta é uma das principais tendências e se fundamenta na defesa da justiça social. Segundo Darido (2003, p. 8), esta abordagem considera as "questões do poder, o interesse, o esforço e a contestação" e a EFE é disciplina que trata de um conhecimento específico que é a "cultura corporal, que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte e a capoeira". (op. cit., p. 09)

Segundo o Coletivo de Autores (2006), este estudo está voltado para a “apreensão da expressão cultural como linguagem”. (p. 62). A pedagogia crítica superadora defendida por esse Coletivo de Autores sugere que deve haver uma seleção de conteúdos, significativos para o aluno, que atenda à sua condição social, e que seja capaz de lhe proporcionar a leitura da realidade. Por exemplo, numa atividade de excursionismo/acampamento em que alunos praticam caminhadas recreativas, natação em rios e lagos, os alunos podem ser levados a observar, refletir e discutir a devastação da natureza. Desse modo, aliada ao lazer, essa atividade permite ao aluno ampliar as referências e compreender questões ecológicas, desenvolvimento urbano, questões associadas ao tipo de desenvolvimento sócio-histórico promovido pelo no sistema capitalista.

Para essa abordagem, falar sobre o esporte como fenômeno social é fazer uma análise crítica de seus aspectos fundamentais, para determinar a forma pela qual este deve ser abordado pedagogicamente, e qual o sentido do esporte na sociedade que o cria e o executa. “Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos

questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria”. (COLETIVO DE AUTORES, 2006, p. 71). Segundo os autores (2006, p. 70), “o esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, projeta-se numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica.”

Esta posição se contrapõe a uma postura tradicionalista quanto ao uso dos esportes na educação física escolar, em que os conteúdos de Educação Física se reduzem ao ensino da forma sistematizada das modalidades esportivas, sem a preocupação com a significação social e humana das atividades diárias do movimento dos educandos. A crítica destes dirige-se aos conteúdos de ensino da Educação Física Escolar em que prevalece a sistematização de técnicas e táticas dos fundamentos dos esportes como do futsal, voleibol, basquete, handebol, por exemplo, que são ensinados sem a preocupação de trazer as possibilidades do jogo e do movimento do cotidiano e de cada indivíduo.

Para o Coletivo de Autores a EFE, como componente no currículo escolar, deve contemplar as formas de atividades expressivas corporais que configuram a área do conhecimento denominado cultura corporal, proporcionando:

[...] uma reflexão pedagógica sobre o acervo das formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal; jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica, e outros, que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 2006, p. 38).

Os autores afirmam ainda que "existe uma cultura corporal, resultante de conhecimentos que foram socialmente produzidos e historicamente acumulados, e que necessitam ser transmitidos aos alunos na escola”. (op.cit., p.39). Portanto, defendem uma pedagogia crítica de conteúdo, não restritiva a detalhes técnicos e movimentos repetitivos.

Segundo Bracht (1999, p. 80), a segunda abordagem crítica, a crítico-emancipatória, tem como precursor principal o professor Eleonor Kunz, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que compõe o Núcleo de Estudos Pedagógicos do Centro de Desportos daquela Universidade. As primeiras elaborações do professor Kunz foram influenciadas pela pedagogia de Paulo Freire (KUNZ, 1991). Outra forte influência são as análises fenomenológicas do movimento humano com base, em parte, em Merleau – Ponty.

A proposta de Kunz, segundo Bracht (1999, p. 80):

[...] parte de uma concepção de movimento que ele denomina dialógica. O movimentar-se humano é entendido aí como essa forma de comunicação com o mundo. Outro princípio importante em sua pedagogia é a noção de sujeito tomado numa perspectiva iluminista de sujeito capaz de crítica e de atuação autônomas, perspectiva esta influenciada pelos estudiosos da Escola de Frankfurt. A proposta aponta para a tematização dos elementos da cultura do movimento, de forma a desenvolver nos alunos a capacidade de analisar e agir criticamente nessa esfera.

Nesta abordagem de Kunz, o movimento humano é entendido como o modo pelo qual o homem faz a leitura do mundo. E a pedagogia é situada em uma visão fortemente influenciada pela filosofia Iluminista em que o sujeito seja capaz de uma atuação crítica, autônoma e apropriada pelos estudiosos da Escola de Frankfurt. Há forte influência de Habermas e da ação comunicativa. A cultura do movimento é apresentada como possibilidade de “desenvolver nos educandos a capacidade de refletir, agir e analisar criticamente nessa esfera”. (p. 80). Nesta tendência, os autores explicitam sua filiação teórica tanto a Habermas quanto à fenomenologia.

Segundo Hildebrandt (2004), professor-visitante alemão, que atuou na Universidade Federal de Santa Maria-RS (UFSM), a proposta de uma abordagem fenomenológica do movimento nos faz compreender, na aula de Educação Física, não o movimento em si, mas como os seres humanos se movimentam. Gordijn, um pedagogo holandês, que compreende o movimento humano como uma metáfora, diz:

[...] ‘o movimento humano é um diálogo entre homem e mundo’. (cit. por TAMBOER, 1979, p.14). Com isso, Gordijn quer dizer: cada homem conversa com seu mundo, mas neste caso a língua é seu movimento. O homem coloca, enquanto se movimenta, perguntas de movimento para seu mundo e recebe respostas em movimento. Mundo não é somente o meio – ambiente (no sentido físico), mas são também os outros homens. O homem entra em contato com as coisas ou com os homens pelo movimento. (HILDEBRANDT, 2004, p.33)

Para o autor, o ser humano faz sua própria leitura de mundo através do movimento, em todas as esferas do conhecimento como também no campo das ideias: no sentido físico, psicológico, sociológico, filosófico e antropológico mediante o diálogo no movimento.

Portanto o movimento não é compreendido unilateralmente nem como sendo do homem e nem do mundo, mas sim do relacionamento entre eles, recebendo os significados das respostas que ocorrem no processo do diálogo. “O movimento é um meio de conhecimento e com isso, a gente identifica o significado do movimento”. (HILDEBRANDT, 2004, p.34).

Moreira, analisando a abordagem de Hildebrandt, afirma:

Este paradigma emergente trata a corporeidade não mais como um corpo bruto que tem que ser melhorado em seu rendimento e em sua utilidade, nem busca explicar esse corpo apenas em seus detalhes funcionais. Importa – nas palavras de Merleau-Ponty, de que o professor Hildebrandt também se apropria – conhecer, pela ciência e pela educação, um corpo do ser – no mundo, corpo esse em permanente estado de alerta para consigo mesmo, para outros e para o mundo. É passar a ideia de se ter um corpo habitado por mente e espírito, para a de ser um corpo, existencializado, factual, produtor de cultura e ao mesmo tempo ser modificado por essa cultura, arquiteto de sua história, ao mesmo tempo transformando pela história até no momento que produz história. Assim a preocupação básica dessa Pedagogia do Movimento seria recuperar o humano no homem. (2004, p.61- 62):

A preocupação desses autores centra-se em tratar a corporeidade não mais somente por seu rendimento e nem tampouco pela funcionalidade desse corpo. Porém, apropriam-se do conhecimento da fenomenologia para a área da Educação Física, tal como o faz Hildebrandt, que considera o corpo como dotado de mente e espírito, que têm uma existência, que produz cultura; que é construtor de sua própria história, ao mesmo tempo que é por ela transformado. Assim, a preocupação essencial dessa Pedagogia do Movimento seria recuperar a essência do ser humano.

Nesta abordagem da chamada Pedagogia do Movimento, o procedimento pedagógico deve estar pautado na problematização e não na educação bancária³ criticada por Paulo Freire (2005, p. 66).

É optar por uma análise dialética da compreensão do mundo, não mais priorizando apenas a lógica formal, buscando a objetividade científica, mas sim o ensino concreto fundamentando-se no pressuposto da intersubjetividade, segundo a qual os significados possuem razão significante. Daí a constatação de que não basta apenas conhecer o significado; este deve possuir um sentido para aquele que conhece. E conhecer é respeitar as interpretações das coisas conhecidas. (MOREIRA, 2004, p.62- 63).

Relevantes, segundo Bracht (1999, p. 80) são as contribuições da dupla proposta de Hildebrandt, difundidas por ele no Brasil: a do esporte como central no ensino da Educação Física e a proposta da concepção de aulas abertas à experiência.

Hildebrandt (2005, p. 21) afirma ser “o esporte assunto principal do ensino, frequentemente qualificado como conteúdo das aulas desta disciplina e que determina precisamente, de forma indiscutível, o transcorrer dessas aulas”. Para ele o esporte é um fato de realidade social e se constitui num sistema, com regras próprias que cumprem um sentido,

que é de aumento do rendimento do movimento humano. No sistema de esporte há duas regras básicas: 1) obter a comparação objetiva de rendimentos 2) sobrepujar “o outro” no sentido de vencer. Ainda segundo Hildebrant (2005, 114 -115), o significado do esporte, do ponto de vista pedagógico, vem do fato deste ser “parte da realidade social, que se desenvolve e se modifica, que não existe o esporte, mas sim uma grande variedade de atividades desportivas que aparecem de diferentes formas e que são realizadas com diferentes intenções.”.

A pedagogia do esporte o considera fundamental para a educação e para o desenvolvimento das crianças, adolescentes e adultos. E quando o esporte é colocado como atividade central das aulas apenas por possibilitar exercícios de alto rendimento e, assim, promover a aptidão física ele é reduzido a uma atividade que valoriza o movimento em si, sua perfeição, enquanto atividade biomecânica.

O autor salienta que o esporte tem uma dimensão objetiva, que é a socialmente construída; e uma dimensão subjetiva, que se refere à possibilidade de o indivíduo nele manifestar seus interesses e interferir com suas ações.

Quanto à segunda proposta de Hildebrandt, esta se refere à concepção de aulas abertas à experiência. As aulas abertas e fechadas desenvolvidas na Alemanha e adaptada no Brasil em meados dos anos 80-84 mais precisamente, por intermédio de Hildebrandt e Langing das Universidades de Santa Maria do Rio Grande do Sul (UFSM) e Universidade Federal de Pernambuco-Recife ((UFPE); podem ser analisadas em termos de um *continuum* que vai de uma concepção fechada a uma concepção aberta de ensino, considerando que a concepção fechada inibe a formação de um sujeito autônomo e crítico. Essa proposta indica que as aulas são abertas no sentido de que estimulam e aceitam a co-participação dos alunos nas decisões didáticas que configuram as aulas, tanto quanto no sentido de suas ações, abertas aos interesses e às experiências que os educandos adquirem nas suas histórias de vida.

Gonçalves (2005, p.5) afirma, sobre as aulas abertas, que

[...] têm como princípio geral a abertura e participação dos alunos nas decisões referentes ao processo ensino aprendizagem, desde os objetivos, seleção dos conteúdos, metodologia e avaliação. Assim o espaço da aula serve para construir o conteúdo e os métodos de ensino visam estimular a ação dos alunos na resolução de problemas, baseando-se em suas experiências anteriores, tendo como características a não-diretividade, o ensino por descobertas, a elaboração de exercícios, a organização das aulas

³ - Educação bancária é uma educação domesticadora, que “deposita” no educando informações, dados, fatos, uma educação que o educador é quem detém os valores e o saber, a autoridade, é quem dirige o processo e representa a alienação da ignorância do modelo a ser seguido.

entre outros. O professor aparece, dessa forma, como mediador entre o aluno e o conhecimento sendo aquele responsável também pela aula.”

Para essa autora, as aulas de EFE têm como objetivo contribuir para o desenvolvimento das crianças, dos jovens como um processo de interação, no qual o educador e o educando definem suas situações de ação e, com isso, determinam também seus significados e valores com um grau de liberdade, dentro do contexto sócio-histórico.

A concepção de uma aula de Educação Física fechada é quando as definições e as colocações de significados partem de uma forma unilateral do educador e quando nenhuma ou pouca possibilidade é oferecida aos educandos de trazerem suas próprias definições e sugestões para as atividades de aula. Por outro lado, a concepção de aula aberta permite ao educador e educando atuarem de forma conjunta, sendo ambos corresponsáveis pelas atividades desenvolvidas. Isto é, a definição de situação pedagógica e de seu significado pode ser negociada através do diálogo entre sujeitos que assumem as escolhas que fazem e suas consequências. (BRACHT, 1999, p. 80).

Uma outra abordagem é a da cultura corporal do movimento que considera todas as atividades físicas que o homem produz na sociedade ao longo de sua história cultural e que é exteriorizada como expressão corporal.

Darido (2003) afirma que esta concepção foi sugerida por Daólio (1993) numa crítica à perspectiva biológica dominante. A base teórica é antropológica, especificamente Marcel Mauss e Geertz.

Segundo Neira e Nunes (2008) esta concepção discute a polêmica quanto ao uso do termo cultura. O conceito de cultura tem sido discutido criticamente nas ciências sociais, pois ele é usado nas mais diversas acepções, envolvendo desde as produções intelectuais e artísticas até ao modo de vida em variados meios sociais. O que provoca confusões quando do uso num sentido mais restrito.

Para Neira e Nunes (2008), de certo modo, somente pela noção de cultura podemos pensar a humanidade em sua diversidade para além dos termos físicos, biológicos e corporais uma vez que a espécie humana possui a mesma estrutura biológica básica – ossos, músculos, articulações, enfim, os diversos sistemas de funcionamento do corpo humano. E as diferenças que ocorrem entre as pessoas são proporcionadas pelas suas opções culturais, pelo modo como cada individuo ou grupo social enfrentou e resolveu historicamente seus problemas.

Por conseguinte, a discussão sobre o termo cultura passa a ser, então, uma possibilidade para se argumentar sobre o comportamento humano.

Assim sendo, a humanidade é interpretada pela tentativa de aproximação entre dimensão biológica e imensa diversidade cultural presente na nossa espécie. Neste sentido, todas as diferenças que parecem, a princípio, ligadas apenas às características biológicas, como, por exemplo, as diferenças sexuais não podem ser analisadas sem estar sob o jugo da cultura. Os diversos modos de comportamento presentes entre as pessoas de sexos diferentes são determinados culturalmente, pois, ao mesmo tempo em que constituídos pela cultura, esta é constituída das ações e representações de pessoas. Neste caso, a divisão sexual dos papéis e das tarefas nas sociedades sofre interferências, ocasionando, assim, a variedade de funções de uma sociedade para outra. O mesmo ocorre com os movimentos corporais, os gestos, a forma de andar, os jogos, danças e etc. (NEIRA; NUNES, 2008).

Por vezes, o uso de expressão “cultura”, no senso comum, aparece relacionado com questões ligadas à erudição e mesmo a certas formas de produção. É comum nas observações “o sujeito não tem cultura”, “tal país tem mais cultura que outro”. Neste caso, há o entendimento de que o termo define uma separação entre os atores envolvidos nas ações sociais por ter mais ou menos cultura do que outros. Essa visão, divulgada pelos pensadores burgueses do século XVIII, justificava toda ação de exploração e aculturação de povos ditos exóticos ou bárbaros, atos que estigmatizaram preconceitos em relação a outras sociedades ou pessoas que não atingiram o mais alto grau de cultura, neste caso, a europeia (branca, heterossexual, masculina e cristã). Essa ideia de cultura é pensada, então, como única e universal. Única em função do que é considerado ser a produção do que havia de melhor e universal, pois se referia a toda humanidade (VEIGA-NETO, 2003 apud NEIRA NUNES 2008, p. 26). Com os estudos antropológicos essa concepção foi ultrapassada, e mantida apenas na visão do senso comum.

Conforme Neira e Nunes, (2008, p. 67) a parceria cultura/educação coloca-se diante da possibilidade de atuar significativamente e com responsabilidade na contemporaneidade, visto que a escola é uma instituição social e, portanto, inserida no meio das relações socioculturais que promovem as desigualdades. Por acolher boa parcela da população nessas relações desiguais, a escola pode ser entendida como palco primário de confrontos culturais.

Abordando a cultura escolar, Perez Gomes (2001, apud NEIRA; NUNES, 2008, p. 66-67) afirma:

[...] o responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e as alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluído e complexo cruzamento de culturas que se produz, entre propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletida nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social, constituída pelos valores hegemônicos

do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional, presentes nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

Mediante a complexidade das colocações do autor, podemos verificar que a cultura escolar não é acabada, nem determinada: ela é constituída por diversas ações do cotidiano e valores hegemônicos não restritos a cada escola. As características da cultura são vivenciadas e experimentadas pelos educandos individualmente no meio em que são inseridos. A Educação Física é parte da cultura da sociedade e da cultura escolar; e no currículo das escolas recebe a denominação da Educação Física Escolar.

Conforme Caparroz (2007, p.157-158), a Educação Física pautada numa prática pedagógica alinhada à concepção da cultura corporal do movimento e do conhecimento que esta deve tratar, pode ser assim resumida:

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem. (CAPARROZ, 2007.p. 158).

A Educação Física ao longo de sua trajetória histórica no interior da escola desenvolveu conteúdos correspondentes à cultura corporal dominante da época. Dentro dos novos paradigmas, busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre a representação dos significados na consciência do indivíduo, que tenha sentido para sua existência; e as formas de atividades corporais, que se constituem no mundo, no decorrer da história, tais como os jogos, as danças, os esportes, a ginástica ou outros que constituirão seus conteúdos, e cujos significados adquirem sentidos para os homens, vividos e construídos ao longo da vida, culturalmente desenvolvida. (CAPARROZ, 2007, p.158).

Segundo Neira e Nunes (2008, p. 218), o movimento corporal que é uma especificidade da Educação Física escolar, não é qualquer movimento, não é o movimento institucionalizado, reproduzido, estereotipado, acabado. Trata-se o movimento humano com sentido, com significado deferido pelo contexto sócio-histórico-cultural em que é produzido. Falamos do movimento que expressa e representa uma cultura, do movimento com intenção comunicativa de ideias, sentimentos etc., que se dá no interior de uma manifestação cultural; enquadram-se, portanto, as danças de origem africana, as lutas japonesas, os esportes radicais, a ginásticas como expressão, o jogo da queimada e uma gama infinita de manifestações.

Partimos do pressuposto de que a Educação Física Escolar tem que levar em consideração a vida dos educandos, a possibilidade de uma reflexão crítica e da transformação de interações conscientes e socialmente regulamentadas nas quais as crianças, jovens e adultos participam do seu processo de desenvolvimento. Que sejam capazes de aprender e se desenvolver como seres sociais e se tornarem indivíduos que possam atuar nos diversos setores existentes da sociedade de forma democrática e serem capazes de participar racionalmente dessa mudança.

As concepções da Educação Física enunciadas acima nos fazem acreditar que nem tudo está definido, mas que está em curso um processo em plena atividade da constituição de diferentes concepções que envolvem ambiguidades e cabe aos professores optarem pela concepção que mais se aproxima do seu modo de conceber a Educação Física.

Neste contexto histórico, as concepções de Educação Física e seus objetivos na escola precisam ser repensados, com a correspondente transformação de sua prática pedagógica.

A Educação Física deve assumir o compromisso de formar o cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das formas da cultura corporal ou do movimento.

A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas culturas e se observe como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. Os jogos, lutas, esportes, ginásticas, as danças compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para uma postura não preconceituosa e discriminatória diante as expressões corporais dos diferentes grupos sociais e étnicos e dos indivíduos que dele fazem parte. (PARÂMETROS CURRICULARES, 1998).

No âmbito da Educação Física Escolar, a dimensão que a cultura corporal assume na vida do indivíduo é tão significativa que a escola é chamada não para reproduzi-la simplesmente, mas permitir que o indivíduo se aproprie dela criticamente, para poder efetivamente exercer sua cidadania. (BRACHT, 1999, p. 82).

2 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ITUMBIARA/GO: suas trajetórias e experiências práticas.

Este estudo possibilitou uma visão da historicidade da Educação Física Escolar e dos professores. Na etapa da pesquisa de campo, foi possível estabelecer a relação entre as concepções teóricas de Educação Física Escolar e a visão dos professores sobre a EFE- o que dizem de suas práticas, provenientes de suas experiências profissionais. Abordamos as principais influências que marcam e caracterizam sua visão da disciplina da Educação Física e os novos desafios postos pelas tendências: filosóficas, políticas, científicas, pedagógicas e sociais.

As entrevistas possibilitaram a identificação pessoal quanto à idade, sexo, graduação, trajetória profissional, tempo de atuação na área de Educação e suas vivências e experiências como professores de Educação Física, apreender a realidade na qual eles estão inseridos; e também como os mesmos se posicionam na prática docente frente às dificuldades, as suas satisfações pessoais, a necessidade da execução das ações planejadas e o significado de Educação Física para os educandos.

2.1 Identificando os sujeitos e suas experiências como educadores e professores de Educação Física

Com os dados pessoais fornecidos pelos entrevistados foi construído um quadro em que é possível identificar quem são os professores de Educação Física caracterizando, assim, os sujeitos da pesquisa.

Participaram da pesquisa empírica onze professores de Educação Física, sendo que cinco são professoras e seis são professores.

Pelos dados apresentados de acordo com os registros elaborados observamos que: a idade dos professores de Educação Física varia entre vinte três (23) anos e cinquenta e seis (56) anos e o tempo de atuação em serviço varia de um mês a (30) anos.

Pudemos perceber que dos onze professores entrevistados, todos são graduados em licenciatura plena em Educação Física. Quanto à pós-graduação, oito destes possuem pós-graduação Lato-Sensu e um destes está cursando-a; e outras duas professoras não fizeram por estarem iniciando sua trajetória. Uma professora possui pós-graduação Strito-Sensu e outro professor está cursando-a.

Quadro. 1 Caracterização dos sujeitos

Sujeito da Pesquisa ⁴	Sexo	Idade	Tempo de Atuação	Graduação Licenciatura Plena	Pós-graduação-	Redes Estadual Municipal Privada
Ef1 Isabel	F	27	2 anos	Educação Física		Estadual
Ef2 Amélia	F	38	17 anos	Educação Física	PPG/LS PPG/SS	Estadual Municipal
Ef3 Alzira	F	55	26 anos	Educação Física	PPG/LS	Municipal
Ef4 José	M	53	30 anos	Educação Física	PPG/LS	Municipal
Ef5 Colaço	M	29	9 anos	Educação Física	PPG/LS	Estadual Privada
Ef6 Sônia	F	56	15 anos	Educação Física	PPG/LS	Estadual Municipal
Ef7 Kevin	M	38	12 anos	Educação Física	PPG/LS	Estadual Municipal
Ef8 Luciene	F	23	1 mês	Educação Física		Municipal
Ef9 Carlos	M	35	12 anos	Educação Física	PPG/LS	Estadual Municipal Privada
Ef10 Willian	M	25	7 anos	Educação Física		Municipal
Ef11 Roberto	M	55	29 anos	Educação Física	PPG/LS	Estadual

Legenda:

EF – Educador Físico (a)

PPG/LS-Possui Pós- Graduação Lato-Sensu

PPG/SS-Possui Pós- Graduação Stricto-Sensu

Fonte: A pesquisadora

Obs. Nomes fictícios

Tendo em vista a caracterização dos sujeitos pesquisados, anteriormente mencionados, buscamos identificar as experiências profissionais dos professores de Educação Física e suas trajetórias.

Os relatos evidenciam que o início de suas práticas como professor de EFE se deu antes mesmos de terem concluído a graduação. Muitos vivenciaram suas primeiras

experiências como estagiários nas redes particular, municipal e estadual e em academias, clubes, clínicas de fisioterapia; enquanto outros professores tiveram suas experiências na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE) e Escola Inclusiva; Escola de Tempo Integral e Docência Superior.

Muitos desses professores de Educação Física entrevistados transferem suas experiências de técnico desportivo para sua prática na escola. Um destes professores relatou que foi atleta profissional antes mesmo de ingressar na carreira de professor, ministrando aulas de Educação Física sem ter concluído a graduação.

Percebeu-se que os professores de Educação Física são compromissados com o exercício de sua função e muitos deles têm vontade de estudar, porém alguns não tiveram oportunidade e nem condições financeiras de arcar com estes cursos de formação continuada. Atuam em escolas particulares, na rede municipal e na estadual na cidade de Itumbiara-GO.

Alguns professores mais experientes apontam para as diferenças entre o que era no início de suas trajetórias e o que está sendo o trabalho com a Educação Física, quanto às propostas de trabalho e que estas envolvem também mudanças conceituais.

A realidade na área de Educação Física está diferente, daquela vivida anos atrás. Hoje a tendência é voltada mais para o aprendizado do aluno, como ter uma consciência e uma boa saúde, a prática esportiva não como competição e sim como participação de todos. (EF1-Isabel)

Experiência como professora de Educação Física, estou tendo agora. Menos de um mês, recém-concursada, esse mês fui chamada e estou trabalhando na escola de tempo integral. Minha vivência como professora se deu porque trabalhei como voluntária e os estágios que fiz na rede municipal, estadual e particular. (EF8-Luciene)

Dentre os professores de Educação Física, alguns tiveram experiências na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE), ou em escolas de tempo integral; uma também ministrou aulas de inglês em escolas particulares tendo desenvolvido projetos em várias modalidades esportivas.

Eu tenho uma experiência de dezessete anos na área de Educação Física. Trabalhei na escola especial em Itumbiara na (APAE) mais especificamente por dez anos. Desenvolvi um projeto de natação, tênis de mesa, futsal, dança e atletismo. Tive oportunidade de participar de olimpíadas tanto Estaduais quanto Nacionais com os alunos com quem eu desenvolvi o trabalho com o futsal e tivemos importantes medalhas. No ensino regular eu estou trabalhando por cinco anos na rede municipal e por nove anos e meio no ensino regular na rede Estadual com aulas de Educação Física e Treinamento Desportivo simultaneamente. Também já trabalhei na rede

⁴- Os nomes fictícios foram atribuídos com o objetivo de preservar a identidade dos professores.

particular durante dois anos e ministrei aulas de Inglês, de Educação Física e Treinamento Desportivo. (EF2-Amélia)

Como professor, lecionei e leciono em escolas que a gente chama de escola integral em que crianças ficam lá das sete da manhã até as cinco da tarde e também em escola inclusiva que prioriza as crianças com deficiência auditiva, deficiente físico e com deficiente visual. Tenho experiência na docência Superior, na graduação de Educação Física com disciplinas na área da saúde: anatomia, fisiologia, cinesiologia, personal trainer, e estética. (EF5-Colaço)

Uma das professoras trabalhava em várias escolas estaduais enquanto cursava a graduação em Educação Física, participou também de projeto de basquetebol em escolas estaduais e municipais. E outro professor relatou que foi atleta profissional antes mesmo de ingressar na carreira e mesmo sem a graduação, ministrou aulas de Educação Física.

Eu comecei trabalhar quando era graduanda em Uberlândia cursando Educação Física. Trabalhei em três escolas estaduais enquanto fazia o curso e prestei concurso no Estado. Trabalhei com ensino médio, e fundamental, fazendo projetos para o basquetebol. Prestei concurso no Município e trabalho do primeiro ao quinto ano. Este ano, vou trabalhar com pré-escola: pré um e pré dois. (EF3- Alzira)

Antes de iniciar minha atividade como professor de Educação Física eu era atleta profissional. Quando comecei era leigo e nessa época, o curso não era regulamentado. E eu me interessei porque era uma disciplina que dinamiza a prática do aluno; o conhecimento, a formação corporal e habilidades. (EF4- José)

Portanto, de uma maneira geral, desde os seus estágios, os professores atuaram nas diferentes modalidades da Educação Física tais como: personal trainer, estagiários de academia, ministrando aulas de ginástica, musculação, monitoria de basquete, recreação, escolinhas de esportes: futebol de campo, voleibol, judô e natação. Trabalham na Docência Superior, Ensino Médio, Ensino Fundamental, um destes trabalhou no Colégio Militar e outra professora atuou em clínicas de fisioterapia, academia de musculação e ginástica. Observa-se no relato a seguir que as trajetórias profissionais vão da academia de musculação, passam por clínicas de fisioterapia à Educação Física Escolar. Suas trajetórias envolvem trabalho não só em vários setores, mas em várias cidades. Suas trajetórias no trabalho não são lineares, e nem contínuas e dependem muitas vezes do contato com outros profissionais como médicos ou fisioterapeutas, encontrando certa estabilidade quando passam a atuar na educação escolar.

Eu comecei a trabalhar com Educação Física em academia de musculação em Belo Horizonte. Depois trabalhei em outras academias, não na área de musculação, ginástica. Voltei para Itumbiara e encontrei com um médico ortopedista e fui trabalhar com fisioterapia e recuperação. Depois eu

comecei a lecionar na área da educação. E talvez por necessidade trabalhasse como contratada, depois prestei o concurso passei e continuei. Fiz pós-graduação em interdisciplinaridade, trabalhando Educação Física junto com outras disciplinas. Gosto muito. Participei de jogos, olimpíada, dei treinamento, não dou mais treinamento. Hoje estou somente na área de Educação Física Escolar. (EF6-Sônia)

Como professor, trabalhei na monitoria de basquete e musculação na ESEFEGO. Depois fui trabalhar como professor de musculação em outra academia em Goiânia. Paralelamente, fui fazer os estágios nas escolas, trabalhei para o SEDEL. (Secretaria Estadual de Desporto e Lazer), como monitor das escolas, escolinhas de futebol de campo, voleibol. E também no SEDEL, aos finais de semana fui ser recreador. Assim que sai da SEDEL, eu comecei trabalhar e fazer estágio, fui convidado a trabalhar no Colégio Militar de Goiânia. Fiquei lá por dois anos como professor adjunto na área de judô, natação e o basquete. Assim que formei, fui contratado pelo colégio Militar e pouco tempo depois surgiu o colégio militar de Itumbiara, fui transferido e fiquei por dois anos. Fui coordenador na área de Educação Física e responsável pela pasta de basquete haja vista que no colégio militar na época cada professor era responsável por uma modalidade e fiquei por lá dois anos. Passei no concurso do município de Itumbiara, estou até hoje como professor regente e técnico das equipes de futsal e voleibol da escola. Trabalhei em Itumbiara como coordenador técnico de uma das academias na cidade e em escolas estaduais como professor regente de salas. (EF7- Kevin)

Bom os primeiros dois anos foi a prática na área de academia; depois houve um concurso público e a prática ficou voltada para formação esportiva e em seguida a Educação Física Escolar dando sequência até os dias atuais. A partir de 99, iniciei na Docência Superior. (EF9-Carlos)

As vivências e experiências foram muitas, desde o início da faculdade. Fui tendo uma vivencia diferente de como era trabalhar em escola Municipal, Estadual e Particular. Aprendi nesses estágios na escola que não vale a pena trabalhar por trabalhar, tem que fazer o que gosta. Tive boas vivências na academia, em que fui para fazer estágio.. (EF10- William)

Dos onze professores, dois são contratados. Na rede Municipal, no Ensino Fundamental, houve modificações na atuação dos professores com a introdução do Sistema Positivo⁵ a partir de 2009, na cidade de Itumbiara-GO, limitando sua iniciativa quanto à parte pedagógica das aulas, uma vez que executam o que o programa estabelece.

2.2 Ser professor de Educação Física em Itumbiara-GO nos dias atuais.

⁵ - O Sistema Positivo de ensino é o mesmo que o Sistema de Ensino Aprende Brasil. Foi criado para produzir material didático-pedagógico, a partir da metodologia própria, desenvolvida pelos professores fundadores do Grupo Positivo de Curitiba /PR, para atender as escolas privadas e da rede pública da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Os entrevistados sentem-se gratificados em serem professores de Educação Física. É unânime entre os professores a preocupação com a valorização do ser humano, resgatando o seu próprio eu, em sua totalidade, buscando a formação humana, respeitando a individualidade de cada um no processo de ensino-aprendizagem.

Eu como professor de Educação Física gosto do que faço e as experiências que tive na Educação Física... visam à melhoria da qualidade de vida para que o aluno; ou para que os que praticam atividade física, tenham o seu condicionamento melhor. (EF4- José)

Ser professor de Educação Física é uma tarefa relativamente fácil porque trabalha ao ar livre por exemplo. Antigamente tinha poucas quadras cobertas hoje nós temos mais; é prazeroso trabalhar com Educação Física. (EF 11- Roberto)

Os professores aproveitam a proximidade com o aluno, que esta disciplina favorece, para conseguirem uma maior empatia com os educandos. Têm claro que a aula de Educação Física é a que eles mais gostam na unidade escolar e se esforçam para corresponder ao valor simbólico que a disciplina tem entre os alunos. Portanto, a motivação contribui para que as relações interpessoais entre educandos e educador sejam amistosas e produtivas. A motivação possibilita experimentar e vivenciar as atividades físicas, as práticas desportivas, a aquisição motora, o lazer, a prática da ginástica de modo prazeroso. Daólio (1993, apud DARIDO, 2003) considera que este gosto dos alunos pela EFE, principalmente com a prática do esporte, garante à disciplina uma eficiência simbólica, embora nem sempre alcance eficácia em termos de rendimento esportivo.

Darido (2003, p.16-17) reproduz o que informa Daólio:

[...] ao buscar uma eficiência simbólica, ou seja, as maneiras como os alunos lidam culturalmente com as formas de ginástica, as lutas, os jogos, as danças e os esportes. Eficácia que pode, algumas vezes, não funcionar em termos biomecânicos, fisiológicos ou de rendimento esportivo, mas é a forma cultural como os alunos utilizam as técnicas corporais.

Os professores trabalham também a importância do caminhar, do condicionamento físico para a qualidade de vida. Dessa forma, acredita-se que os professores consideram a EFE uma experiência ímpar para o convívio na sociedade e ao mesmo tempo se preocupam com a formação educacional dos alunos e a sua qualificação profissional.

DAÓLIO (1993 apud DARIDO, 2003; p. 16-17) entende que o professor de Educação Física está inserido num contexto cultural, pleno de representações sobre o mundo, o corpo e a escola. A prática transformadora só será possível a partir da leitura e compreensão de mundo e dos significados pelo professor.

O autor propõe ainda que o ponto de partida da Educação Física é o repertório corporal que cada educando possui quando chega à escola, uma vez que toda técnica corporal é uma técnica cultural, e não existe técnica mais correta ou melhor que outra.

Conforme Daólio (2003) entende-se que apesar da Educação Física ser criticada por não trabalhar os conteúdos sistematizados, ser considerada tecnicista, por não possuir qualidade pedagógica, por seus profissionais enfatizarem as atividades extra-escolares, paradoxalmente, ela desfruta de uma grande “eficácia simbólica por parte de pais, alunos, professores, e até da comunidades em geral. Essa eficácia parece estar diretamente relacionada ao caráter repetitivo, monótono e pouco útil atribuído às outras disciplinas escolares e à escola como um todo; e ao caráter recreativo, lúdico e de acolhimento do aluno por parte da EFE.

Trabalhar a disciplina de Educação Física é uma das mais agradáveis que tem dentro de uma escola. Primeiro porque você tem uma proximidade maior com seu aluno, que ajuda a relação entre o discente e o docente. O trabalho com a cultura corporal, conscientizar o aluno da relação e da importância que tem atividade física e a prática desportiva. É um método que a gente utiliza e que ajuda bastante ao aluno ter uma consciência melhor em relação a sua saúde. (EF2- Amélia)

È muito bom ser professora de Educação Física porque é o professor que os alunos mais gostam dentro da escola; é a aula que ele pode fazer ginástica, caminhar, às vezes bater um papo com o professor. Eles se abrem mais porque conversamos com eles são muito carentes de conversa porque pai não conversa, mãe não conversa. Então nós professores estamos sendo segundo pai, segunda mãe dos alunos. (EF3- Alzira)

Na minha concepção, ser professor de Educação Física é espetacular porque a gente atua na área da saúde; e também na escola é muito gratificante para a criança, porque a criança gosta muito de movimentar, expor sua cultura corporal. Nós como direcionadores dessa cultura, desse movimento, nós provocamos satisfação muito grande para a criança. E para nós, ser professor de Educação Física, às vezes é um pouco discriminado, mas algo ainda está em mudança. Eu sou bem realizado em ser professor de Educação Física. (EF5-Colaço)

Tenho comigo que é tudo ser professor de Educação Física!!! É o professor que os alunos mais gostam. É aquele professor que está de bem com a vida, está sempre feliz, alegre, participando de competições, gincanas. Tudo que propõe para o aluno, o aluno faz. Então ser professor de Educação Física é tudo para mim. (EF. 10-William)

As falas dos professores expressam como cada um se vê como professor de Educação Física Escolar, e o que cada um valoriza nesta sua atuação. De modo geral, atribuem sentido positivo à sua atuação como professor, por serem os eleitos dos alunos para a interlocução; por serem os professores que aliviam os alunos da carga pesada do trabalho

escolar “destituído de sentido”.

Para ser professor de Educação Física tem que estar valorizando o ser humano na sua individualidade e se preocupar mais com aprendizagem de cada um e não valorizar só o esportivo porque exclui aquele menos habilidoso. A gente tem essa preocupação em valorizar o individual e estar interagindo com aluno motivando através de atividades diferenciadas. Então o professor precisa estar preocupado em valorizar o indivíduo e procurar qualificação para ter uma maior motivação nas atividades diárias. (EF1-Isabel)

Ser professor de Educação Física é uma experiência ímpar por trabalhar num processo de ensino aprendizagem que envolve vários aspectos ao mesmo tempo, desde a formação do cidadão até a instrução, na sua aquisição motora, de entretenimento, de lazer. Portanto é uma educação de forma global. (EF9- Carlos).

Os depoimentos acima evidenciam que tanto homens como mulheres se identificam como professores realizados, aceitos pelos alunos e cômicos de seu papel formador.

2.3 Dificuldades no Ensino Fundamental da Rede Pública

Muitos professores fizeram restrições quanto às condições de trabalho que comprometem o modo como é possível trabalhar a Educação Física nas escolas, hoje. Por um lado, ser professor é muito gratificante, as crianças adoram as aulas de Educação Física. Porém, olhando por outro ângulo, é decepcionante porque trabalhar em escola pública na atual conjuntura é uma tarefa nada fácil, devido às contradições vividas no cotidiano da escola. São tantas as dificuldades que parecem incontornáveis. Segundo um dos professores entrevistados, ser professor hoje "*é uma tarefa muito difícil, por muitos fatores dentre eles falta de reconhecimento dos governantes,*" embora ser professor de Educação Física seja a profissão ideal para ele. O descaso dos governantes se manifesta principalmente na falta de material e de espaço físico adequado, quadras descobertas, condições de trabalho inadequadas, escassez de materiais pedagógicos.

Por um lado é muito gratificante, as crianças adoram o professor de Educação Física. Por outro lado, decepcionante porque você vai trabalhar em escolas públicas e, geralmente, não tem material, não tem espaço físico, não tem nada. É o trabalho no sol “de rachar mamona” quadra inadequada. O nosso diretor colocou os gols, antes não tinha os gols, as telas todas furadas, não tem tabela de basquete. Então fica muito difícil..., e você fica meio impossibilitado de trabalhar. A deficiência de material na rede pública é muito grande. (EF6- Sônia)

Nas disciplinas que temos no currículo obrigatório, ser professor de Educação Física, como gosto de ser, é melhor tanto no ponto de vista pela satisfação pessoal quanto pela satisfação dos próprios alunos. Talvez seja isso ainda que me mantenha na educação hoje, a alegria que vejo no rosto das crianças. Mas ser professor hoje talvez não seja eu não diria só de Educação Física, ser professor hoje é muito difícil é pela falta de reconhecimento por parte dos governantes (EF7- Kevin)

É uma responsabilidade muito grande ser professor de Educação Física. É a profissão que eu escolhi, tem algumas frustrações (EF8-Luciene)

Na maior parte dos relatos, a grande queixa se refere às dificuldades vividas pelos professores de Educação Física no ofício da função. No geral, dizem respeito a problemas de infraestrutura, da arquitetura das escolas públicas. Sendo algumas escolas de tempo integral, estas não oferecem condições básicas necessárias a essa proposta porque, na maioria das vezes, as condições de trabalho são insatisfatórias, o espaço físico é inadequado e os profissionais não têm tido oportunidade de passarem por formação continuada específica para a EFE.

Para os que trabalham nas duas redes, está melhor trabalhar na rede Municipal do que na rede Estadual, porque as condições são mais satisfatórias, embora haja problemas em ambas as redes: as quadras não são cobertas, e a temperatura é muito alta; os recursos materiais são precários, e o espaço físico na maioria das vezes é inadequado. A indisciplina do aluno na escola é um problema sério, eles sabem muito de seus direitos, porém não cumprem com seus deveres, conforme relatam vários professores.

Outras dificuldades encontradas referem-se à parte pedagógica porque outras disciplinas têm apoio pedagógico muito “*mais forte*” que na área de Educação Física. A falta de incentivo da gestão escolar para com a EFE parece ser cultural no sentido de que é uma disciplina voltada para atividades físicas, preponderantemente, e no espaço escolar são menos valorizados do que as disciplinas ditas mais intelectualizadas. A precariedade das condições de trabalho tanto na rede municipal quanto na rede estadual é generalizada, ficando os profissionais de Educação Física à mercê da própria sorte. A Professora Sônia questiona considerarem a EFE uma disciplina que preenche aulas vagas, distrai os alunos, cuida deles para que não “façam bagunça” e atrapalhem as aulas dos demais professores.

Eu acho que a maior dificuldade que o professor de Educação Física encontra é a questão da estrutura arquitetônica das escolas: as quadras em sua maioria não são cobertas, o sol na nossa cidade é muito quente então dificulta um trabalho melhor e mais adequado aos alunos; a segunda dificuldade é a questão do recurso material não sei se é por questão das escolas ou dos próprios profissionais eles não são tão valorizados porque a

gente pede material e muitas vezes não é correspondido; em relação a isso as grandes dificuldades seriam a quadra descoberta, a parte arquitetônica e questão dos recursos materiais. (EF2- Amélia)

São as dificuldades, em primeiro lugar, é a falta de material e a falta de incentivo que parece que é cultural. Todo mundo acha que professor de Educação Física tem que dar uma bola pro aluno e deixar lá, e tirar aluno de pátio para não deixar fazer bagunça para os outros. Enquanto está com professor de Educação Física está ótimo porque longe lá da quadra não está atrapalhando as outras aulas. É meio cultural isso. (EF6-Sônia)

Além disso, segundo os professores, a impressão que lhes fica é do não reconhecimento do valor de seu trabalho por parte dos governantes, considerado por eles *uma vergonha*, uma vez que não os pagam de forma digna, e também não aplicam os recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério⁶ (FUNDEF) como deveria ser aplicado. Porque a Lei da Constituição Federal, artigo 60 do Ato das Disposições transitórias foi modificada pela Emenda complementar nº 14/96, no artigo 60 , § 5, e a lei nº 9.424/96 deixam muito claro, que no mínimo 60% dos recursos do FUNDEF precisam, obrigatoriamente, ser repassados para “pagamentos dos professores” do ensino fundamental, em efetivo exercício da função.

Art.7º Os recursos do fundo, incluída a complementação da União, quando for o caso, serão utilizados pelos Estados, DF e municípios, assegurados pelo menos 60% (sessenta por cento) para a remuneração dos profissionais do magistério, em efetivo exercício da função suas atividades no ensino fundamental público.

Parágrafo Único. “Nos primeiros cinco anos, a contar da data de publicação desta lei, será permitida aplicação de parte dos recursos da parcela de 60% (sessenta por cento), prevista neste artigo, na capacitação de professores leigos, na forma prevista no art. 9º, § 1º”. (BRASIL, FUNDEF, 2003, p.65-66).

Quanto aos materiais, os professores qualificaram o acervo bibliográfico encontrado nas bibliotecas das escolas como reduzido, precário e desatualizado. A maioria das escolas tem laboratório de Informática, mas com uso bastante limitado por alunos e professores. Estes questionam também os projetos arquitetônicos das quadras não cobertas que tornam inviáveis as aulas ao ar livre, em alguns horários do dia. E uma das professoras chama a atenção para a falta de vestuário adequado aos alunos, que fazem aulas com os pés descalços:

⁶ FUNDEF - Para o FUNDEF eram transferidos os recursos de cada Estado e Municípios, em valor correspondente a 15% das receitas de ICMS, dos FPE/FPM e do IPI/Exportação e da compensação financeira da L. C. 87/96 (Lei Kandir).

Uma das dificuldades é a falta de material que o professor não tem e por minha experiência que dou aula em escola de periferia, vejo que os alunos não têm condições de ter o vestuário adequado. Muitas vezes praticam esportes descalços, e as quadras não são cobertas; eu dou aula no sol quente. À tarde fica bem mais complicado: são alunos de faixa etária de seis aos dezesseis anos, aqueles alunos mais branquinhos queimam muito no sol. Então há falta mesmo de quadra coberta, falta de livros. Para pesquisa na escola onde eu dou aula não tem informática, então eles muitas vezes não têm condições de pagar indo em lan houses. Tudo que preciso tenho que estar levando porque não tem na escola. (EF1-Isabel)

As dificuldades que a gente encontra em todas as escolas estaduais e municipais é falta de material; não temos bola. Temos o material humano que é o aluno e a boa vontade do professor, mas estamos conseguindo trabalhar dessa maneira e vamos vencer. (EF3-Alzira)

São várias as dificuldades que encontramos em uma escola para a atividade física: primeira, a disciplina do aluno, o direito do aluno é maior do que o do professor; falta quadra coberta, há falta de materiais. Essas dificuldades são encontradas não só nas escolas que eu trabalho, porém em quase todas. É essa a realidade. (EF4-José)

O professor José chama atenção para a questão da indisciplina dos alunos, que se exterioriza na falta de respeito e do não seguimento das normas estabelecidas pelo professor. Este tem sido um comportamento que se intensifica. No caso da EFE, a maior proximidade entre professor e alunos, pode ser compreendida por estes como espaço, não de liberdade, mas espaço livre de toda e qualquer regulação.

O professor Colaço, cujo depoimento segue abaixo, acrescenta que um dos maiores problemas é a visão que a comunidade escolar possui sobre a Educação Física. Para Colaço a comunidade desconhece o que é Educação Física e considera que apenas o esporte é o conteúdo da EFE. Não é contra o esporte, mas questiona a prática do esporte “solto”, nos moldes de jogos livres, caracterizados pela expressão “rola bola”, como conteúdo exclusivo da Educação Física escolar. Muitos, por não saberem sobre a importância da Educação Física na formação dos filhos não valorizam esta disciplina do currículo escolar. E a escola por ser de tempo integral, e não oferecendo as condições básicas para que seja realmente uma escola de tempo integral, favorece a disseminação dessa visão.

As dificuldades do professor de Educação Física que encontro na escola seria a questão de valorização da própria comunidade. Primeiro que o pessoal não entende o que é Educação Física e o povo acha que a atividade física na escola seja confundida com esporte. Então enfrenta muita dificuldade o professor de Educação Física porque acham que na Educação Física só rola bola, só fica cozinhando, só serve para preencher espaço. Falta a parte cultural, tem a parte de viver a experiência do aluno, a noção sobre o corpo. Outra dificuldade é a questão de espaço: deveria ter uma estrutura para manter essas crianças o dia todo. A quadra não é coberta é

pintado de uma cor clara então o sol reflete e tem uma sensação térmica maior; o material é precário, o muro da escola é baixo, chuta a bola fora; some material por causa da vizinhança. (EF5-Colaço)

As dificuldades são imensas para começar pela falta de material que são as quadras descobertas. Hoje que a gente não está podendo expor ao aluno no sol quente por isso que está lutando por melhores condições. (EF11-Roberto)

As dificuldades em trabalhar como professor de Educação Física tanto no Município quanto no Estado ou até no Brasil são as condições de trabalho [...] Agora o município diminuiu a quantidade de aulas para os alunos. Creio que vai prejudicar demais a eles que a gente só tem uma aula por semana em cada turma No estado nós não temos bolas, nós não temos condição nenhuma de trabalho. Há escolas em que a quadra tem centímetros de poeira; a maioria das escolas do estado não tem nenhuma estrutura e condições de trabalho; até comprar bolas para poder trabalhar, fora o não reconhecimento por parte dos governantes, que não nos pagam de forma digna [...] Claro que algumas escolas têm algum material como é o caso da minha escola do município que é o Oscar Moisés, nós temos alguns materiais dá para trabalhar satisfatoriamente. Agora no Estado infelizmente nós não temos material para trabalhar. Eu cansei de levar bola, comprar bola para escola para poder trabalhar juntos com esses alunos porque sequer uma bola furada nós temos. (EF7- Kevin)

O relato do professor Kevin é bastante significativo ao chamar a atenção para um dado da realidade: considera ser o professor de educação física quase um herói por trabalhar nas condições que trabalha. Compara o que faz como mais adequado a um professor de Artes do que de EFE, de tanto que precisa usar a sua criatividade para poder trabalhar.

O professor de Educação Física hoje eu posso até dizer que é um herói em conseguir trabalhar com as condições que a gente tem dentro das escolas, por improvisarem materiais. A gente pode quase ser um professor de artes porque já cansei de improvisar material de ensinar aluno a fazer jogo de dama jogo de prego que era até da minha infância, hoje eles não trabalham mais isso, tenho conseguido fazer isso porque nós não temos materiais dentro das escolas. (EF7- Kevin)

Nos relatos destes onze professores entrevistados apenas dois deles, Luciene e William, não encontram dificuldades quanto ao espaço físico e os materiais pedagógicos, porque trabalham na rede municipal, em duas escolas centrais que foram reformadas recentemente, oferecendo melhores condições de trabalho. Percebe-se que o espaço físico e a quantidade de material, muitas vezes, chamam mais atenção dos professores que as questões pedagógicas e metodológicas. Nos depoimentos abaixo, os professores falam do apoio de todos, incluindo coordenação e direção, o que é imprescindível para o enfrentamento satisfatório das necessidades.

Eu enfrentei dificuldades em outras escolas, hoje eu não tenho dificuldades. Mas aqui é muito bom para a área da Educação Física. Todos apoiam desde o pessoal da limpeza até a coordenação e direção. Não tem muito tempo que o profissional de Educação Física é formado, mesmo porque a gente vê professor que não é formado atuando na área: eu que já atuo na área há muitos anos, então eu acho que quem está vindo, quem se formou agora tem uma concepção diferente. Está chegando à escola sendo mais valorizado. (EF8-Luciene)

Eu trabalho numa escola onde a quadra é coberta, tenho material que preciso para trabalhar, tenho uma coordenação e direção que me auxiliam. Sempre estão presentes, estão sempre falando do que está acontecendo na escola. Já trabalhei em instituições que não tinham quadra nem coberta nem quadra sem ser coberta; não tinha uma bola sequer para trabalhar com os alunos então hoje em dia eu posso dizer que eu tenho só facilidades. (EF10 - William)

Há professores que dão destaque para outros aspectos, que se referem à desvalorização do profissional na escola: não recebem o apoio pedagógico de outras áreas. Muitos professores, diante da situação de precariedade, justificam-se e, de certa forma, até se sentem responsabilizados por não comprarem o material básico para as aulas, como no depoimento a seguir:

Nós ganhamos um salário defasado e muitas vezes o pessoal cobra da gente comprar esse material; nós não temos dinheiro para estar comprando. Nós fazemos muitas vezes isso, mas eu acho injusto tirar dinheiro do nosso salário pra poder fazer atividade diferenciada que seria obrigação do governo; outra dificuldade que eu encontro é na parte pedagógica: todas as disciplinas têm apoio pedagógico muito mais forte do que a área de Educação Física. Além disso, todos criticam bastante. Então a escola, às vezes, dificulta nesse ponto— nem apoia pedagogicamente e critica. Agora, na área das outras disciplinas acredito que mudou bastante, mas sofremos muita discriminação. Somos, às vezes, malvistos. (EF5-Colaço)

2.4 Satisfações pessoais do professor na escola

Os depoimentos revelam também que as satisfações apresentadas pelos professores de Educação Física são inúmeras. De acordo com o registro das entrevistas, os professores, no geral, se referem ao prazer que a disciplina proporciona aos alunos e ao professor por poder acompanhar o desenvolvimento psicomotor, cognitivo, afetivo e social da criança. Sentem a maior satisfação em serem professores de Educação Física porque gostam do que fazem e se sentem felizes, apesar das frustrações, que devem ser contornadas como em qualquer outra profissão. E quanto às satisfações pessoais do professor é pelo fato de ser declaradamente a

aula que os educandos mais gostam na escola e pela gratificação em ver "o brilho e a felicidade no olhar de cada criança".

A minha satisfação é ser professor e ver o desenvolvimento da criança, que não teria coordenação motora, não tem a menor intimidade com a bola e você vê a criança, que não sabia fazer drible, no basquetebol, em pouco tempo conseguir ter a coordenação necessária e ver a felicidade no rosto de uma criança em conseguir realizar um tipo de movimento. Conseguir realizar e se equiparar a alguns colegas que estão mais adiantados em termos de coordenação.. A Educação Física é responsável pelo desenvolvimento integral de uma criança: isso deixa qualquer professor de Educação Física com uma satisfação enorme. (EF7-Kevin)

As satisfações da aula de Educação Física advêm da gratificação que encontramos no olhar das crianças. Adoram estar brincando, um pouquinho de tempo que elas têm em quadra jogando bola, queimada, peteca [...] eles adoram. E o fato de estar saindo da sala de aula, indo para uma área aberta é uma grande satisfação porque trocamos experiência. (EF1-Isabel)

As aulas da EFE favorecem a criação de laços afetivos entre professor e alunos e entre alunos, e as relações interpessoais vão se desenvolvendo nas trocas de experiências quando o professor trabalha a cultura do corpo e as habilidades psicomotoras, oportunizando o desenvolvimento do aluno em todas suas dimensões (cognitiva, afetiva, estética, de relação interpessoal e inserção social). Percebe-se que em determinados professores a satisfação advém de ter favorecido o educando a praticar determinados esportes e colaborar no desenvolvimento da coordenação motora desejado.

A maior satisfação é trabalhar com aluno acompanhando seu crescimento, o desenvolvimento. É uma grande satisfação começar a trabalhar com menino em janeiro e quando chegar ao final do ano ver o desenvolvimento e sua coordenação motora, se aprendeu jogar, se sabe as regras de futsal, handebol é uma grande satisfação para a gente. (EF10-William)

Outros sentem satisfação por conseguirem estabelecer uma relação de proximidade com aqueles alunos que apresentam problemas afetivos e em poderem ver a melhora no seu relacionamento social, na parte afetiva e cognitiva, a partir das atividades da EFE.

As satisfações que consigo perceber do trabalho são em relação aos meus alunos, principalmente os que têm problemas afetivos. Percebo que eles conseguem se abrir mais com o professor de Educação Física, talvez por que esse trabalho com o corpo tire um pouco aquele paradigma de professor distante de aluno. O que me satisfaz é ver a melhora social, afetiva, cognitiva da criança. Sei que demora muito, às vezes até um ano, dois anos para você conseguir, mas o que me satisfaz é quando você consegue direcionar a criança para a cidadania. Isso me satisfaz mais. (EF5-Colaço)

Enquanto outros professores ficam gratificados com a alegria das crianças nas

práticas educativas propostas e nas atividades físicas realizadas de forma lúdica, outros se preocupam com o relacionamento dos colegas de trabalho e com a participação ativa na construção do saber e a formação das crianças.

As minhas principais satisfações são da própria disciplina, por ser bastante agradável, trabalhamos ludicamente e estamos oportunizando as práticas educativas voltadas para atividades físicas, que requerem do aluno uma relação corpo a corpo. A disciplina se torna agradável por essa proximidade que a gente tem com o aluno e de trabalhar essa cultura do corpo. (EF2-Amélia)

Temos algumas frustrações, porém tem que contornar porque existem em qualquer profissão. Sinto-me realizada em estar trabalhando como professora de Educação Física. (EF8-Luciene)

E as satisfações são voltadas para a formação do educando, o bom relacionamento com os colegas de trabalho, saber que está participando ativamente da construção dessa cidade educada e compromissada com a formação de suas crianças. (EF9-Carlos)

As satisfações são muitas, apesar de poucos recursos. Temos que ter maturidade e contar com apoio da família e dos amigos. A satisfação de passar a experiência para o aluno geralmente conta muito. Às vezes você não consegue transmitir pra o aluno a satisfação em poder ajuda-ló. Em certos momentos temos que caminhar lado a lado professor e aluno. (EF11-Roberto)

Nos relatos citados a seguir há um grupo dentre os professores entrevistados que sentem muita satisfação em levá-los para competição por conseguir o desenvolvimento das habilidades motoras, da aptidão física e do rendimento dos alunos. Veem como retribuição ao trabalho desenvolvido e aos seus ensinamentos a conquista de medalhas. O esporte de rendimento ainda é muito presente nas aulas de Educação Física e retrata de certa forma, uma concepção de que um dos objetivos da disciplina é formar o aluno para a competição social, uma vez que a competição é um valor fundamental na sociedade capitalista.

A satisfação maior levar os alunos para a competição: eles sempre retribuem ganhando as medalhas e vencendo devido aos ensinamentos que fizemos com eles, as regras táticas. Eles correspondem muito bem a essas situações, quando estão jogando, competindo, claro. A competição sempre, a vida é uma competição. (EF3-Alzira)

Eu sou uma pessoa honesta, e tudo que eu faço é com satisfação. Venho para escola trabalhar com aluno com o maior prazer, então a habilidade de todos esses alunos me traz satisfação e quando você faz o que gosta tudo é satisfação, mas eu tenho certeza que o meu trabalho me traz méritos. (EF4-José)

É inegável que o esporte contribui para a capacidade de ação e tem uma dimensão social, pois possibilita a interação e a comunicação entre os seres humanos. Oferece um

campo em que a diversão e alegria são possíveis, mas também, dificuldades e problemas se fazem presentes. Possibilita inúmeras ações e vivenciam essas práticas em um campo aberto, cuja construção implica a descoberta de caminhos, que não se esgotam nas formas institucionalizadas, é de fundamental importância. Para Hildebrandt (2005), o esporte na escola deveria ser repensado e considerado como formas de ação não institucionalizada.

No relato da professora Sônia, sua maior satisfação pessoal foi acompanhar um aluno desde as séries iniciais e vê-lo ingressando em uma Universidade de Educação Física. Sente que foi por sua influência que escolheu a mesma profissão que a sua e isso a gratifica. Notamos que o sentido do trabalho docente advém das aprendizagens de seus alunos, e até de possibilitar a eles maior dignidade de vida, *tirando-os da rua* pela EFE.

A minha satisfação é que mesmo com o pouquinho de material que eu tenho qualquer coisa que eu ensino causa vibração dos meninos. Quando aprendem alguma coisa e a satisfação que eles têm quando conseguem coisas positivas é muita. Assim é trabalhar com crianças com a renda tão baixa. Você consegue tirar menino de rua, é a minha maior satisfação. São alunos que hoje estudam Educação Física fazem curso superior de Educação Física e falam para mim que foram para a área por minha causa. Essa é a minha maior satisfação. (EF6-Sonia)

Alguns professores estão muito preocupados com as habilidades motoras específicas, sob o disfarce de “habilidades escolares”. No entanto, a Educação Física não pode mais ser vista apenas como execução de técnicas e regras. Freire sugere que é necessário estudar a respeito dessas questões buscando alternativas diferentes que promovam a construção de uma prática pedagógica crítica, reflexiva e libertadora. “E é pensando criticamente a prática do hoje ou do ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (2007, p.39).

Assim sendo, acredita-se que as mudanças pedagógicas levadas a efeito por processos de formação continuada ocorridos no espaço da escola, também, podem ampliar efetivamente a ação da Educação Física escolar auxiliando os professores a refletirem criticamente sobre suas práticas.

2.5 Professores de Educação Física Escolar: o planejamento em discussão

Podemos perceber que as professoras Isabel, Alzira e Luciene atribuem ao planejamento o sucesso de suas aulas. Utilizam-se das seguintes argumentações:

Planejo com certeza, porque através do planejamento a gente tem mais o que passar. A aula corre melhor, os alunos ficam satisfeitos e quando a aula é planejada tenho maior satisfação. O Planejamento é feito anualmente. No começo do ano e colocamos os conteúdos que vão ser estudados. Através

deste planejamento, fazemos um diário uma vez que as aulas são planejadas todos os dias. (EF1- Isabel)

É a gente faz o planejamento anual onde segue a grade curricular que é apresentada no final do ano. Então a gente trabalha igual, como trabalho com crianças de 1º ao 8º ano então trabalho dentro da grade curricular faz-se planejamento anual e bimestral com os conteúdos da Educação Física e os objetivos que são lançados para obter as habilidades que serão trabalhadas, e segue a grade que é passada no início do ano. (EF8- Luciene)

Participo e faço questão de colocar alguns itens da Educação Física no meio do projeto pedagógico da escola. (EF3-Alzira)

A disciplina Educação Física Escolar, na rede Estadual, é planejada anualmente, revista bimestralmente e segue uma carga horária curricular sugerida pelo Estado de Goiás e proposta pelos Parâmetros Curriculares, (1998) em seu caderno V. Segundo os professores entrevistados, o planejamento acontece de acordo com a realidade da escola, faixa etária e a heterogeneidade dos educandos levando em consideração as experiências vividas e a diversidade cultural. Nesse sentido, suas falas revelam que tem clareza de como devem ser organizadas as atividades pedagógicas. No entanto, há uma série de dificuldades para sua efetivação. E o espaço físico é o grande problema para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, muitas vezes impossibilitando trabalhar adequadamente como deveria ser e como a LDBEN (Brasil, lei federal nº 9.394/96, o art. 26, parágrafo 3º) sugere. Porque na prática o que sugere não se efetiva, como propõe o PNE⁷. Na rede municipal, os professores seguem, na atualidade, a apostila do Sistema “Positivo”, executando o projeto já planejado pelos organizadores do "pacote" adquirido pelo governo do município.

Quanto ao planejamento anual a maioria dos professores não consegue fazer o que planeja devido à própria interferência do Município e Estado: a gestão escolar, o calendário escolar, a falta de recursos e materiais pedagógicos, o espaço físico inadequado, enfim, são vários fatores externos que, de acordo com os professores, interferem nas aulas de Educação Física na cidade de Itumbiara/GO.

Com relação ao processo de elaboração do planejamento, os professores evidenciaram que trocam idéias com os colegas, mas cada qual faz e segue o seu planejamento. Percebemos através dos relatos e observamos a participação dos professores no planejamento da escola sendo feito em três momentos: anual, bimestral e também diário.

⁷ A Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, aprovou o plano Nacional de Educação, definido as diretrizes e metas para gestão e o financiamento da educação para cada nível e modalidade de ensino e para formação e valorização do magistério e demais profissionais da educação.

Sim, faço planejamento. Temos orientação no Estado e o Caderno cinco vem com os eixos norteadores de cada série. Isso também requer estudo aprofundado de cada faixa etária do desenvolvimento da criança. Levo em consideração, na hora de planejar, o espaço físico que tenho para estar atuando; o nível de experiência corporal que essas crianças têm. É a cultura, a heterogeneidade da sala é o que poderia estar acarretando um melhor desempenho. É claro que muitas vezes esse planejamento tem que ser refeito porque não conheço algumas turmas que não dão continuidade nas séries que eu vou dar aula, então as que não conhecem requerem algumas mudanças, planejo sim antes de atuar nas aulas. Levo em consideração a cultura, as experiências que eles têm de vida e a experiência corporal e os atos da criança a heterogeneidade de cada sala de acordo com a faixa etária. (EF5 - Colaço)

Existe um planejamento anual no começo do ano e dispõe sobre tudo que você vai fazer durante o ano, focando o primeiro e segundo bimestre. No meio do ano existe um novo planejamento para observar se está cumprindo o que escreveu no papel, no planejamento do começo do ano. (EF6- Sonia)

É o nosso planejamento é feito anual. A gente faz um planejamento anual e depois de feito esse planejamento anual a gente o desmembra para planejamento bimestral no início de cada bimestre a gente reúne dois dias na escola onde a gente monta o nosso plano de aula bimestral. (EF10-William)

Alguns professores criticam a discriminação sofrida pela área da Educação Física Escolar, nos trabalhos coletivos, com reunião num sábado por mês: são obrigados a participar, mas os temas tratados se referem às outras disciplinas. Quase nunca a EFE é contemplada.

Existem ainda os trabalhos coletivos que ocorrem um a cada sábado do mês. Eu acho “furadíssimo” porque a Educação Física nunca está inserida no trabalho coletivo. Sempre para falar de outras matérias apesar de trabalhar com interdisciplinaridade. O professor de Educação Física não precisava nem de ir, mas tem que ir. É furado, mas vai lá para saber o que está acontecendo, o que vai fazer na Educação Física. (EF6-Sônia)

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, BRASIL, lei federal nº 9.394/96, o art. 26, parágrafo 3º), esta assegura a Educação Física como “componente curricular da Educação Básica” cuja oferta deverá estar, “integrada à proposta pedagógica da escola”, ajustando-se às faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”. (BRASIL, 1996).

Os professores Amélia, José, Carlos e Roberto atribuem o não cumprimento do planejamento à falta de materiais a serem utilizados no decorrer do ano letivo. Porque se as escolas não fornecem materiais necessários e suficientes, isso acaba comprometendo o bom andamento das aulas de Educação Física. Outros professores dizem planejar de acordo com a

realidade e a necessidade de cada turma e às vezes, consideram a individualidade do aluno priorizando as modalidades esportivas.

As minhas aulas são todas planejadas. O planejamento é feito e desenvolvido de acordo com a necessidade dos alunos. De repente eu estou dando uma prática, uma modalidade esportiva vai depender se precisar de mais tempo do que outra. O planejamento é feito de acordo com a necessidade de cada turma e às vezes da individualidade de alguns alunos que têm mais dificuldade quanto a essa prática. (EF2-Amélia)

Nesse planejamento olho muito a realidade da escola e temos como fonte a LDB e livros que trazem alguma coisa da Educação Física. (EF4-José)

Algumas vezes quando acontece planejamento. Ele gira em torno de adequar o nível e a série e a forma de trabalhar os conteúdos. (EF9-Carlos)

O planejamento é obrigatório. É um planejamento anual que fazemos dentro da nossa filosofia de trabalho para que consiga preencher algumas experiências para o aluno principalmente em relação à modalidade esportiva e a prática de Educação Física, os exercícios e outras coisas mais. Partimos da experiência e contamos com participação de livros e apostila que auxiliam nesta parte, mas o nosso planejamento é a base de nossa experiência que conta muito e a elaboração está voltada para o bem-estar do aluno. (EF11-Roberto)

O professor Kevin expõe sobre a grande dificuldade em consolidar este planejamento devido à diminuição de uma aula semanal da disciplina de Educação Física, neste ano de 2009, arbitrariamente, por decisões tomadas pelos dirigentes da Secretaria Municipal de Educação de Itumbiara-GO. Mesmo assim, o professor adapta o seu planejamento às necessidades dos alunos e da escola, ressaltando a dificuldade em atingir os objetivos propostos com esta carga horária de uma aula de Educação Física por semana.

Com essa diminuição das aulas de Educação Física, no município, o planejamento ficou prejudicado porque com uma aula por semana é muito difícil trabalhar com a criança. E como eu posso fazer aulas mais estruturadas com uma aula por semana se eu não vou conseguir atingir os objetivos necessários para o desenvolvimento da criança? Mas vou buscando me adaptar às necessidades de cada turma e às necessidades de cada escola, de cada região que a gente dá aula. (EF7-Kevin)

Barbosa, (2007, p.25) reafirma que com uma aula de Educação Física por semana na escola é muito difícil produzir efeitos fisiológicos significativos sobre o corpo humano. E isso é grave, sabendo que a inspiração para a redução de aulas refere-se à redução de custos, numa perspectiva bastante economicista.

Na verdade, nosso estudo expõe que no cotidiano os professores lançam mãos de

estratégias não planejadas, porém recheadas de criatividade, para resolver problemas. E quanto melhor a formação mais os professores se mostram instrumentalizados para isso.

2.6 O professor de Educação Física Escolar e sua participação no Projeto Político Pedagógico – PPP

Percebemos nos relatos que uma parte dos professores participa do projeto político pedagógico e outra participa parcialmente do planejamento do PPP. Há a exceção de um professor que não participa. Todos demonstraram reconhecer o papel de sua participação no trabalho coletivo da escola, por meio do PPP.

Então, esse é um dos projetos que o professor tem que estar sempre atento porque sozinho não se faz o projeto. Então tem que estar em grupo para discutir o que o mesmo venha trazer de benefício para a escola. (EF4- José)

Claro, na escola sempre estamos por dentro de tudo, não só do conselho como também do projeto pedagógico, conselho de classe, reunião de pais, tudo que engloba a escola. Nós professores de Educação Física estamos sempre participando, somos convidados pela diretora e grupo gestor para estar participando. (EF10-William)

Muitos destes professores continuam preocupados em fazer o que é determinado, porém refletem sobre essas práticas, e dizem por que estão executando-as.

O campo da Educação Física extrapola os limites da escola e o profissional não atua exclusivamente no âmbito escolar e a liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos e autonomia vai se constituindo de várias e infinitas maneiras e decisões que vão sendo tomadas. (FREIRE, 2007, p.107).

Percebemos nos relatos dos professores de Educação Física que, dependendo da compreensão sobre a relevância social será tratada a seleção, organização e sistematização das áreas do conhecimento, a relevância social atribuída a estes saberes da (cultura corporal) e suas relações com o projeto histórico e a realidade atual.

Mesmo participando do PPP ainda fica difícil trabalhar, porque na realidade já há uma tendência na escola a cercear a manifestação do professor da EFE, segundo os professores entrevistados. O professor Kevin reforça a necessidade de participação nas tomadas de decisão conjuntamente com a direção, coibindo que decisões arbitrárias sejam tomadas. Salienta que é preciso impedir a perda do espaço decisório dos professores de EFE,

o que resultaria na negação da autonomia dos professores.

Com certeza a Educação Física tem que estar muito ligada à escola senão acaba perdendo o espaço, não podemos estar deixando isso acontecer. No Município infelizmente as coisas, não acontecem dessa forma. No município, principalmente por parte da direção. Eles têm tomado decisões arbitrárias quanto à área de Educação Física sem consultar os professores. Eu pelo menos participo porque temos que estar sempre junto da direção, coordenação e professores para poder decidir as questões que norteiam na escola como, "por exemplo," a interdisciplinaridade. (EF7-Kevin)

Participo de todos os planejamentos. Fazemos reuniões para fazer o plano pedagógico da escola. Todas às vezes a gente é chamado na escola estamos prontos para intervir nesse projeto porque são vários, os projetos na escola; e é necessário um apoio maior, principalmente na área de Educação Física, que temos pouco material. (EF-11 Roberto)

A professora Amélia diz participar parcialmente do projeto político pedagógico. Justifica esse parcialmente: são convidados a participar, a listar os materiais necessários, mas no momento de sua colocação em prática não são chamados ou consultados. Na prática o projeto não se efetiva. E com relação à elaboração do planejamento do projeto os professores evidenciaram que trocam idéias com os colegas, porém, nas tomadas de decisões, prevalece, muitas vezes, no projeto a decisão de um determinado grupo.

Participo parcialmente, porque a parte administrativa da escola reúne com os professores e pergunta para a gente que recursos materiais a gente precisa, para serem utilizados durante as aulas, mas na hora que vai efetivar mesmo o projeto político pedagógico, não somos chamados. Então seria uma participação parcial. (EF2-Amélia)

O professor Colaço não participa por ter carga horária excessiva e trabalhar em três lugares diferentes para conseguir sobreviver e percebe que a gestão escolar não tem abertura plena para todos os professores. Reforça o depoimento do professor acima citado, sugerindo que há um grupo que consegue maior influência nas decisões e negociação junto à gestão escolar.

Não, participo porque eu tenho uma carga horária alta na escola e ainda tenho que trabalhar em dois, três lugares para poder manter uma renda que dê para manter minha família. Então é difícil estar participando desse projeto junto com a escola. Outro motivo é que a escola não dá abertura plena para participar, e tem as pessoas direcionadas participando. Em momento algum você não vê a escola convidando, somente fala que "dia tal" terá reunião. Falta também vontade de ter uma participação geral dos professores. É muito cansativo e falta incentivo da escola, falando pela

minha que não faz esforço para gente participar desse projeto. (EF5-Colaço)

Os dados colhidos entre os 11 professores entrevistados nos permitem levantar outras considerações quanto ao Projeto Político Pedagógico das escolas públicas às quais pertencem os professores desta pesquisa. Percebemos que os projetos da escola e a interdisciplinaridade se consolidam entre os professores de forma incipiente e não conforme propõe a literatura e alguns teóricos. A interdisciplinaridade quando acontece é exceção. Nota-se que os projetos acabam sendo fragmentados e muitas vezes não há preocupação em atender à comunidade escolar e tampouco às necessidades e os anseios dos professores, pela falta de participação efetiva em uma gestão colaborativa e por ter, na maioria dos casos, um comando verticalizado. E há professores que acatam as decisões tomadas em nível da gestão escolar, uma vez que se questionam, são retaliados. Quando não há abertura ao diálogo nem as negociações, a autonomia é negada.

No entanto, há tentativas positivas de mudanças. Na citação abaixo, a professora Luciene dá um depoimento bastante positivo sobre um trabalho interdisciplinar, em que os professores, principalmente de artes, matemática e ciências compõem com o da EFE e atuam, apoiando-se mutuamente.

Participo, porque trabalho na escola e trabalhamos a interdisciplinaridade, um apoiando o outro. A nossa escola é integral e depende muito do transporte. A maioria de nossos alunos é de zona rural então temos essa preocupação: o professor de Educação Física é responsável em levar os seus alunos para participar do campeonato [...] E o cronograma é entregue ao pessoal do transporte da Secretaria da Educação. Eu, como professora de Educação Física na escola, tenho apoio de todos os professores de artes, matemática e ciências. Trabalho as oficinas de recreação e qualidade de vida. O professor de artes entra construindo com as crianças os materiais que utilizamos nas oficinas e o professor de matemática que ajuda nos jogos matemáticos que podemos incluir nas aulas de Educação Física. Estamos todos trabalhando em conjunto no PPP. (EF8-Luciene)

Para os professores, o maior desafio a ser enfrentado nas escolas é a falta de diálogo entre os órgãos Municipal e Estadual da Educação e corpo docente, porque os docentes não são ouvidos. É necessário rever as condutas e repensar as práticas nas ações pedagógicas e na formação da profissionalidade docente, ressaltando não apenas as condições pessoais dos professores, como também as condições estruturais e políticas que condicionam a interação entre a escola e a sociedade; e como esses fatores influenciam substancialmente a construção da autonomia docente (CONTRERAS, 2002).

Efetivamente alguns professores participam do projeto político-pedagógico-PPP

tendo a preocupação em garantir os materiais que vão utilizar no decorrer do ano letivo, enquanto outros participam parcialmente porque consideram que sua participação é formal e não considerada de fato. E, na maioria das vezes, na prática o projeto não se efetiva como deveria ser, participativo.

Bem, participo no sábado coletivo que a escola tem encontro com professores. Então faço esses trabalhos no começo do ano e escolho o que vou fazer na escola e quais materiais que vou necessitar durante o ano. Coloco isso no papel e os materiais que preciso ficam um pouco a desejar. Fala das nossas necessidades do que precisa etc. e com passar do tempo falta muito material que às vezes deixa de fornecer através das verbas destinadas a esse. (EF1-Isabel)

Na medida do possível, sim. (EF9-Carlos)

2.7 Os alunos e a Educação Física, segundo os professores do ensino fundamental da rede pública.

Os professores dizem que o significado da Educação Física para os educandos restringe-se a jogar futebol, praticar esporte ou brincar. É forte também a concepção entre os alunos de que a Educação Física é recreação e um momento para a prática da sociabilidade.

Muitas vezes no início do ano a gente sempre faz essa pergunta para o aluno: o que é Educação Física? Eles não sabem falar nada a não ser bola. Eles acham que a Educação Física é simplesmente jogar futebol e esquecem as outras modalidades: esquecem que têm que conhecer o corpo, como funciona o corpo. Então a consciência hoje do aluno infelizmente é essa que é a quadra e futebol. Então o paradigma que a gente tem que estar sempre buscando e mostrar para o aluno que a prática da Educação Física não é só bola, tem que mostrar para eles que interfere em vários aspectos do ser humano e, principalmente, para melhoria da qualidade de vida na vida adulta deles. (EF1-Isabel)

Em minha opinião, eu acredito que o aluno acha que a Educação Física é simplesmente brincar ou praticar qualquer esporte. Eles acham que a EFE seria basicamente jogar bola: seja qualquer esporte que for praticado, mas principalmente neste sentido eles veem a Educação Física como jogar bola, como praticar o esporte qualquer. Eles precisam melhorar essa concepção porque a Educação Física pode ser trabalhada de forma diferenciada. Nós podemos trabalhar esses jogos que eu citei anteriormente em relação à parte intelectual. Então a gente tem resistência em relação a isso, mas as barreiras vão se quebrando de acordo com atitude de cada professor e aí eu venho tentando fazer isso com eles entender que a Educação Física não é só jogar bola. (EF2-Amélia)

De acordo com feedback que eu tenho dos alunos eles têm a educação Física como um momento de confraternização e socialização superação e cooperação. É claro que tem sempre alguns alunos que não veem desta forma veem a Educação Física ainda como esporte. Mas a sua maioria a

gente observa uma mudança nas salas onde eu estou trabalhando. (EF5-Colação)

Para alguns professores do ensino fundamental, como os professores Alzira, José e Sônia, os alunos reduzem o que é a Educação Física aos jogos. E muitas vezes a expressão Educação Física como disciplina do currículo escolar para os educandos se torna de difícil entendimento, principalmente, quando se fala em formação corporal. Os educandos não têm esse entendimento, na ótica de alguns professores. Eles vão para as atividades, na maioria das vezes e não compreendem porque estão fazendo o que estão fazendo. Enquanto outros pensam que é diversão, recreação, lazer, descansar, brincar, ir para quadra, jogar bola, seja qual for a modalidade, não importa, o importante é jogar bola. E muitos professores falam que é a atividade escolar mais importante para muitos alunos; é a aula que o educando mais gosta de fazer por estar saindo da sala de aula. E de fato, trata-se de um momento de muita realização pessoal e lúdica para os alunos, e se for bem trabalhado, tem um grande potencial educativo. E isso é muito gratificante para os professores.

Em minha opinião, é que os alunos gostam muito da aula de Educação Física que quando a gente chega à escola eles manifestam de maneira diferente com outro professor. (EF3-Alzira)

Em minha opinião, às vezes, essa palavra Educação Física para o aluno, muitas vezes ele fica perdido. Quanto mais você fala de formação corporal, mais o aluno fica perdido porque eles não estão preparados e muitas vezes não sabem nem o que estão fazendo. (EF4-José)

Para eles é um momento de recreação e diversão. Na cabeça deles Educação Física é hora de ir para quadra brincar, jogar, fazer qualquer esporte, ou qualquer atividade física. (EF6-Sônia)

Para a professora Luciene a Educação Física é como se fosse a hora da libertação para os educandos que ficam por muito tempo dentro da sala de aula, sentados, pois a escola é de tempo integral e não há nada fora da sala de aula a não ser a Educação Física.

A Educação Física para eles é como se fosse a libertação da sala de aula ainda mais que a escola é integral eles entram às 07h e saem às 16 h30. Então quando chega a aula de Educação Física é o momento de saírem da rotina, do sentado na carteira, de fazer uma aula diferente. É muito prazerosa para eles a aula, acho que eles esperam por nós. Eles mais interessam justamente por isso, sair da rotina do dia a dia de aula. (EF8-Luciene)

Para algumas crianças menores, significa um momento de prática esportiva e lazer para outros maiores. Normalmente, significa um tempo onde eles vão

descansar um tempo que eu oportunizo a eles saírem da sala, no qual eles vão usar esse tempo para distração, bate-papo e algumas vezes divertimento (EF9-Carlos)

Ah! Eu acho que para eles é tudo, é a matéria mais importante e o que eles mais gostam ficam ansiosos quando você não chega. Eu tenho para mim que a matéria que eles mais gostam e que não conseguem ficar sem de jeito nenhum porque eles não trocam uma aula de Educação Física por outra atividade alguma ou por outra aula alguma também. (EF10-William)

Pode-se perceber na fala dos professores que a aula de Educação Física é a hora do bate-papo, do divertimento. É o tempo que o professor oportuniza a eles saírem para quadra e a consideram como uma válvula de escape para eles extravasarem suas energias.

Olha a Educação Física para esses meninos e meninas, em minha opinião, é tudo. Eu acho que eles ficam a semana inteira esperando o dia da aula de Educação Física, porque é o único que eles têm para extravasar para poder queimar suas energias. Quer dizer, o professor que fica amarrado, ele não consegue trabalhar direito, mas mesmo assim as crianças ainda consideram a Educação Física como uma válvula de escape e onde eles podem se sociabilizar melhor e se divertir. (EF7-Kevin)

Bom, em minha opinião a atividade de Educação Física é a que os alunos acham muito boa porque eles mal esperam o momento de chegar suas aulas para poder fazer atividade física. A gente conhece o método de treinamento: primeiro tem aquecimento e depois alongamento. Eles gostam de ir para quadra e também para eles, eu tenho certeza, que é uma atividade física como se fosse uma recreação onde eles podem extravasar suas energias. É o local onde eles podem ter melhor qualidade de aula, uma aula ao ar livre. Então isso para eles é gratificante. (EF11-Roberto)

É o momento de confraternização e socialização, superação e cooperação. É claro que tem sempre alguns alunos que não veem desta forma: querem que a Educação Física seja apenas a prática de esporte. Mas é observada alguma mudança apesar de muita resistência dos alunos.

Partilhamos de uma visão de EFE enquanto disciplina do currículo escolar como aquela que deve explicitar os significados culturais e sociais das atividades corporais, que foram construídas historicamente e que necessitam ser transmitidas aos alunos nas escolas. Porque é fundamental que os alunos compreendam que os movimentos corporais humanos foram criados pelos homens, transmitidos de uns aos outros, nas relações dos homens entre si. Por isso, os autores afirmam ainda que:

[...]a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retrçados e

transmitidos para os alunos na escola. (COLETIVOS DE AUTORES, 2006, p.38).

Nessa perspectiva apresentada acima, lembramos que a Educação Física escolar ao ser vista na ótica de historicidade sua e do educando, auxiliará na compreensão da dinâmica das relações sociais nas quais o aluno está inserido. É na condição de sujeito do processo que o educando será capaz de intervir nessa sociedade de forma local, regional e integral, pela aprendizagem da cultura corporal do movimento.

De acordo com Barbosa (2007, p.25):

[...] o professor de Educação Física, que realmente se preocupa com as futuras gerações e então se engaja na luta pela transformação social, não pode privar seus educandos de seus conhecimentos ligados ao esporte e ao corpo; pois estes dois componentes são explorados ao máximo pelos opressores através do uso da propaganda ideológica.

Percebemos através dos relatos dos professores que o modo como os alunos veem a Educação Física, reduzida ao esporte, pode ser pedagogicamente aproveitada e até mudada. Os professores têm clareza das limitações e também isto depende de como e do que será ensinado para estes educandos .

Para entender a diversidade dos conteúdos de Educação Física escolar, precisam os professores recorrer à bibliografia:

[...] a leitura e reflexão farão com que o professor seja agente de dois processos de transformação. Primeiramente, uma transformação interna, no seu modo de entender as relações sociais; depois uma transformação externa, colaborando com a transformação social, ajudando outras pessoas a entenderem o que ele conseguiu entender. (BARBOSA, 2007, p. 26).

Para Barbosa, a Educação Física escolar se insere no campo mais amplo da Educação tem a preocupação em formar (...) “cidadão críticos, autônomos e conscientes de seus atos, visando a uma transformação social.” (op. cit. p. 21).

A partir do momento que os professores da EFE começarem a entender o significado da Educação Física na vida dos educandos para além da prática do esporte na escola e que os mesmos não sejam condicionados a serem meros reprodutores de movimentos corporais adequados ao sistema capitalista, os professores poderão contribuir mais efetivamente para a formação de cidadãos críticos.

OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ITUMBIARA-GO: suas concepções em debate

É a partir da caracterização das ações pedagógicas da Educação Física como a disciplina escolar que propicia a prática e a transmissão de expressões corporais produzidas historicamente que passamos a analisar as concepções dos professores de Educação Física que atuam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental em Itumbiara/GO. Consideramos que o modo como o professor organiza as aulas, os objetivos que eleger, os conteúdos que seleciona, o tipo de avaliação que pratica, o valor que atribui aos esportes e às competições, em configuração, compõem a concepção da disciplina Educação Física escolar.

3.1 O Significado de Educação Física escolar para os Professores da Rede Pública.

Para os professores participantes desta pesquisa, a Educação Física escolar é um componente curricular responsável por oportunizar práticas educativas que levam os alunos a concretizarem conhecimentos, vivências e a analisarem a complexidade de seu corpo em relação ao mundo que o cerca. A Educação Física escolar possibilita ao aluno participar das atividades relacionais, identificando as características físicas suas e de seus colegas, aceitando as diferenças sem discriminação, com atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade nas práticas dos esportes. Possibilita, ainda, desenvolver a criatividade e o gosto pela prática esportiva, utilizando as técnicas corretas de cada esporte. Além disso, se propõe a desenvolver no aluno a melhoria do condicionamento físico e, principalmente, a conscientização e a importância da atividade física e do esporte para a qualidade da vida humana.

Ao serem questionados sobre o que significa Educação Física escolar, os professores dessa disciplina, a partir de seus conhecimentos teóricos e de suas práticas, denotam concebê-la como processo formativo integral do aluno: cultural, político, biológico e técnico.

Para mim a Educação Física é uma disciplina que busca oportunizar pratica educativas que levem o aluno a concretizar conhecimentos e vivências, analisando a complexidade do seu corpo em relação ao mundo que o cerca; também a participar de atividades relacionais reconhecendo e respeitando suas características físicas bem como a de seus colegas, sem discriminação. Eu busco também trabalhar através da Educação Física atitude de respeito mútuo, dignidade, solidariedade na prática dos jogos e dos esportes e a desenvolverem a criatividade e o gosto pela pratica esportiva. Busco também utilizar as técnicas corretas e adequadas de cada

esporte além de desenvolver no aluno um condicionamento físico cada vez melhor, fazendo principalmente conscientizar da importância da atividade física e do esporte na vida humana. (EF2-Amélia)

Os professores deixam explícito que há a predominância do esporte nas aulas de Educação Física.

Conforme Hildbrandt (2005, p.63), o esporte é um dos conteúdos da Educação Física e não pode ser visto separado dos objetivos e nem isolado das metodologias de ensino. E que é preciso tomar cuidado para que o esporte, nas aulas de Educação Física, não seja apenas o conjunto de técnicas normatizadas, e voltadas para o condicionamento físico e a competição, como na perspectiva da aptidão física. Deve-se ter a preocupação, nas aulas, de não mais encarar o esporte como o ensino das técnicas, táticas e regras porque as regras por si só não têm vida. Somente através da dinâmica das ações é que compreendemos os homens em sua totalidade e concretude. Segundo Hildbrandt, o esporte possibilita alcançar o

[...] ideal pedagógico de um sujeito, capaz de tornar-se atuante através da educação- um indivíduo que pode atuar nos diversos setores existentes da sociedade, mas ao mesmo tempo, está interessado no desenvolvimento de uma sociedade democrática e é capaz de participar racionalmente desta mudança. (2005, p. 130-131).

Muitos professores, na disciplina da Educação Física Escolar, buscam conciliar o esporte com práticas que agregam os valores sociais, voltados a responder as questões: qual o tipo de homem que se quer formar? Quais são as contribuições que estamos possibilitando ao indivíduo para se inserir na sociedade?

Por sua vez, o ensino do esporte na escola não poderá ser visto apenas como reprodução de movimentos corporais. Essas práticas nos remetem a uma reflexão quanto às práticas pedagógicas e metodologias de Educação Física no ensino fundamental do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Para Kunz, o movimentar-se humano dos alunos na prática dos esportes é entendido como uma forma de comunicação com o mundo que envolve o conhecimento, sua prática, mais o diálogo e a compreensão da complexidade do mundo esportivo, no âmbito social, político, econômico e cultural. Busca contrapor a uma prática dominadora e alienante a concepção dialógica, numa perspectiva crítica e de atuação autônoma do sujeito. (KUNZ, 1991 apud BRACHT, 1999, p.80).

Alguns professores, dentre eles Colaço, consideram a Educação Física uma

disciplina propícia à interdisciplinaridade: partindo da expressão do movimento corporal pode, em conjunto com outras disciplinas, colaborar para a formação do cidadão.

A Educação pra mim é á base de tudo: com uma interdisciplinaridade muito grande então você consegue articular todas as áreas através da Educação Física. E, principalmente, partir do principal que é a nossa casa, que é o corpo, que é o movimento, expressão do movimento corporal. Então a Educação Física parte do movimento corporal. E, a partir desse estudo, dessa consciência é que você consegue atingir todas as outras disciplinas, inclusive a formação do cidadão. (EF5-Colação)

Segundo os Parâmetros Curriculares (1998, p. 24), a cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o exercício da cidadania, na medida em que os conteúdos são configurados de modo a alcançar o que se propõem: desenvolver nas aulas, práticas corporais como produto sociocultural; buscando uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem que desenvolva a autonomia, a cooperação e a participação social; e adotando valores e princípios democráticos.

A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas de mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esporte, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. “Alem disso este conhecimento contribui para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e as pessoas que dele fazem parte.” (BRASIL, Parâmetros Curriculares, 1998, p. 24).

Os depoimentos dos professores mostram que não há homogeneidade na prática escolar, nas suas concepções e sim atitudes diferenciadas. Os professores estão cientes das diferentes concepções que circulam nos meios acadêmicos. E compreendemos que o campo da Educação Física abre um leque infinito de saberes sobre os aspectos morais, culturais, éticos e sociais. A prática da Educação Física possibilita a formação do cidadão enquanto “gente”, com autonomia e são as manifestações culturais que diferenciam os alunos e suas comunidades, e as práticas do movimento cultural do corpo, trazidas de sua realidade.

Para o professor Kevin, sua concepção de Educação Física é uma mescla de concepções existentes: seleciona as vantagens e descarta as desvantagens das várias concepções teóricas. Cabe ao professor com seu discernimento fazer a melhor escolha, em sua visão.

Bom, para mim a Educação Física é um conjunto de várias coisas, de várias concepções e não acredito em apenas uma concepção de Educação Física. Eu nunca me prendo a uma. Gosto da tecnicista, mas também dou valor na crítica onde ela tem as suas vantagens e tem as suas desvantagens. Como a tecnicista também tem suas vantagens e tem suas desvantagens. Eu creio que em termos de concepção a Educação Física deveria ser uma mescla; e é tentar buscar as vantagens de cada uma de nossas concepções que não são poucas, nós temos muitas coisas para tentar melhorar. (EF7-Kevin)

De acordo com os Parâmetros curriculares, o processo ensino-aprendizagem não pode se restringir apenas à aquisição e reprodução de certas habilidades e destrezas, mas deve ressignificar a prática da Educação Física no contexto social possibilitando ao cidadão uma reflexão crítica sobre suas potencialidades corporais com autonomia de exercê-las de forma social e significativa. (BRASIL, Parâmetros Curriculares, 1998, p.27).

A prática da Educação Física busca compreender o indivíduo por meio de suas manifestações corporais e fazer repensar que cada um tem um estilo próprio e pessoal, variável conforme os contextos sociais. E cabe ao professor compreender que um simples gesto adquire significados diferentes conforme a intenção de quem o realiza e a situação em que isso ocorre. É preciso conhecer as características individuais e a situação da ação corporal como socialmente constituída e valorizada, e em certa medida, utilizar sua motricidade na expressão de sentimentos e emoções que apresentam diferentes significados.

Para a professora Sônia a Educação Física significa atividade esportiva em que a aprendizagem de regras e da disciplina é de muita importância, mas deve ser feita de modo prazeroso.

Eu acho que a Educação Física é a hora de prazer do menino. É onde ele aprende as regras, a disciplina e trabalha o corpo; e é onde ele aprende as regras com prazer porque tudo na vida você tem que ter disciplina para fazer e jogando ou participando de qualquer atividade esportiva você tem que respeitar o outro, você tem que se respeitar. Então isso para mim é como a gente vê a Educação Física. (EF6-Sônia)

Conforme observações, o jogo e o esporte são uma tendência dominante nas aulas de Educação Física, não apenas desta professora, porém da maioria. De uma forma geral, mesmo sabendo que o esporte está vinculado aos meios de comunicação e por uma questão de manifestação social e cultural de nossa população, o futebol no Brasil, é uma unanimidade e o esporte mais popular. E isto se reflete intensamente nas aulas de Educação Física.

A maioria dos professores destaca a importância da Educação Física para a qualidade de vida, para a socialização e sociabilidade; e outros ressaltam que tem um papel relevante na interdisciplinaridade, por ser capaz de se aproximar de todas as áreas do conhecimento,

garantindo um papel articulador para a Educação Física Escolar. Quanto à importância da Educação Física, os depoimentos de Carlos e Luciene:

A Educação Física na escola não tem como objetivo trabalhar somente o esporte. A Educação Física além de trabalhar qualidade de vida, trabalha no contexto social e trabalha a socialização; é muito importante na escola não só para alunos participarem de competições não, mesmo no contexto social eu vejo assim a Educação Física. (EF8-Luciene)

Educação Física seria um componente curricular importante na formação dos alunos. Tem participação forte no dia a dia do processo educativo na escola. Ela é vista pelos outros professores das outras áreas apenas como uma disciplina de tempo ocioso ou de pouca importância na questão de formação dos alunos. (EF9-Carlos)

Duas professoras, Isabel e Alzira, além da concepção teórica, destacam o sentido pessoal do trabalho com a Educação Física: o fato de ser uma disciplina aceita e agradável aos alunos torna o trabalho um fator de realização pessoal.

Para mim, Educação Física é tudo, porque é dela que eu quis tirar meu sustento. Então eu dou tudo pra Educação Física: uma, que trabalha o corpo trabalha a mente, trabalha tudo. A Educação Física para mim é tudo de bom. (EF1-Isabel)

A Educação Física para mim, é uma área muito boa porque a gente já faz o curso pensando que nós vamos passar tudo de bom para o aluno e o que eu disse antes: é a aula mais agradável dentro da escola. É a aula que o menino gosta de ir. Talvez ele faltasse outros dias da aula, mas quando tem Educação Física ele sempre está presente na escola. (EF3-Alzira)

A Educação Física é o componente curricular que trabalha, portanto, o corpo humano. O corpo é compreendido como organismo integrado, que interage com o meio físico e cultural. O corpo humano é estudado conforme os conhecimentos anatômicos; fisiológicos; biomecânicos e bioquímicos que capacitam à análise dos programas de atividades físicas e estabelecem os critérios para a escolha e a realização da regulação das próprias atividades físicas. E estabelecem os critérios para a escolha e a realização da regulação das próprias atividades corporais, seja no trabalho, escola, lazer, competições etc.

Acreditamos que esses conhecimentos sobre o corpo humano e sobre o homem tais como: anatomia, fisiologia humana, fisiologia do esforço, bioquímica, biologia, psicologia, antropologia, sociologia e filosofia devem nos levar a reconstruir conceitos e conhecimentos, através de práticas pedagógicas voltadas a repensar a formação do cidadão em sua totalidade, corpo e espírito, respeitando suas manifestações culturais. E, como educadores, somos

capazes de refletir as práticas da cultura corporal através do movimento sob a ótica da sensibilidade humana; e analisar os movimentos no tempo e espaço em seu momento histórico.

O professor William, colaborador desta pesquisa compartilha dessa concepção.

Educação Física para mim, é trabalhar com o aluno a parte do seu corpo; não o levar só para área do esporte, mas trabalhar o corpo humano como que desenvolve o movimento, para que serve esse movimento, qual parte do corpo está trabalhando quando desenvolve esse movimento. Então para mim Educação Física não é só para o esporte. É voltado para a vida social do aluno e da sociedade também. (EF10-William)

Para alguns desses professores não há uma concepção única e certa. Não podemos dizer que a Educação Física na escola seja uma disciplina de tempo ocioso e nem tampouco dizer que seria somente trabalhada a parte física do indivíduo e o desenvolvimento do corpo. Ela possibilita trabalhar o ser humano de uma forma global, tanto o físico como o emocional, afetivo, cultural e social. Essa visão é compartilhada por todos os professores entrevistados. E eles demonstram se esforçarem ao máximo para conseguirem esse objetivo, apesar das inúmeras dificuldades já citadas anteriormente.

3.2 Os Professores e a organização das aulas teóricas e práticas de Educação Física.

Analisando as entrevistas sobre como os professores pensam suas aulas, vemos que alguns começam relatando sobre as dificuldades encontradas no exercício da Educação Física Escolar e observamos que a realidade da escola pública é muito complexa. No dizer dos professores, *está na UTI da Educação*, principalmente no Estado de Goiás e no município de Itumbiara-GO. Percebemos que as dificuldades encontradas são praticamente as mesmas na maioria das escolas: vão desde as condições materiais, à questão do aluno gostar ou não da Educação Física (Amélia); da indisciplina decorrente desta postura (José), até a visão dominante nas escolas, que reduz a Educação Física à prática do esporte.

As maiores dificuldades que a gente encontra na escola é a falta de disciplina, locais inadequados para trabalhar. Às vezes precisa de um material e não tem precisando improvisar outro material pra chamar atenção do aluno. (EF4-José)

Existem também alguns alunos que não gostam em espécie nenhuma da matéria, da disciplina ou do esporte que está sendo trabalhado. Então é outra dificuldade que tenho no sentido de conscientizar aquele aluno de que a modalidade será trabalhada e desenvolvida [...] É uma matéria como eles vêem, também em Matemática tem os conteúdos que eles não gostam, em

Física tem os conteúdos que eles não gostam Então precisa haver uma conscientização do aluno a respeito da disciplina denominada Educação Física. Eles têm que ver que cada conteúdo nosso não é para eles gostarem ou não gostarem, eles tem que participar daquele conteúdo e desenvolver o conteúdo assim como ele desenvolve todos os conteúdos que eles veem em Matemática, Física, Geografia, Português e outras matérias (EF2-Amélia)

Alguns professores procuram organizar o conteúdo da Educação Física principiando pela parte teórica, embora a maioria afirme que os alunos gostam mais da prática da Educação Física. Uma professora (Isabel) tem uma preocupação muito grande com os materiais que não são oferecidos pela escola e tem que recorrer ao comércio pedindo ajuda para consegui-los. É uma atitude louvável da professora, porém é preocupante o não comprometimento do Estado em relação às verbas destinadas pelo FUNDEF que acabam não chegando de forma adequada ao destino, as instituições escolares. E quanto às aulas práticas, estas acabam ficando comprometidas devido às condições não favoráveis a estas práticas.

Para as aulas práticas como, havia dito, faltam recursos materiais, quadra coberta. É muito calor na cidade, então, é difícil as aulas práticas.... Por se tratar da escola que trabalho ser de periferia, tem várias dificuldades. Os alunos gostam muito, eles adoram as aulas práticas, o esporte, mas a gente não dá só o esporte, mas toda a matéria que estou trabalhando como também trabalho o cálculo do IMC, a dança. Também isso ai, através de estar buscando apoio procurar estar pedindo ajuda de comércio e conseguimos trazer materiais para dentro da escola para o professor trabalhar nas aulas práticas, que falta muito. (EF1-Isabel)

Há uma preocupação entre alguns professores, dentre eles a professora Amélia, em trabalhar de forma integrada os fundamentos de um determinado esporte, as técnicas que lhe são próprias, intercalando aspectos teóricos com a execução de exercícios até que os alunos dominem o melhor possível o como fazer, sem deixar de considerar a individualidade de cada um. E nos jogos, primeiro trabalha a parte teórica depois a prática.

Quando eu vou ensinar alguma modalidade esportiva eu inicio com exercícios educativos da modalidade, com a finalidade de ensinar corretamente as técnicas individuais de cada atividade física e os fundamentos do esporte que está sendo ensinado através da execução de exercícios práticos objetivando o melhor domínio possível sobre a atividade a ser desenvolvida; o esporte e a prática do mesmo sem desrespeitar a individualidade de cada um de nossos alunos. Quando vou trabalhar “ por exemplo”, dama ou xadrez, jogos de tabuleiro, passo a parte teórica para eles para depois passar para parte prática;do mesmo jeito os exercícios educativos e exercícios práticos que vão desenvolvendo até o aluno dominar o jogo de tabuleiro a modalidade esportiva desejada. (EF2-Amélia)

A professora Alzira organiza sua aula prática em três momentos: Aquecimento, aula propriamente dita e relaxamento. Há a professora que planeja suas aulas começando pela aula teórica, em sala de aula; num segundo momento, dá continuidade numa aula prática básica e num terceiro momento, realiza gincanas entre os alunos.

Divido as aulas práticas em três itens: Aquecimento, e a aula propriamente dita e o relaxamento. Há falta de material nas escolas. De repente a gente quer uma bola para trabalhar com aluno em uma turma de trinta alunos e criamos situações e completamos uma aula de 50 minutos que é dada nas escolas municipais. (EF3-Alzira)

Trabalho primeiro em sala de aula, vejo que vou dar na aula prática, primeiro tem a parte teórica, depois vamos para quadra e trabalho basicamente futsal, handebol, a queimada e depois faço uma gincana com eles. Sempre tem isso, mas basicamente são esses esportes. Trabalho vôlei também: ensino a iniciação de cada esporte menos o basquete, o basquete é só o quicar a bola mesmo. Como havia dito falta de materiais, quadra inadequada às práticas e às vezes falta compreensão de outros professores são as dificuldades. (EF6-Sônia)

O professor Colaço destaca que em seu planejamento das aulas práticas busca inserir atividades que possibilitem a participação de todos os alunos, indistintamente: os mais ou menos habilidosos, meninos ou meninas, e de acordo com o horário, lugar e materiais disponíveis.

Nas aulas práticas considero de primordial importância a participação de todos os alunos. Dentro do planejamento, tento fazer as atividades onde todos, de acordo com a turma, consigam fazer as práticas. Então temos uma quadra e um espaço de pátio. Então é de acordo com a hora do dia a gente faz aula no pátio porque tem uma sombra; outra hora na quadra, mas o que tento fazer muitas vezes é conseguir uma atividade que todos consigam participar. Claro, algumas vezes isso não é possível algumas pessoas não fazem por causa do horário é muito quente ou por um problema de saúde ou simplesmente não querem fazer mesmo apesar de trocar as atividades, mas nem sempre eu consigo atingir a todos. As maiores dificuldade que encontro hoje o horário dou aulas no sexto horário, o material a quadra é descoberta, prejudica não só os alunos principalmente a mim porque fico três a quatro horários no sol; a criança fica um horário eu fico extremamente queimado mesmo usando protetor, sinto dor de cabeça, isso atrapalha o rendimento não só do professor também dos alunos. (EF5-Colaço)

A aula prática é aquela que o aluno trabalha como atividade física conhecendo seu próprio corpo. (EF4-José)

Vários professores, dentre eles Kevin e Carlos, destacam a relação entre os conteúdos e a faixa etária dos alunos: trabalham mais o lúdico até o 5º ano e esportivo com os alunos das últimas séries do ensino fundamental:

A aula prática depende muito da faixa etária que estou trabalhando, com as crianças de 5º ano prefiro trabalhar de forma lúdica e do 6º ano para frente faço uma diferenciação, do 6º e 7º ano faço uma mescla, trabalho lúdico e um pouco mais esportivo. Do 8º ao 9º ano começo a trabalhar mais a parte do pré-desportivo passando para o esportivo e no ensino médio trabalho mais com a informação além do esporte. Começo voltando para a saúde, faço vários apanhados, várias informações e passo para os alunos como fazer algumas prevenções. Essas coisas que a Educação Física está começando a caminhar. (EF7-Kevin)

As práticas são diferenciadas conforme as séries a serem trabalhadas: no ensino fundamental é uma metodologia; no ensino médio um pouco diferente conforme o nível de aprofundamento e o conteúdo e as aulas práticas elas tem que ser adaptadas e adequadas conforme o espaço físico disponível e recursos materiais. As maiores dificuldades giram em torno realmente de não ter material didático apropriado para o que se propõem. Além disso, a questão da carga horária talvez não seja suficiente para o melhor aproveitamento dos conteúdos e o espaço físico muitas vezes não é adequado. (EF9-Carlos)

Como já foi assinalado anteriormente, é muito forte na fala dos professores que a maioria das escolas tem problemas sérios com estrutura física e os recursos financeiros, materiais inadequados e o espaço físico insuficiente para desenvolver o labor proposto na Educação Física e a condição do trabalho chega a ser desumana. Um professor tem uma grande preocupação com os educandos quanto ao vestuário inadequado nas aulas de Educação Física.

Percebemos nos relatos de apenas dois professores que não há problemas quanto aos materiais utilizados e ao espaço físico porque, como já foi explanado, suas escolas municipais foram reformadas..

A aula prática é realizada com o uso de materiais didáticos, materiais esportivos e com espaço apropriado para aula e dentro do conteúdo trabalhado. A escola por enquanto, como está em reforma, ainda não está dando o suporte necessário, mas dentro de duas semanas mais ou menos a gente vai estar com a quadra apropriada; nós temos campo de futebol e vamos ter suporte da faculdade da cidade que estará nos apoiando com o aquático. O clube da faculdade nos fornecerá as piscinas; eu acho que quanto ao espaço físico na escola nós não temos problemas não. Hoje onde estou atuando não estou tendo dificuldades em trabalhar porque a Secretaria da Educação me dá um suporte bom, tem mandado muito material para nós da Educação Física até os livros didáticos. E a nossa rede está trabalhando com o Sistema Positivo e todos nós estamos trabalhando o mesmo conteúdo dentro do mesmo processo pedagógico. Mas tive muitas dificuldades em outras escolas, por falta de quadra, de material esportivo... tinha que improvisar com bola de papel, fita adesiva. Isso é frustrante, mas graças a Deus hoje não estou tendo esse problema. (EF8-Luciene)

Observamos que algumas aulas são divididas entre meninos e meninas: uma semana a quadra fica com as meninas e na outra semana a quadra fica com os meninos. Embora seja uma divisão procurando atender aos interesses e aptidões diferenciadas entre meninos e meninas, esta prática gera certa polêmica porque de um lado pode reforçar a divisão entre os sexos e negar a possibilidade de melhorar a socialização e convivência entre meninos e meninas, o que significa estar na contramão das tendências mais atuais dentro da Educação Física escolar; de outro, está considerando que meninos e meninas não manifestam gostos e interesses diferentes e com isso acabam não sendo contemplados pelas aulas que os tratam de forma homogênea.

A as aulas práticas são desenvolvidas uma vez por semana na sala que tem 40 alunos ou 38. Então pra você desenvolver uma aula com 40 alunos ao mesmo tempo durante 50'. Vão passando os minutos: até que o aluno troca de roupa vem para sala vem para quadra são 35' a 40'. São desenvolvidas uma vez por semana, uma semana trabalha com as duas turmas com os meninos e meninas na quadra e na outra semana deixam a quadra para os meninos jogarem o futebol eles gostam. E na outra semana as meninas realizam o que elas gostam voleibol, handebol, queimada, que antes de cada aula a gente trabalha com eles alguns exercícios para estar aquecendo e alongando de acordo com atividade que eles vão desenvolver (EF10-Carlos)

No Plano Nacional de Educação, lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, foram definidas diretrizes e metas para a gestão e o financiamento da educação, para cada nível e modalidade de ensino e para a formação e valorização do magistério e demais profissionais da educação, nos próximos dez anos. Para a Educação Física enquanto componente curricular, considerando suas problemáticas e necessidades, identifica-se a seguinte diretriz, no PNE:

Deve-se assegurar a melhoria da infraestrutura física das escolas, generalizando inclusive as condições para a utilização das tecnologias educacionais em multimídia, contemplando-se desde a construção física, com adaptações adequadas a portadores de necessidades especiais, artístico-culturais, esportivas, recreativas e adequação de equipamentos. (BRASIL, 2001)

Com relação a esta diretriz, apresentamos as seguintes demandas que precisam ser atendidas para alcançar os padrões mínimos nacionais de infraestrutura para o ensino fundamental: a) espaço iluminação, instalação, ventilação, água potável, rede elétrica segurança e temperatura ambiente; b) instalações, sanitárias para higiene; c) espaços para o esporte, recreação biblioteca e serviço de merenda escolar; d) adaptação dos edifícios escolares para o atendimento dos alunos portadores de necessidades especiais.” e) mobiliários,

equipamentos e materiais pedagógicos; f) informática e equipamento multimídia para o ensino.

Se estas demandas forem atendidas certamente os professores de Educação Física poderão realizar suas atividades de modo muito mais adequado às suas próprias expectativas e os alunos serão os maiores beneficiados.

3.3 Professores de Educação Física Escolar: os objetivos da disciplina em foco

Quanto aos objetivos apresentados pelos professores de Educação Física Escolar, observamos, nas formulações elaboradas pelos professores, o uso de alguns verbos que denotam as principais ações ligadas à Educação Física Escolar. Foram utilizados verbos como: almejar; aprender; aproximar; aproveitar aprender; chamar; comer; dar; dever; descansar; desenvolver; dever; dizer; entender; esperar; fazer; ficar; formar; interessar; ir; obedecer; passar; procurar; respeitar; saber; ser; separar; trabalhar; trazer; tocar; tentar; ver; viver; voltar. Os relatos abaixo de três professores da Educação Física, Amélia, Colaço e Kevin testemunham a complexidade dos objetivos propostos na aula de Educação Física.

Educação Física tem que ser uma disciplina que procura desenvolver as atividades físicas e esportivas de acordo com a individualidade de cada aluno, de acordo com a idade, habilidade de cada um deles e deve tentar desenvolver no aluno também o interesse pela prática das atividades físicas, dos esportes, das atividades recreativas, de forma organizada. E também desenvolver e capacitar o aluno a participar de atividades de natureza relacional, reconhecendo e respeitando suas características físicas e de desempenho motor, como também a de seus colegas sem haver discriminação por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais. Deve capacitar o aluno adotar atitudes de respeito, dignidade e solidariedade na prática das atividades esportivas e dos jogos também. (EF2-Amélia)

O objetivo da Educação Física escolar é justamente mostrar para o aluno o seu desenvolvimento, o movimento do corpo, cultural, social e a ajudar a formação do cidadão, a educação do corpo e desse movimento. Vou dar um exemplo simples: a questão da nutrição que influencia no movimento, “por exemplo,” o alimento do Nordeste é diferente do de um menino do Sul. Então influencia em tudo e como ele vai movimentar o corpo e saber como deve comer saber onde ele pode tocar no coleguinha, onde ele não pode, e respeitar o corpo do outro. Então para mim a Educação Física é a base na Educação na Escola. A função da Educação Física Escolar é justamente a expressão corporal, o movimento corporal. (EF5-Colaço)

A Educação Física escolar eu a vejo como uma mescla: não se pode dizer que ela seria voltada só para o desenvolvimento físico do corpo. Temos que voltar o objetivo da Educação Física para uma coisa mais global, não ficar somente na humanista, nem no desenvolvimento físico e psicológico da criança. (EF7-Kevin)

No relato dos professores foram identificados outros objetivos priorizados pelos docentes que evidenciaram alguns aspectos didático-metodológicos das aulas. São eles: interdisciplinaridade (trabalhar em conjunto com outras disciplinas); educativos (aprendizagem, valores, atitudes, aprender a socializar com o outro); os relacionados à saúde como manutenção e melhoria (aptidão física, condicionamento físico); os recreativos e lúdicos (prazer, criatividade, diversão e jogo); os preventivos (desenvolvimento de hábitos saudáveis e qualidade de vida); os competitivos (superar seus próprios limites, aprender obedecer às regras e relacionar-se com o outro, saber vencer e perder, desenvolver o espírito competitivo de forma leal); desenvolvimento da criança, o movimento da cultura corporal e social (formação do cidadão).

Vivenciar a experiência do aluno é trazer a comunidade para dentro da escola, trabalhar na escola, professor e aluno juntos tendo um trabalho correto através da interdisciplinaridade na área de matemática e a Educação Física; português e Educação Física. Sempre fazendo a interdisciplinaridade. O objetivo é trabalhar em conjunto para que possa trazer o melhor aprendizado ao aluno. (EF1-Isabel)

Eu acho que o objetivo da disciplina é trabalhar a qualidade de vida do aluno, a expressão corporal; o aluno entender as funções do seu corpo. Dentro da Educação Física; eu acho assim, o objetivo dela realmente é esse: trabalhar a qualidade de vida.. (EF8-Luciene)

È trabalhar o lúdico e a recreação porque na escola a gente não vive isso. Vamos passar para eles que a Educação Física, o jogo é uma competitividade, isso a gente passa no treinamento separado da Educação Física e na Educação Física passa brincadeiras, socialização, entre meninos e meninas. Todas as brincadeiras lúdicas e recreativas mesmo fazendo com que eles tenham melhor convivência entre meninos e meninas, sem fazer confusão, sem estar brigando, passando para eles que é o momento de lazer deles. (EF10-William).

Para nos certificarmos de algumas questões que ficaram pouco claras voltamos a campo novamente, e evidenciamos que para os professores entrevistados a Educação Física escolar atende a uma multiplicidade de objetivos, está centrada nas práticas desportivas, sobretudo pelo caráter lúdico, recreativo e prazeroso do esporte entre os alunos. Mas há aqueles que ressaltam caber também à Educação Física o papel de ensinar o aluno a ter disciplina, a obediência às regras. E isso em várias situações, desde a prática do esporte ou até como castigo, privando-o das aulas que eles mais apreciam as de EFE, caso não se comportem nas outras disciplinas.

O objetivo é a disciplina do aluno na Educação Física, porque talvez sempre o professor fale para ele ficar quieto senão ele não vai para Educação

Física. Então é uma matéria disciplinar para a escola e para os professores de outras áreas. (EF3-Alzira)

Para alguns professores, dentre eles William e Sônia, a Educação Física visa dar satisfação e prazer; e formar o cidadão consciente, política e ecologicamente correto. Mas também socializa o aluno, no sentido da obediência às regras sociais.

Vem assim para dar prazer ao aluno, e aliviar certa tensão. É um momento de alegria na grande curricular, no horário. É onde ele descansa das outras atividades e ao mesmo tempo ele está aprendendo que tem que obedecer a regras. Isso na vida você tem que obedecer as regras tem que seguir um contexto a Educação Física ensina para criança. Formar cidadão consciente e ecologicamente correto, politicamente correto, e inserido socialmente no contexto global. (EF6-Sônia)

Acreditamos que esta realidade apontada pelos professores de Educação Física, possibilitou verificar que eles dão importância central em suas práticas aos jogos, e o que daí resulta em termos de treinamentos, o que poderia nos levar a concluir que sua visão é dominada pela concepção da aptidão física. É preciso relativizar essa conclusão, haja vista que o objetivo da disciplina EFE é complementar o currículo no sentido de proporcionar aos alunos uma formação quanto aos conhecimentos da área esportiva, da área de lazer e da aquisição motora no geral. De certa forma, alguns professores têm clareza sobre pontos a serem reforçados e destacam que o esporte é tratado de modo superficial na escola, embora quantitativamente predominante. O relato abaixo aponta que a Educação Física é um componente curricular

[...] voltado não só para formação de aprendizagem técnica de esporte. O conhecimento é superficial, há aproximação superficial dos esportes no geral. A disciplina poderia aguçar outros aspectos como o cognitivo, os relacionamentos, os aspectos socioafetivos, entre outros. (EF9-Carlos)

Há um depoimento que, por outro lado, reforça alguns mitos sobre o esporte e a ascensão social.

O objetivo na escola, principalmente na maioria das vezes a gente visa aos jogos com intuito de procurar bons jogadores que futuramente possam estar almejando algum lugar de destaque no Brasil ou no mundo. Então para mim a Educação Física é o ponto inicial e crucial para o aluno ser alguém na vida. (EF11-Roberto)

Portanto, outro grande desafio a ser enfrentado pelo corpo docente é discutir a visão, que de certa forma é de senso comum, de que o esporte é fator para ascensão social. Ele pode ser, mas não é possível estabelecer uma relação linear de causa e efeito; e que os professores

compreendam a complexidade da dinâmica social e educacional definida historicamente. E ainda, é fundamental que os mesmos se habituem a trabalhar criticamente e compreender as razões que os impedem de realizarem alternativas reflexivas sobre aqueles fatores que limitam sua atuação, como por exemplo, espaço e tempo para estudos e discussão das questões teóricas e práticas que precisam enfrentar. No entanto, concordamos com Zeichner (1993, p. 47), que reconhece a importância da ação reflexiva na prática docente, mas alerta para o que considera perigoso: prender-se a um conceito de ensino reflexivo levando-o excessivamente longe e tratar a reflexão como um fim em si mesmo, desconectado de quaisquer outros fatores objetivos.

3.4 Educação Física escolar: a proposta dos professores do ensino fundamental da rede pública

Pela análise dos objetivos atribuídos à Educação Física pelos professores, e em consonância com eles, percebemos que a muitos professores têm uma grande preocupação com o esporte, com destaque para (Amélia, Colaço, Sônia; William); outros com as atividades físicas (Luciene; Carlos). Sendo que há outros que priorizam nas aulas a disciplina, a qualidade de vida e a saúde (Isabel; Colaço); ou ainda com as valências⁸ físicas (William; Roberto)

Eu procuro propor aos alunos que tenham consciência de que a prática da atividade física melhorará sua saúde e que eles vão levar isso na sua adolescência até a sua idade adulta. Então tem que estar sempre verificando que a prática é relacionada à sua saúde e não para ser um grande atleta; que a prática da Educação Física melhora sua qualidade de vida. (EF1-Isabel)

A minha proposta é a disciplina em relação à saúde, esporte, e dar condição ao aluno de resolver problemas, apresentar seminários, pôster, trabalhando com outros professores a interdisciplinaridade e no final da aula dou um pouquinho de esporte principalmente no caso das meninas que resistem muito em fazer outras atividades que propomos. (EF5-Colaço)

A proposta das minhas aulas de Educação Física é, predominantemente, a prática de esportes. Então trabalho dentro das possibilidades que tenho dentro de uma escola: se tem quadra eu trabalho handebol, futsal, vôlei, às vezes, o basquete quando a quadra tem tabela. Depende do recurso do material que eu tenho para poder trabalhar. Eu gosto de trabalhar também é a dama e principalmente o xadrez embora eu tenha alguma resistência em relação a isso porque é um jogo mais intelectual e tem muitos alunos que não gostam tanto. Então a minha proposta é voltada para o esporte só que

⁸ Valências físicas são habilidades específicas de cada modalidade esportiva. Estão intimamente ligadas aos objetivos do treinamento (TUBINO, 1984, p.180).

os alunos pensam muito na parte da prática com bola mesmo. Então tem certa resistência em relação ao xadrez que é um esporte que eu gosto de trabalhar para desenvolver a parte do raciocínio intelectual dos alunos. (EF2-Amélia)

Converso com os alunos sobre o que eles querem. Primeiro dou uma aula teórica e uma prática e deixo-os escolherem o que eles querem aprender primeiro nos esportes: vôlei, handebol, futsal, basquete sempre tem uma aula teórica que eu falo sobre o esporte e depois começo o esporte na quadra, os jogos de aprendizagem, educativos antes de qualquer coisa passo pelos educativos para começar qualquer coisa. Trabalho na Educação Física com temas transversais: Educação Sexual, Educação Ambiental, Cidadania tem mais outras que não lembro. (EF6-Sônia)

Eu proponho aos alunos atividades físicas que proporcionem para eles prazer e ao mesmo tempo em que desenvolvo os objetivos da minha aula, é sempre baseado nos conteúdos programados... eu sempre proponho atividades que eles gostam de participar objetivando os conteúdos que tenho que trabalhar. (EF8-Luciene)

Atividades nas quais eles tenham consciência do que são os objetivos que propõem e que eles participem ativamente de todas as atividades. (EF9-Carlos)

Eu proponho a prática esportiva, o desenvolvimento do seu corpo. Nós não trabalhamos somente o esporte, no geral o corpo humano as valências físicas e proponho para eles estar fazendo a Educação Física para estar desenvolvendo a parte muscular em um todo e o seu corpo humano. (EF10-William)

Eu proponho aos alunos de Educação Física atividade física exercícios de alongamento, polichinelo, abdominal, aquecimento propriamente dito e a recreação. (EF11-Roberto)

O professor Kevin exterioriza a preocupação em trabalhar de acordo com a faixa etária: quando se trata de crianças, volta-se para o desenvolvimento psicomotor, de forma lúdica; quando se trata de pré-adolescentes, a ênfase recai sobre a parte pré-desportiva e/ou desportiva. Essa visão é comum entre os entrevistados.

Depende muito da faixa etária de cada aluno: os da 1º fase trabalharam de forma lúdica, para desenvolver essa parte psicomotora, coordenação motora e do 6º ano para frente trabalho um pouco mais a parte pré-desportiva e desportiva propriamente dita. (EF7-Kevin).

De uma maneira geral, a preocupação com atividade física é o esteio das práticas de Educação Física. E o executar as habilidades motoras consiste, mais especificamente, em saber fazer. Muitos dizem ter a preocupação com o significado que estas práticas corporais têm para os educandos. Segundos estes professores, o foco recai naquilo que atende ao

interesse do aluno

Eu proponho uma aula prazerosa porque os alunos ficam na sala o tempo integral da escola. Quando tem Educação Física tem que dar atividade física, relaxamento para que os alunos sintam felizes na escola. Porque eu tenho certeza que uma das aulas que a criança mais gosta de assistir. E fazer uma aula de Educação Física que eles têm a hora de ficar calado e depois quando ele vai para o jogo ele conversa, ele fala, ele joga a bola ele argumenta com o colega e, assim, é o prazer da aula de Educação Física. (EF3-Alzira)

Nas aulas teóricas de Educação Física, eu sigo o plano de aula e nas aulas práticas eu vejo a realidade do aluno, eu proponho para o aluno aquela aula que mais chame atenção dele. (EF4-José)

Voltando à história da Educação Física procuramos entender o que aconteceu. No século XIX e XX, predominou fortemente uma prática médico-higienista e militarista. No século XX e no início do século XXI foi quebrada a hegemonia e outras concepções surgiram com outros estudiosos. Podemos perceber novas linhas teóricas da Educação Física escolar focadas na Cultura Corporal do Movimento; Cultura Escolar; Educação Corporal; Movimento Corporal e muitas dessas concepções influenciaram a Educação Física Escolar, organizada a partir da LDBEN de 20/12/1996 e dos Parâmetros Curriculares. (BRASIL, 1998, p.24), de forma eclética (DARIDO, 2003). Mesmo assim se percebe uma grande preocupação com atividade física mais do que com as outras dimensões da Educação Física Escolar. Procuramos entender quais são as propostas desses professores de Educação Física que atuam nas redes públicas de Itumbiara/GO, no século XXI e percebemos que muitas coisas mudaram no campo teórico, embora continue a predominância dos esportes nas aulas de Educação Física. Esta disciplina possibilita alternativas diferenciadas devido a gama de conhecimentos próprios da área manifestada pela expressão corporal por meio da dança, jogos, esportes, lutas, exercícios ginásticos, malabarismos, contorcionismos, mímicas e muitas outras, que podem ser representações simbólicas de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e desenvolvidas culturalmente. (COLETIVOS DE AUTORES, 2006).

3.4.1 Predominância dos esportes como conteúdo da Educação Física

Houve certa dificuldade para identificar, a partir dos depoimentos, a metodologia utilizada pelos professores nas aulas, e o conteúdo trabalhado.

Segundo alguns professores, predomina em suas práticas uma mescla das várias

propostas teóricas. A partir das entrevistas, percebemos que alguns se aproximam do que está proposto nos Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1998).

Observamos pela análise das entrevistas, que há predominância de alguns conteúdos nas aulas com destaque para os esportes: os fundamentos dos esportes, as técnicas básicas do esporte e as regras propriamente ditas, valências físicas; e os jogos pré-esportivos, jogos esportivos e a competição; e a psicomotricidade (habilidades motoras, nas diferentes faixas etárias). E entre outros conteúdos, abordam os conhecimentos relacionados aos esportes (aspectos históricos, fisiologia do corpo humano, manutenção e melhoria da saúde). Aparecem também os temas transversais: educação sexual, gravidez na adolescência, ecologia, prevenção de drogas, e valores éticos, morais e sociais. Práticas diferenciadas do esporte: jogos lúdicos, jogos recreativos; jogos de dama e tabuleiro de xadrez. Lazer e dança. Exercícios físicos, atividades físicas, alongamento, ginástica; ginástica escolar.

Alguns professores, muito preocupados com as atividades físicas, sobretudo com os esportes questionam o fato de, na maioria das vezes, as escolas públicas não fornecerem os materiais de forma satisfatória, perdendo o foco dos conteúdos a serem trabalhados no ensino fundamental do 6º ao 9º ano na rede pública.

O conteúdo a ser trabalhado é selecionado, principalmente, de acordo com a disponibilidade do espaço físico e materiais que a escola pode oferecer. Exemplo eu gostaria muito de dar aula de natação. Em Itumbiara, é muito quente e seria um esporte propício para o local, mas não temos piscina. E também de acordo com interesse dos alunos. Eu escolho e seleciono o conteúdo dentro da disciplina de Educação Física. Sobre outro tipo de jogo, o xadrez. Quando eu fui fazer o planejamento do ensino eu coloquei o xadrez ensino fundamental e médio como um conteúdo a ser desenvolvido; e consegui parcialmente por causa da falta de recurso material; tivesse várias bolas para trabalhar todos os fundamentos para depois entrar na parte coletiva de um esporte infelizmente isso não é possível sempre devido a essa falta de recursos que a gente enfrenta nas escolas publicas. (EF2-Amélia)

Sempre temos um currículo a seguir. Com a orientação da coordenadora pedagógica começamos com as coisas mais simples e vamos aperfeiçoando. Quando está perto dos jogos nós trabalhamos mais regras fundamentos e as regras são em comum. Principalmente, a parte higiênica corporal, trabalho muito as partes de coordenação A gente fala todos os conteúdos na área de Educação Física inclusive a prevenção de drogas, como se comportar em casa, educação com os mais velhos, limpeza, trabalhamos todos os conteúdos na Educação Física. (EF3-Alzira)

Um depoimento traz a preocupação em conscientizar os alunos da necessidade das atividades físicas para a qualidade de vida das pessoas, que se torna cada vez mais sedentária e artificial quanto ao movimentar-se.

Inicialmente eu busco conscientizar os alunos da importância da atividade física e também do esporte na vida humana; então eu procuro dar a prática, desenvolver a prática e fazer com que eles tomem gosto em relação a essas atividades físicas, que eles saibam valorizar as atividades físicas e esportivas, reconhecendo-as como uma necessidade do ser humano em busca de uma melhor qualidade de vida. (EF2-Amélia)

Alguns professores selecionam os conteúdos de acordo com a faixa etária, as vivências e experiências das crianças e, conforme a realidade da escola, o espaço físico, e materiais que a escola oferece, buscando atender aos anseios e a necessidades das crianças e jovens na prática de Educação Física. O planejamento diário facilita porque os professores têm a capacidade de se adaptarem à condição oferecida pela escola.

Eu seleciono identificando, primeiramente, a experiência e a idade das crianças; tento colocar de tudo dentro dos conteúdos: então eu coloco a parte de saúde, uma parte de escola, esporte, jogos, dança e lazer. Eu acredito que o mais importante dentro de todas essas disciplinas é trabalhar formação do cidadão crítico que consiga ter autonomia, ou seja, que consegue fazer o que é melhor para sua comunidade. E acredito que 60% do que eu planejo, consigo atuar Mas acontece muito imprevisto na escola e, às vezes, eu não consigo fazer na íntegra o planejamento porque, às vezes, a atividade do profissional de Educação Física na escola é o primeiro a ser prejudicado, pois falta um professor ou se tem algum problema na sala de aula sempre tenta colocar o professor de Educação Física para estar suprindo ou fazendo atividade que não estava programada e, às vezes por critério de hierarquia não conseguimos fazer o que planejamos na aula. (EF5-Colaço)

Este depoimento aponta para um problema recorrente entre alguns gestores: o de ver a Educação Física escolar como a responsável por preencher horários vagos decorrentes de faltas de professores, para resolver problemas disciplinares, dentre outros, provocando alterações substanciais no planejamento.

Eu seleciono os conteúdos de acordo com a realidade da escola trabalho muito com temas transversais, educação sexual, educação. É basicamente trabalhar a disciplina, que a criançada de hoje está muito indisciplinada, vem para aula sem muita educação mesmo de berço. Então o professor está sendo obrigado a fazer isso, tem que fazer obedecer a regras, cumprir a disciplina. Importantíssimo é a questão do meio ambiente e a educação sexual por causa da gravidez na adolescência. (EF6-Sônia).

Eu costumo separar alguns conteúdos principalmente pela idade e vivências das crianças. Educação Física é muito abrangente não podemos trabalhar somente a parte física, mas também a parte psicológica e socialização. Todo professor de Educação Física tem responsabilidade muito grande porque de todas as disciplinas é a disciplina que mais ajuda uma criança. Percebe-se uma criança quando ela está com problema, percebe-se a criança quando está feliz quando tem dificuldades em casa, dificuldade na rua. Depende

muito da escola que você trabalha e consegue adaptar a todas as necessidades da aula ao material e às condições que a escola lhe oferece. (EF7-Kevin)

O professor William justifica o trabalho que faz com o esporte voltado, também, para a adaptação ao mundo social e para a competitividade. O professor José salienta a necessidade de atender a realidade do aluno e da escola

Os conteúdos são selecionados de acordo com a turma, a série, a idade dos alunos e ensinam para eles o vencer e o perder; trabalhamos com eles a competitividade; e a recreação entre meninas e meninos; trabalhamos o social passando para eles que o jogo tem regras e sempre na vida deles terá regras e eles terão que cumprir. (EF10-William)

Então esse conteúdo a ser trabalhado, primeiramente, vê a realidade da escola e a realidade do aluno. Através dessa realidade começo a selecionar o material. Às vezes, você faz um plano e a realidade é outra; às vezes você tem que mudar aquele plano pra que chame a atenção do aluno porque o melhor plano de aula que tem é quando você tem o seu aluno ao seu lado. (EF4-José)

De modo geral, há uma unanimidade quanto à adequação do conteúdo trabalhado a realidade da escola e do aluno. E, apesar de toda essa gama de conteúdos a serem abordados nas aulas de Educação Física, foi recorrente o esporte, prevalecendo as modalidades coletivas entre elas: futsal, futebol de campo, handebol, queimada, voleibol e basquetebol; isto é, quando tem tabelas nas quadras das escolas públicas.

A professora Isabel afirma que o corpo saudável ao qual se refere não é o mesmo corpo estabelecido pela mídia, que na maioria das vezes é colocado como mercadoria que está sendo vendida. E as crianças e os adolescentes, que não entendem desta forma, começam reproduzir essa cultura corporal que a mídia vende para os consumidores. E de fato, chama a atenção para o cuidado que é preciso ter com essas colocações e explicar aos educandos que o nosso corpo não é mercadoria e nem objeto de consumo e nós não estamos à venda; e a escola representa um lugar de transmissão e produção de cultura corporal, temporal, social para formação e construção integral como seres humanos.

As turmas estão vivenciando o que passa na mídia até para estar trabalhando o corpo, a saúde, penso que o professor tem que sempre estar se atualizando; os problemas quanto ao corpo saudável tem que ser o estabelecido pelo índice de massa corporal (IMC) e não aqueles estabelecidos pela mídia, trabalhando com academia. E quais são as atividades corretas, que posso fazer fora das academias? São várias atividades que podemos trabalhar na escola e eu as seleciono. E a vida saudável praticada através de atividade física, esporte, leva ao corpo saudável e as atividades físicas não podem faltar na área de Educação

Física. Temos que falar sobre a fisiologia, corpo humano e os nossos alunos, às vezes, não sabem e não conhecem a Educação Física, que fica sempre voltada para esporte. (EF1-Isabel)

Concordamos com os autores de que “o corpo é, nos tempos contemporâneos, definidor de condutas e de normas, portador de valores, suporte disseminador de signos, mensageiro de significados que provoca, simultaneamente, admiração e repulsa.” (VAZ, TORRI, ALBINO, 2007, p.502). A preocupação, como educadores, é preparar o educando para inserção social, possibilitando uma reflexão crítica sobre práticas culturais da sociedade; e intervindo no processo de ensino e nas demais práticas sociais, instigando uma postura permanente de diálogo e negociações e não de submissão.

Para determinados professores há uma preocupação com os valores éticos e morais. E para outros professores, a preocupação é com as relações socioafetivas e a interação social. Portanto, mesmo quando estão preocupados com a aptidão física e os aspectos cognitivos da disciplina, não descuidam da formação do aluno em termos afetivos, morais e éticos.

Os conteúdos são selecionados de acordo com a faixa etária da criança do 1º e 2º ano que é mais a Educação Infantil, procuro trabalhar as valências psicomotoras como lateralidade, esquema corporal, espaço e tempo, as valências mesmas nas outras séries. Costumo trabalhar observando o desenvolvimento psicomotor mesmo dos alunos dentro da faixa etária. Eu considero importante trabalhar atividades por nossas aulas estarem voltadas não somente na parte dos esportes, mas na parte educacional mesmo. E a gente trabalha atividades que são voltadas para os valores éticos, morais, e o aspecto psicológico pode estar integrando dentro da aula de Educação Física. (EF8-Luciene)

O conteúdo é selecionado de acordo com a série e idade dos alunos. Na atual conjuntura da Educação, na formação de Educação que está em vigor é a questão importante na Educação Física seria voltar o aluno para o bom relacionamento socioafetivo. (EF9-Carlos)

Eu procuro selecionar o que está ao nosso alcance em ginástica, exercícios, alongamento. A Educação Física trabalha em geral todas as modalidades inclusive na parte ginástica escolar favorece muito para que o aluno possa interagir o máximo possível (EF11-Roberto)

Pelo exposto, os professores têm uma visão de Educação Física Escolar ampliada. Os professores denotam compartilhar da visão de Hildebrandt (2005) segundo a qual o esporte é o principal conteúdo aplicado nas aulas de Educação Física. A crítica é que, muitas vezes, sua prática se dá sem reflexão e apenas voltada para o desenvolvimento da competição.

Segundo os depoimentos dos professores percebemos que em suas aulas de Educação Física mescla atividades teóricas e práticas e dentre elas, o esporte. Isso significa que

atividades de recreação, os exercícios de ginástica e alongamento também acontecem.

Eu procuro sempre estar fazendo atividade teórica e prática até para eles estarem assimilando o que eles fazem na prática e na teoria; e muitas vezes a escola não oferece recurso para isso para as aulas práticas. E procuro também sempre estar dando aulas dinâmicas que venham a se interessar nas aulas que muitas vezes quadro giz para eles não é o bastante, eles ficam dispersos. Então procuro sempre estar fazendo uma atividade. Assim, procuro levar slides para eles verificarem lá na prática, mostrar como é feito na verdade aquela aula o que foi dado na teoria. (EF1-Isabel)

A atividade predominante das minhas aulas é a parte prática. Eu trabalho o desenvolvimento dos esportes com os alunos a prática do esporte através de exercícios educativos. Como eu estava dizendo eu trabalho os exercícios educativos relacionados ao fundamento dos esportes e depois eu passo para o esporte propriamente dito. Além desses esportes que eu trabalho em quadra, trabalho jogos de tabuleiro com os alunos como dama e xadrez. Trabalho a parte teórica com eles primeiro para depois passar para parte prática, passando principalmente as regras mais básicas e, concomitante a isso, trabalho textos reflexivos e textos educativos relacionados ao esporte, à consciência corporal e à consciência da prática do esporte enquanto saúde para o aluno. São basicamente estas atividades que eu trabalho com eles. (EF2-Amélia)

Alguns professores procuram atender aos interesses dos alunos, em suas propostas de ação pedagógica. No depoimento abaixo a professora Luciene questiona as práticas de alguns professores que alternam futebol e queimada o ano todo. Usa a expressão “sair do rola a bola”, para significar rompimento com esta prática de dar a bola e deixar os alunos por conta disso, apenas. Há uma diferença: nas séries iniciais do ensino fundamental os professores trabalham mais a parte de recreação e valências psicomotoras e, nas séries finais, predominam os jogos desportivos.

De 1º ao 5º ano as atividades que predominam são mais recreativas, que trabalham as valências psicomotoras; do 6º ao 8º ano a gente tem dificuldade muito grande de estar trabalhando atividades diferentes, como sair um pouco do rola bola, porque eu estou entrando nessa escola esse ano. Bom tem alunos que estavam acostumados com outro professor. Ele chegava e era futebol e queimada; futebol e queimada. Então fica complicado chegar e impor logo de cara e falar: você não faz isso. (EF8-Luciene)

Bom, as atividades predominam de acordo com a série e a realidade escolar, a realidade da escola as séries mais iniciais atividades recreativas predominam, séries mais adiantada atividades esportivas têm uma participação maior, uma ênfase maior. (EF9-Carlos)

As atividades que proponho aos meus alunos eu vejo a realidade de cada turma, se o aluno gosta mais de atividade física: ginástica, alongamento, brincadeira lúdica, eu proponho a eles o que eles mais interessam e o que

mais gostam porque não adianta você impor uma coisa que a criança não gosta. (EF3-Alzira)

Predomina ainda a prática, tento dar pelo menos 40, 60 sendo 40 de teoria 60 de prática, mas vezes dependendo do contexto do conteúdo não conseguimos dar teoria e 60% de prática até porque trabalho na escola integral. Então, é às vezes, o aluno fica muito tempo na sala de aula e, às vezes, ficar dando teoria na sala de aula não é suficiente. Então eu tento incrementar isso na quadra juntamente com a aula prática, mas a predominância é aula prática, realmente. (EF5-Colaço)

Elas estão baseadas na faixa etária dos alunos. E os meninos mais novos a gente trabalha sempre mais a forma que eles pudessem desenvolver suas habilidades, é psicomotora, lateralidade enquanto os alunos mais avançados desenvolvem as atividades esportivas e ainda mais são atividades que eles mais gostam. (EF7-Kevin)

Os professores de Educação Física foram unânimes quanto ao valor que atribuem às práticas desportivas.

Predomina nas aulas é o esporte porque os esportes são tudo para eles; e o esporte como diz é o melhor domínio e o esporte para eles é a melhor coisa que existe. (EF4- José)

Vôlei, futsal porque os meninos adoram amam o futsal, vôlei porque as meninas gostam de jogar, handebol e queimada que eles gostam tanto menino quanto meninas eles adoram jogar. (EF6-Sônia)

A atividade que predomina é a prática esportiva, porque na escola você trabalha o treinamento então através da aula de Educação Física A gente vai vendo quais alunos têm mais habilidades para estar convidando eles a estar participando do treinamento no contraturno das aulas. Então, durante as aulas, no ano letivo, o que predomina mais é a prática esportiva do handebol, voleibol, basquetebol, futsal dentre outros queimada e as atividades físicas e exercícios. Nós realizamos prova prática todo bimestre. Eu acho o que predomina é isso aí a prática esportiva mesmo, a gente dá muita ênfase na pratica esportiva. (EF10 William)

As atividades que predominam em minhas aulas são as modalidades esportivas. Que eu tento passar para os alunos para a hora que chegar ao estágio melhor na área do ensino eles possam optar por uma modalidade e seguir até mesmo uma carreira , "por exemplo" eu gosto muito do voleibol, então eu passo para os alunos regras, atividade dos jogos, a metragem da quadra, a altura da rede. Passo o básico para eles que são os fundamentos: manchete, cortada, toque, saque, porque no futuro melhor a gente possa tentar descobrir novos valores para o Brasil. (EF11-Roberto)

Conforme os Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1998, p. 22) "o trabalho na área da Educação Física tem seus fundamentos nas concepções de corpo e de movimento." Ou seja, o trabalho desenvolvido tem a ver com a "compreensão que se tem desses dois conceitos." O

corpo não é um mero organismo fisiológico, mas se refere a suas dimensões antropológicas e sociológicas. A Educação Física implica cultura corporal e como tal pode possibilitar a realização da cidadania: pelo conhecimento do corpo, atividades rítmicas expressivas e pelas modalidades esportivas predominantes: handebol, voleibol basquetebol, futsal, queimada, dança. Há um vasto patrimônio cultural que significa a representação corporal humana e é preciso possibilitar essas práticas sem discriminação e preconceitos, diante das manifestações culturais de diferentes grupos étnicos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos.

Diante destes saberes, não estamos questionando que conteúdos predominam em suas práticas de Educação Física no ensino fundamental da rede pública ou quais são os que deveriam trabalhar. Precisamos repensar os significados, independente de quais conteúdos selecionados, as características individuais dos alunos em todas as esferas do conhecimento (cognitiva, corporal, efetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social) e garantir a eles a aprendizagem de um conhecimento que vá além das técnicas de execução dos esportes. Que os incite a dialogarem com as regras e estratégias; e que as técnicas não sejam um fim em si mesmas, mas meios que possibilitem pensar e repensar estas práticas, que vão além dos muros das escolas, podendo proporcionar sua inserção crítica, na leitura reflexiva, que amplie os conhecimentos adquiridos em valores sociais, atitudes e postura frente à sociedade.

3.5 Avaliação e sua complexidade: os critérios a serem repensados nas aulas de Educação Física escolar

Segundo alguns professores de Educação Física, é muito difícil avaliar, porque são vários os critérios; e as condições familiares refletem nas crianças na sala de aula e muitas vezes vêm para escola sem tomar café da manhã e vão fazer atividade física, não têm tênis e sofrem preconceito das outras crianças. Porém o professor tenta mostrar que as diferenças são normais, não tendo critérios específicos para avaliar. Enquanto outros priorizam a avaliação prática, atribuindo a esta um peso maior do que à teoria. Muitos outros são preocupados com habilidades motoras, enquanto que em algumas escolas não há avaliação definida na disciplina.

Para os professores, a avaliação é contínua, quantitativa e qualitativa. Destacamos aqui alguns depoimentos:

A minha avaliação é contínua e constante, diária de acordo com cada aula. Avalio, principalmente, a questão da participação, da frequência e a

disciplina dentro da prática e no conteúdo de Educação Física. Quanto ao desempenho, não tenho aquela preocupação de querer que o aluno jogue bem, demais jogue, perfeitamente; se ele se sobressair é bom porque o trabalho que está sendo feito é adequadamente, se ele participar está bom. Então, a questão é a seguinte ele tem que participar, frequentar as aulas, ter certa disciplina dentro da prática e procurar ter um bom desempenho, mas a avaliação a nota dez não vai ser adquirida somente para aqueles que joguem perfeitamente ou faça qualquer atividade física perfeitamente. (EF2-Amélia)

Percebemos através do relato do professor Kevin que há uma exigência da Secretaria Municipal quanto à avaliação dos alunos do ensino fundamental, no sentido de ser qualitativa (assiduidade, sociabilidade, compromisso, participação) e quantitativa (notas atribuídas a provas e trabalhos escritos). De certa maneira, interfere na opção pedagógica do professor quanto à avaliação na EFE.

Por determinação da Secretaria Municipal de Educação e das escolas, os alunos, do 6º ao 9º ano, do ensino fundamental, passaram pela avaliação qualitativa e quantitativa. Sempre que há quantitativa, é realizada uma prova juntamente com trabalhos, no caso das crianças do 1º ano ao 5º ano. Eu avalio somente a qualitativa. (EF7-Kevin)

No depoimento a seguir, a prioridade recai sobre a sociabilidade e há muita clareza do professor quanto à dificuldade em avaliar na EFE. .

Em minha concepção, a Educação Física é uma área muito difícil de estar avaliando, porque são vários critérios, e como avaliar a Educação Física, em que a interdisciplinaridade é muito grande. Então primeiro avalio a questão social: a criança consegue ter uma participação efetiva com todo mundo ou ela é uma criança que tem dificuldade...; eu tento avaliar o contexto geral de participação e, se não participa, buscar o problema. Acredito que eu não posso dar um dois para uma criança que não participa. O professor de Educação Física tem que tentar buscar por que não está fazendo e criar uma solução para aquele problema e avaliar através do ser da História. É muito difícil essa avaliação na Educação Física Escolar. (EF5-Colaço)

De acordo com o registro das entrevistas sobre o que significa para eles a avaliação, pudemos observar que a aula prática chama mais atenção do que as aulas teóricas embora aleguem não poder distanciar a prática da teoria, que as duas caminham juntas, e que não há como dissociar “prática” de “teoria.” Questionam que a escola interfere na avaliação do professor.

Bom, a avaliação dos alunos... ela é feita diariamente principalmente na aula de Educação Física, que tem muita aula prática. Então necessita estar avaliando não só o conteúdo teórico, mas também na prática: eu dou as aulas teóricas um dia e dois ou três na prática e no final do bimestre eu tenho que ser avaliado, a escola exige que seja avaliada a escrita, na soma qualitativa e quantitativa. (EF1-Isabel)

A avaliação dos alunos é feita em forma qualitativa e quantitativa dando peso na avaliação prática, no que o aluno desenvolve na prática. A gente trabalha com teoria e prática: uma aula teórica e uma prática. Na teoria avalia o que passou para ele na teoria, por ex. passou as regras de basquetebol e os fundamentos de basquetebol. Na prática avalia o que ele aprendeu na prática do basquetebol como que ele sabe jogar, se ele sabe bater uma bola, então é feita avaliação dessa forma (6) seis pontos de prática e (4) quatro pontos de teórica. (EF10-William)

Dentre os entrevistados, seis professores dizem das dificuldades quanto à avaliação dos educandos do ensino fundamental da rede pública que os levam a repensar, em suas ações, quais os critérios e objetivos utilizados para que, realmente, sejam efetivas estas avaliações, sem perder o foco.

Sempre fazendo reavaliação teórica sobre o que a gente fala na aula teórica e na prática vê como as crianças se desenvolvem com exercícios físicos, coordenação motora grossa, fina e com as atividades, inclusive como os alunos fazem a respiração, sempre para não dar dor no baço. (EF3-Alzira)

Essa avaliação é feita quantitativa e qualitativa, tanto na teoria como na prática (EF4-José)

Avalio na vivência deles, no dia a dia, o que estão fazendo e deixando de fazer e trabalho escrito, que são trabalhos teóricos. Dessa maneira em todo bimestre são dois. (EF6-Sônia)

Os alunos são avaliados no quantitativo e qualitativo, porque dou aula do 1º ao 5º ano e os alunos são avaliados em participação e colaboração; do 6º ao 8º ano trabalho a questão de provas conteúdos teóricos e observo o aluno sua participação na aula, se está integrado com o assunto e as aulas; às vezes ele não é aquele assíduo que gosta do futebol, da prática e tem outras habilidades outras potencialidades aí avalio e observo em cada aluno o que estou avaliando. (EF8-Luciene)

É de forma acumulativa e contínua no sentido de aproveitar tudo que foi trabalhado em termos de conteúdo formal e informal devido às questões de participação e interesse relacionamento e até mesmo a disciplina. (EF9-Carlos)

Bom... a avaliação é feita de várias maneiras: primeiro a gente conversa com os alunos[...] Neste sentido é a participação e o compromisso do aluno com a escola, o compromisso com a Educação Física, a seriedade com que ele vai participar e poder ter uma experiência também maior para o futuro. (EF11-Roberto)

Podemos observar que a maioria dos professores fala de avaliação qualitativa e quantitativa, porém não objetivam de forma clara os critérios utilizados. No entanto, fica

evidente que consideram todas as atividades que os alunos realizam a participação, de modo a considerar as potencialidades de cada aluno. Recorremos a alguns autores que discutem a questão da avaliação e notamos que quanto a esse aspecto os professores não se distanciam, por exemplo, do que diz Gimeno (1998) sobre a avaliação:

É preciso que o professor considere a amplitude da avaliação: o que avaliar no aluno? As concepções mais progressistas propõem a avaliação da totalidade do aluno e refletem um rendimento ideal determinado pelo conteúdo. (apud BETTI; ZULIANI, 2002, p.78).

Dessa forma, dos depoimentos obtidos, apreende-se que no processo de ensino-aprendizagem a avaliação é considerada de modo amplo para além das habilidades motoras. Têm sido introduzidas mudanças polêmicas no processo de avaliação da EFE no ensino fundamental que passam a valorizar as avaliações teóricas.

3.6 Educação física escolar: as olimpíadas estudantis em discussão

Segundo os professores, as Olimpíadas estudantis representam um objetivo a mais dentre as atividades de Educação Física escolar. São inspiradas nos jogos olímpicos criados a partir das Olimpíadas da Grécia antiga.

Os jogos olímpicos – ou Olimpíadas tiveram como idealizador Pierre de Fredy, Barão de Coubertini, que no século XIX, em 23 de junho de 1894, criou o Comitê Olímpico Internacional, dando início às Olimpíadas em 1896, com caráter mundial, realizada de quatro em quatro anos, em países diferentes. Segundo a Mitologia Grega os Jogos Olímpicos surgiram quando Hércules, depois de andar pelo mundo afora mostrando sua força, foi para a Ilha de Creta e construiu um estádio onde participava de corridas com seus irmãos. Em Olímpia, onde havia plantado as palmeiras, dos ramos foram feitas as coroas para premiar os vencedores dos Jogos Olímpicos.

Nos jogos, no primeiro dia, celebravam os cerimoniais religiosos e, neste mesmo dia, era aceso o fogo olímpico que simboliza o juramento dos atletas e a fidelidade aos deuses. E os atletas juravam respeitar as regras dos jogos. No segundo dia, começavam as atividades esportivas e culturais, as competições da época eram: corrida; arremesso de peso; salto em distância; arremesso de disco; lutas; concursos de canto; poesia; música e literatura.

Segundo o Barão de Coubertini, o ideal olímpico é “desenvolver nos homens a harmonia e a igualdade, através do aprimoramento físico”. Nos jogos olímpicos, era proibido fazer qualquer menção religiosa, política, social ou nacional. (TEIXEIRA, 1997, p. 53). O ideal olímpico é o da aproximação e reconciliação entre os povos, que competem entre si em torno apenas da excelência física e das habilidades motoras e técnicas.

Há certo consenso entre os professores em considerar as Olimpíadas estudantis como um momento de socialização das crianças e jovens, entre escolas públicas e particulares e de intercâmbio entre as escolas e a própria comunidade. Para determinados professores (Sônia, Luciene, Isabel, Amélia) as Olimpíadas Estudantis é também o momento em que os alunos demonstram *algumas* habilidades técnicas, em modalidade específicas.

É o momento de socialização das crianças com outras escolas com a própria comunidade e onde eles gostam de ir mostrar o que eles aprenderam. Apesar de tirar os melhores nas minhas aulas, não influenciam não, porque não tenho treinamento e para as Olimpíadas se precisa de treinamento e eu não dou treinamento. (EF6-Sônia)

As olimpíadas, em minha opinião, foram criadas para fazer uma socialização entre as escolas, porque participam todas as escolas privadas e públicas. Eu acho é uma forma de relacionar todas as escolas fazendo socialização e que todas participem do esporte. Na aula de Educação Física, nem preocupo se vai participar de olimpíadas ou não eu acho que a aula Educação Física tem que separar Educação Física Educacional do esporte. O momento da Educação Física Educacional, não tem que selecionar, ninguém tem que trabalhar num todo e estar preocupado com o aluno no geral, com a sala no geral. Eu nem penso em olimpíada durante a aula de Educação Física. Eu não trabalho nada voltado para as olimpíadas. (EF8-Luciene)

Para mim, as olimpíadas estudantis significam um momento em que os alunos podem demonstrar algumas habilidades técnicas em modalidades específicas. Não, porque para mim fica bem clara a separação de horário de aula de Educação Física escolar, do horário de treinamento esportivo, quando se falar em horário de aula de Educação Física Escolar não tem nenhuma interferência da questão das olimpíadas. (EF9-Carlos)

O professor Kevin gosta das Olimpíadas estudantis por ter vocação para treinador e ter se especializado nesta área. Mas, em suas aulas as Olimpíadas não interferem:

Bom, a olimpíada para mim significa minha formação profissional. Eu gosto das olimpíadas, porque tenho vocação de ser treinador, mas no caso das minhas aulas, a olimpíada não significa nada, porque o treinamento desportivo escolar é totalmente separado da aula de Educação física Escolar. (EF7-Kevin)

Para a professora Isabel, a Olimpíada estudantil é muito importante pela integração dos educandos. A maioria dos professores diz não direcionar suas aulas para o treinamento visando à competição nas Olimpíadas. Falam das dificuldades em preparar os alunos para este evento porque não têm vestimenta adequada, não têm transporte, por ser uma escola na periferia da cidade e também por não ter o treinamento específico. Os alunos não entendem e

querem treinar na aula de Educação Física, porque ficam prejudicados nas competições ao não participarem em condições de igualdade.

As olimpíadas são muito boas para estar interagindo o grupo, mostrando que a prática de esporte pode levar um aluno a ser um bom atleta. Isso incentiva muito buscando novos atletas, é bom. Às vezes, atrapalha dentro de uma escola, porque devido às olimpíadas eles procuram sempre a prática e, muitas vezes, o professor não tem o tempo suficiente para fazer a preparação desses atletas. A gente procura nas aulas de Educação Física interagir com todos e muitas vezes não tem como estar fazendo o treinamento. É bom olimpíadas para interagir o grupo, muitas vezes pode sair prejudicado porque o professor não tem tempo suficiente para treinar. (EF1-Isabel)

As olimpíadas estudantis, por outro lado, representam também uma prática em que os mais habilidosos são convocados e os menos habilidosos se sentem excluídos, como alertam os professores Amélia, José e Colaço. Segundo os defensores das Olimpíadas estudantis, como o mundo atual é muito competitivo, elas são uma oportunidade para o aluno aprender a aceitar derrotas, a respeitar o outro e saber o seu limite.

A olimpíada em minha opinião, ela é uma competição como outra qualquer. Hoje nós vivemos no mundo onde tudo é selecionado e a olimpíada é uma seleção daqueles que jogam melhor algum esporte, aqueles que praticam um esporte melhor do que outras pessoas. Então, entendo que a olimpíada, mesmo sendo uma parte competitiva, pode trazer também uma consciência do aluno em relação a essa competição ao saber valorizar o outro, ao saber respeitar o outro, ao saber o seu próprio limite, então é uma competição que realmente tem certa seleção mais eu coloco e vejo do jeito que é a nossa vida, nós somos selecionados o tempo todo, para tudo, infelizmente ou felizmente A minha aula de Educação Física é diferenciada do treinamento que eu dou em determinado esporte então não pesa, o que faço através das aulas é observar os alunos para selecioná-los para o futuro treinamento. O treinamento é um objetivo diferenciado das aulas. O aluno tem que buscar a sua melhor performance para poder ser selecionado, mas não pesa na aula na minha aula não são objetivos diferenciados. (EF2-Amélia)

As olimpíadas são a principal atividade que temos na nossa cidade hoje, eu acho que não totalmente a nossa cidade, todo mundo pensa a mesma coisa, todos os alunos visam à Educação Física rumo às olimpíadas, porque todos querem participar. Às vezes, ficam frustrados aqueles que vão e participam, mas não têm grande pontuação e ficam frustrados aqueles que ficam e, às vezes, por ter a formação de poucos atletas e pela quantidade de atleta que muitas vezes você deixa para trás e aqueles que ficam para trás, ficam frustrados. Sim, esse é o maior peso que o professor tem, porque é um peso, porque através da seleção os atletas, muitas vezes você chama aí (20) vinte (30) trinta atletas para treinar e você tem que convocar (12) atletas e a consciência do professor pesa, porque aqueles alunos que ficam vão ficar frustrados, porque não tiveram uma chance. É ruim, os outros não tiveram oportunidade. (EF4-José)

As olimpíadas, para mim, representam uma prática exclusiva porque eu tenho 50 alunos e tenho que escolher doze, quinze no máximo para nível de competição. Mesmo sendo olimpíada escolar, o objetivo é educação e, em minha opinião isso não acontece por causa da exclusão. Nenhum professor, pelo menos a maioria, não vai levar o aluno porque ele é um bom cidadão, e se ele tem postura exemplar como cidadão não conta, mas porque ele é bom no esporte. Então acaba sendo um modo exclusivo de você educar e até relacionar dentro da escola, e pensando assim, eu não priorizo olimpíadas na minha aula. Muito pelo contrário a escola disponibiliza um tempo para treinamento. É feito, mas não tem nada a ver, eu não relaciono nada de olimpíada com minha aula, o que acontece às vezes durante a prática você seleciona um menino que tem mais aptidão que o outro, mas infelizmente, na minha opinião, isso é exclusivo e não influencia nas minhas aulas práticas não pesam nas minhas aulas não. (EF5-Colaço)

Para o professor Roberto, citado abaixo, a Olimpíada estudantil é a última instância dos treinamentos para a competição na Educação Física e os alunos querem participar a qualquer preço, enquanto outros ficam insatisfeitos por não terem sido selecionados.

As olimpíadas... é um momento, é a última instância dos nossos treinamentos; é onde o aluno fica sempre perguntando que dia que vão começar as olimpíadas. Primeiro qual o intuito dos treinamentos, então o intuito dos treinamentos é fazer com que eles participem dos jogos que são as olimpíadas. Até chegar a esse momento, os alunos se empenham ao máximo sabendo que vão participar das olimpíadas. É o máximo, é tudo para eles, olimpíadas. Querem jogar, querem participar... quando não participam, porque não tem jeito de participar, eles ficam muito chateados. É um peso muito importante: nós temos que avaliar com calma para que no futuro o aluno possa dedicar cada vez mais às aulas de Educação Física, sabendo que vai poder participar das olimpíadas. A questão dos alunos é o seguinte: professor eu vou participar dos jogos olímpicos? Quando será o treinamento? Estou apto a jogar? Então é a pergunta que fica sim, a resposta também para eles sim. As olimpíadas pesam porque você acha o futuro jogador do Brasil. (EF11-Roberto)

Alguns professores não evidenciam mudanças em suas aulas de Educação Física por causa dos treinamentos; enquanto para outros é na Olimpíada estudantil que o professor mostra o seu trabalho feito durante o ano; e o treinamento tem por resultado o seu aluno jogando e sendo campeão no final do ano, em alguma modalidade esportiva. E considera o sucesso do aluno como fruto do trabalho proposto por determinado professor.

Significa a interação das escolas inclusive dos alunos entre alunos. É um meio de saírem do mundo, do bairro, porque quem mora afastado, igual meus alunos quando vão ao ginásio Arco-íris, para eles é diferente, porque eles não viajam, não saem de perua, ficam na escola e não conhecem nem o centro da cidade, algumas crianças. Sempre dá uma fundamentação para os alunos, porque na minha aula prática a gente também treina os alunos, eles gostam muito de bola, quando a gente está na escola dando aula de

Educação Física, eles pedem para dar uma treinadinha e a gente dá uns dez minutos de treino isso é proporcionado para a olimpíada estudantil do município de Itumbiara, porque eles gostam da bola, gostam de participar; é um meio de interação com os alunos das outras escolas. (EF3- Alzira)

As olimpíadas, para mim, significam muito, porque através dela que você vai mostrar o seu trabalho durante o ano e se você trabalhou, e como foi feito o treinamento. Então isso para mim é muito importante porque você vê um aluno seu no final do ano jogando sendo campeão em alguma modalidade você vendo o que ele está conseguindo é fruto de seu trabalho isso para mim é muito importante. (EF10-William)

Percebemos que a maioria dos professores entrevistados diferencia muito bem a Educação Física dos treinamentos e diz que as Olimpíadas estudantis não pesam em suas aulas práticas por não excluir delas ninguém. Mas há outros que admitem haver interferência, e as veem como positivas para descobrir alunos talentosos.

Sim, pesa um pouco porque através das aulas práticas você vai ver as habilidades dos alunos e está chamando para o treinamento para participar das olimpíadas. Então pesa sim, se não fossem as aulas práticas, como que você conheceria os alunos? Porque através dela você vai trabalhar com o menino na prática na Educação Física e você vai ver que aquele aluno tem uma habilidade X para participar de uma modalidade no contraturno para poder representar a instituição que ele estuda, as olimpíadas são realizadas no final do ano. (EF10-William)

Sintetizando, podemos afirmar que as Olimpíadas estudantis significam a interação das escolas públicas e privadas; é o momento que os alunos demonstram algumas habilidades técnicas em modalidade específicas, e a maioria dos alunos quer chegar às olimpíadas. E de fato, as práticas dos esportes poderão levar o aluno a ser um bom atleta, devido aos treinamentos, o desempenho individual e o espírito de equipe. Mas, por outro lado, exclui os menos habilidosos.

Podemos observar que as Olimpíadas estudantis afetam substancialmente as aulas de Educação Física; e as leis Federais, refletindo a política educacional, ao incentivarem os jogos escolares influenciaram decisivamente no âmbito do cotidiano escolar.

A ênfase na prática esportiva na Educação Física do Ensino Fundamental da Rede Pública na cidade de Itumbiara-GO fica muito evidente. Com a criação dos Jogos Escolares Brasileiros, (JEBs), Jogos Estudantis do Estado de Goiás (JEGO's) e Olimpíadas Estudantis de Itumbiara, reforçando as tendências do esporte em tornar o conteúdo hegemônico, embora não seja o único das aulas de Educação Física. Pela visibilidade social que o esporte alcançou em muitas cidades, contribuindo para que as práticas de Educação Física deixassem de ser centradas na aptidão física e voltassem para a iniciação à prática esportiva. E então

questionamos: a prática desportiva atende aos objetivos da Educação Física Escolar? A formação dos professores os auxiliaria a rever algumas práticas hegemônicas?

4 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E SABERES DOCENTES: aproximações com a formação de professores de Educação Física

A predominância dos esportes nas escolas, muitas vezes de forma assistemática e sem fundamentação teórica, sem a preocupação com os objetivos da EFE ou com desenvolvimento das habilidades motoras e de sociabilidade, tem se constituído em algumas das preocupações dos estudiosos da área da Educação Física escolar. Essas práticas sugerem que a concepção de formação de professores de Educação Física e as metodologias Educação Física Escolar devem ser repensadas, com vista à transformação da prática pedagógica, em que o professor assume a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das variações da cultura corporal de movimento. (BETTI, 1991).

A retomada histórica da EFE, apresentada no primeiro capítulo, mostra-nos que a partir da década de 80, no século passado, ocorreu uma sensível mudança de perspectiva teórica, quando o professor passou a ser reconhecido como protagonista das práticas educativas e a escola passa a ser considerada como espaço privilegiado dos processos formativos de afirmação de identidades profissionais e culturais. O professor deixa de ser o transmissor de conhecimento adquirido em uma fase de sua formação, ou o instrutor, para se tornar professor pesquisador, mediador e coordenador do processo de ensino, numa relação dialógica com o aluno, com quem também aprende ao ensinar.

A qualificação profissional concebida como formação acadêmica é fundamental, mas também pode se dar de forma distanciada da ação pedagógica; e por conta de uma série de fatores o foco principal da formação dos professores passa a ser a formação continuada em serviço, referenciada nas experiências individuais e coletivas, vividas na sala de aula e no interior da escola. (PRADA, 2006)

A consideração do professor como mobilizador de saberes profissionais, como um profissional que em sua trajetória constrói e reconstrói seus conhecimentos em diferentes contextos e tempos, conforme as necessidades e os desafios postos pela docência e experiências em instituições escolares, tem sido o eixo de várias pesquisas preocupadas em investigar como esses profissionais adquirem e se apropriam desses conhecimentos/ saberes da docência. E muitos saberes inerentes à profissão docente são oriundos de diversas fontes, espaços, tempos e experiências que, conjuntamente, configuram a base do trabalho do professor levando em conta que, como todo ser humano, é formado constantemente.

Acredita-se que os saberes docentes são construídos ao longo de toda a vida, começando antes mesmo da formação inicial, passando por ela e acompanhando toda a formação continuada

Todo professor cultua, inicialmente, teorias, crenças oriundas da vivência particular de cada um ao longo da vida pessoal e escolar e que, posteriormente, vão sofrendo influências diferenciadas do processo de formação, que são consolidadas e reavaliadas na prática docente.

A formação continuada deve estimular uma perspectiva crítica reflexiva que forneça aos professores os meios que possibilitem o pensamento autônomo e facilite as dinâmicas da autoformação. Estar em formação implica investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre o percurso e os projetos próprios, com vista às construções de uma identidade, que é também uma identidade profissional. É com base nesses pressupostos que concebemos a formação de professores da Educação Física, considerando que a própria disciplina passa por modificações em seus fundamentos conceituais.

Assim sendo, a formação não se dá por meio de acumulação, seja de cursos, conhecimentos ou de técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e a construção permanente de uma identidade pessoal e profissional.

Como discutimos no capítulo 1, a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento corporal com finalidades de lazer, expressão dos sentimentos, afeto e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde.

Para tanto, é preciso um olhar atento à formação de professor, construído socialmente no âmbito das relações humanas. Nessa perspectiva, o professor constrói sua formação, fortalece e enriquece seu aprendizado. Por isso, é importante ver a pessoa do professor e valorizar o saber de sua experiência pessoal partilhada entre os colegas, pois as práticas educativas são aprimoradas quando surgem de uma reflexão crítica sobre a prática, de modo que o próprio discurso teórico seja vinculado à sua aplicação prática. Porque ensinar exige comprometimento e isso pode ser favorecido se houver uma formação continuada libertadora.

Conforme Paulo Freire (2007, p.35), ensinar requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar quaisquer formas de discriminação que separe as pessoas por raça ou classe social. É ter certeza de que faz parte de um processo inconcluso: apesar de saber que o ser humano é um ser condicionado, há sempre possibilidades de interferir na realidade a fim de modificá-la. Acima de tudo, ensinar exige

respeito à autonomia do educando, pois toda ação educativa que não leva em consideração a visão de mundo do educando corre o sério risco de ser bancária.

Segundo a posição assumida por Freire (2007), somente uma educação conscientizadora possibilita ao ser humano a oportunidade de descobrir-se através da reflexão sobre sua existência. Tal educação só é possível mediante uma pedagogia libertadora e essa educação como prática da liberdade só é possível mediante o diálogo que se nutre do amor, da humanidade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica.

Para Assman (1998, p.30-31), a escola não deve ser concebida somente como repassadora de conhecimentos prontos, mas como contexto e clima organizacional propício a vivências personalizadas do aprender a aprender. A flexibilidade é um aspecto cada vez mais imprescindível de um conhecimento personalizado e de uma ética social democrática.

4.1 Concepções de professores e desafios para a formação continuada

As propostas de formação continuada do docente visam trazer a transformação da prática, ampliando a consciência sobre a própria prática.

Pensando a formação dos professores a partir da análise da prática pedagógica, apoiamo-nos em Pimenta (1999) que identifica o aparecimento da questão dos saberes como um dos aspectos considerados nos estudos sobre a formação do professor na sua relação com a identidade da profissão docente. Parte da premissa de que essa identidade é constituída a partir da

[...] significação da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. (p.19).

Dessa forma, resgata a importância de se considerar o professor em sua própria formação, em um processo de autoformação e de reelaboração dos saberes iniciais em sua vivência da prática.

Assim, seus saberes vão se constituindo a partir de uma reflexão na e sobre a prática. Donald Schön foi idealizador do conceito de professor prático reflexivo e identifica os bons profissionais como autores coadjuvantes que tenham sensibilidade de perceber na ciência técnica e transformá-la em arte. É esta dinâmica que cria possibilidade do professor agir em contextos instáveis como o da sala de aula. Este é um processo essencialmente cognitivo, no qual o professor dialoga com a realidade que lhe fala, em reflexão permanente.

Schön (1997, p. 87) nos diz que:

[...] Nessa perspectiva o desenvolvimento de uma prática reflexiva eficaz tem que integrar o contexto institucional. O professor tem de se tornar um navegador atento à burocracia. E os responsáveis escolares que queiram encorajar os professores e tornarem-se profissionais reflexivos devem criar espaços de liberdade tranquila onde a reflexão seja possível. “Estes são os dois lados da questão - aprender a ouvir os alunos e aprender a fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir os alunos - devem ser olhados como inseparáveis.

Quando se defende a ideia do professor como profissional reflexivo não se está revelando nenhum conteúdo para a reflexão. Não está propondo qual deve ser o campo da reflexão e onde estão situados seus limites. Pressupõe-se que o potencial da reflexão ajudará a reconstruir tradições emancipadoras implícitas nos valores de nossa sociedade. O que está em dúvida é se os processos reflexivos, por suas próprias qualidades, se dirigem à consciência e realização dos ideais de emancipação, igualdade ou justiça; ou poderiam estar a serviço da justificação de outras normas e princípios vigentes em nossa sociedade, como a meritocracia, o individualismo, a tecnocracia e o controle social.

Contreras (2002), ao analisar a concepção da reflexão crítica de professores, afirma que os adeptos desta visão consideram que a reflexão crítica permite aos professores avançar num processo de transformação de práticas pedagógicas mediante sua própria transformação como intelectuais críticos. E, isto requer a tomada de consciência dos valores e significados ideológicos implícitos na atuação docente e nas instituições.

A tendência é reflexiva, mas suas variações vêm se apresentando como um paradigma na formação de professores, sedimentando uma política de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares.

Contreras (2002) ressalta ser fundamental considerar não só as condições do professor, como também as condições estruturais e políticas em que a escola e a sociedade interagem, e como esses fatores influenciam a construção da autonomia profissional docente.

Tardif (2002) defende que o saber não se reduz, exclusiva ou principalmente, a processos mentais cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professor e alunos.

Há que “situar o saber do professor na interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo.” (TARDIF, 2002 p.16).

Uma das inovações do trabalho das pesquisas de Tardif é compreender o saber do professor como resultante de saberes que se constituem nas suas relações com o outro, nas várias instâncias sociais como a família, a escola que o formou. Seus saberes provêm da sua cultura pessoal, da universidade, provêm dos pares, dos cursos da formação continuada. São plurais, heterogêneos, temporais, pois se constroem durante a vida; e o decurso da carreira. É personalizado, situado. Essa concepção da amplitude de saberes que formam o saber do professor é fundamental para entender a atuação de cada um no processo de trabalho coletivo desenvolvido na escola. Cada professor insere sua individualidade na construção do projeto pedagógico, que traz a diversidade de olhares, contribuindo para ampliação das possibilidades e construção de outros novos saberes.

Até algumas décadas atrás, predominava a crença de que quando o profissional terminava a graduação estava apto para ingressar e atuar em sua área por toda a vida. Porém, com o passar dos anos, a realidade se tornou bem diferente principalmente para o profissional docente: este deve estar consciente de que sua formação é contínua e permanente, juntamente com seus pares no processo, os outros professores.

Conforme Nóvoa (2002, p.23). “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente.” Assim, a formação continuada se propaga no coletivo e depende das experiências e da reflexão sobre essa formação como instrumento contínuo de análise e construção da práxis; porém o conhecimento e o pensar sobre esta permitem o desenvolvimento mental, que se dá na relação com os outros. Nessa perspectiva, o professor constrói sua formação, fortalece e enriquece seu aprendizado.

A formação profissional docente está condicionada ao nível de qualidade da formação inicial, da formação continuada e das condições de trabalho, salário compensatório e plano de carreira.

Assim sendo, o grande desafio do profissional docente se dá na experiência e na partilha dos saberes que consolidam nos espaços mútuos, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel do formador e do formando. E outro desafio é conquistar sua valorização profissional.

4.2 Formação continuada de professores de Educação Física no exercício da função

Ao analisarmos a formação para a docência em uma perspectiva histórica, podemos entendê-la como um processo em construção permanente e dinâmico, que se desenvolve

através de uma preparação para ser profissional da educação; e continuado para aqueles que atuam nas escolas e se atualizam por meio da formação docente em serviço. Esta formação continuada em serviço, independente do nome que recebe: capacitação, qualificação, atualização, é uma formação que faz com os outros, no coletivo, a partir das necessidades surgidas na escola - fonte dessa aprendizagem, em que estão articulados os elementos: tempo, o trabalho e o espaço. (PRADA, 2006).

Assim, atuar como professor pressupõe concepções e práticas que superem as técnicas ou procedimentos desenvolvidos por um profissional, para serem aplicados por outro, e cujo exercício profissional propicie a constituição de um trabalho coletivo, cujas atividades contemplem necessidades e interesses do cotidiano escolar. Trata-se de transformar essa construção coletiva de conhecimentos, que façam avançar as concepções e práticas da profissão docente em benefício dos avanços da educação. Acreditamos que a formação continuada de professores exige comprometimento de seu ofício profissional na sua prática de formador e mais que tudo, implica coerência entre prática e teoria.

É necessário que a formação continuada contemple conhecimentos teórico-metodológicos próprios da formação docente, confrontando-os com os da experiência profissional do professor e com conhecimentos universalmente sistematizados.

Não queremos dizer que a formação continuada dos docentes seja solução dos problemas sociais educativos, contudo acreditamos na possibilidade de transformar a situação atual da educação, através da formação de professores.

No âmbito escolar, é grande a demanda de professores que reivindicam espaços e tempos para formação continuada. Os órgãos governamentais não têm compromisso com a formação de professores, devido a problemas político-administrativos e, sobretudo, de financiamento. A formação contínua é dificultada também, porque é grande a dificuldade que professores encontram para estarem, constantemente, qualificando-se: por conta de seus salários defasados, que os obrigam a intensificação de sua jornada de trabalho; da própria estrutura do sistema escolar, organizado sem que esses horários estejam previstos em seu calendário; e no caso da EFE, porque não é considerada prioritária, tal como as outras disciplinas, sobretudo Comunicação e expressão, Matemática e Ciências.

Conforme Prada (2006), a compreensão da formação continuada de professores como um processo de desenvolvimento profissional, exige que o coletivo escolar se assuma como sujeito de possibilidades ao estabelecer concepções, mediante a construção coletiva e democrática de propostas próprias, currículos e conteúdos que contemplem a realidade do seu

espaço de trabalho e se oponham à crítica e a imposições de projetos prontos que desconheçam seus conhecimentos, necessidades e interesses.

Nesse sentido, o autor acima citado tem desenvolvido concepções teórico-metodológicas que levam a compreender a formação continuada de professores em serviço – FCPS - como sendo realizada no espaço escolar, no tempo de trabalho docente e, por conseguinte, remunerado e tomando como objeto de estudo pelo coletivo escolar o próprio exercício profissional docente. Essa proposta teórica vai de encontro à adoção do Sistema Positivo de Ensino, pela Secretaria Municipal de Educação de Itumbiara/GO, por estar desvinculada do contexto escolar e dificultar um maior protagonismo dos professores.

São grandes os desafios que o profissional docente enfrenta, para manter-se atualizado e desenvolver práticas pedagógicas eficientes. Não basta deter o conhecimento para saber transmitir a alguém, é preciso compreender o conhecimento, ser capaz de reorganizá-lo, e de transpô-lo para situação didática em sala de aula.

Para Nóvoa (1997, p.26), “a troca de experiência e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nas quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formação do formando”.

Outro tipo de trabalho a ser desenvolvido em formação de professores é o trabalho multidisciplinar em equipes, quando as decisões são tomadas em conjunto e todos passam a ser responsáveis pelo sucesso da aprendizagem na escola, pois a produção de práticas educativas eficazes surge de uma reflexão sobre a experiência pessoal partilhada entre os pares.

Por sua vez, a valorização desse conhecimento profissional se dá na prática que é um conhecimento adquirido na experiência, e na reflexão sobre o conhecimento profissional específico dos professores.

4.3 Educação Física no ensino fundamental da rede pública de Itumbiara/GO: buscando novas alternativas

Por meio dos depoimentos dos professores e observações feitas durante o processo de pesquisa ficou evidente que a escola, por sua vez, deveria oferecer espaço e condições de tempo para que os professores pudessem dialogar com seus pares, organizar o trabalho pedagógico e refletir sobre a própria prática, sendo também espaço de formação continuada para os educadores. Isso iria refletir na escolarização dos educandos, mais efetiva e compromissada. Evidenciamos também ser necessário que ações sejam construídas a fim que

possam apontar para as possíveis mudanças, visando à melhoria da Educação Física efetivada na escola, no sentido de contribuir no processo de formação dos educandos, oportunizando aos professores o confronto entre teoria e prática possibilitando-lhes refletir e intervir de forma significativa na formação do cidadão.

E a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional deixa claro que é preciso garantir a oferta do componente curricular e garantir o tempo e o espaço adequados aos professores para trocas de experiências para que possam trabalhar visando desenvolver no aluno o interesse social, direitos e deveres do cidadão, o respeito ao bem comum e a ordem democrática, de fortalecimento dos laços familiares, e dos laços de solidariedade humana.

A escola é um lugar de produção, criação, reprodução de cultura, de valores, de saberes; tempo/espaço de encontros; tempo/espaço de desencontros; tensões; conflitos; preconceitos. Conviver com o incerto e o imprevisível nos faz refletir sobre a diversidade cultural valorizando a essência do homem, buscando a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas de conhecer o mundo e fazer do lazer o exercício de liberdade compromissada. E pode e deve ser o local para que os professores participem, discutam e consigam elaborar propostas de ação visando aos objetivos estabelecidos.

Repensar a Educação Física escolar é questionar que elementos, orientações, conteúdos e práticas estão envolvidos no processo de socialização para a sociedade vigente, estreitando as relações entre prática e teoria, inovando as práticas pedagógicas, quer dizer, experimentando e vivenciando novas alternativas, estratégias, metodologias, contribuindo para a formação em sua totalidade, das crianças, adolescentes e jovens para apropriação crítica da cultura corporal em movimento.

As condições de trabalho dos professores da Rede Pública Estadual e Municipal estão cada vez mais críticas e nos remetem a repensar as condições de trabalho que encontram para trabalhar e sobreviver: a dupla, tripla jornada são fatores cruciais que influenciam na carreira do professores de Educação Física. Os investimentos públicos não são feitos valorizando seus salários, impelindo-os a intensificação do trabalho. A bandeira é investir os recursos públicos para garantir a todos o acesso a um mínimo de educação, saúde, alimentação, saneamento e habitação. Estas políticas voltadas para a educação, adotam a lógica do menor custo com os melhores índices estatísticos, o que em última instância, não garante uma distribuição mais equitativa de oportunidades.

É importante ressaltar que a qualificação profissional implica a transformação que não acontece isoladamente e sim de maneira coletiva, estimulada por políticas que valorizem a formação continuada dos professores. Se nas instituições formais de ensino, o professor

realiza sua formação inicial, seja ela em nível de Educação Básica, Ensino Médio, Ensino Superior, na escola, o local de seu trabalho, ele encontra um espaço em que pode ser promovida sua formação continuada. (BRASIL, FUNDEF, 2001). Pensar em formação continuada de professores nos remete a pensar na escola como espaço privilegiado de formação.

Para tanto, é necessário que tais políticas contemplem atitudes, propostas e investimentos adequados ao trabalho, carreira, salário, com definição de um piso salarial e desenvolvimento profissional contínuo. Porque é necessidade intrínseca da atuação do professor a reflexão sobre as práticas realizadas, em articulação com concepções e abordagens teóricas.

Um fator de suma relevância no Plano Nacional de Educação é a valorização da carreira do professor. Neste sentido, foi criado um piso salarial nacional para professores da Educação Básica o que, por sua vez, não garante a equidade social, uma vez que tem havido muita dificuldade para sua implementação.

Outra questão: a educação não pode ser mais vista como um processo mecânico de desenvolvimento e combate à pobreza. Além disso, precisamos lutar por um Plano Nacional de Educação (PNE) ligado aos interesses maiores da sociedade brasileira, que se sobreponha às disputas em torno dos Planos Estaduais e Municipais de Educação, de conquista de uma escola pública, laica, gratuita, democrática e de qualidade social para todos, no país chamado Brasil.

A Educação Física Escolar depende da valorização profissional que tem a ver com o incentivo de remuneração salarial e à garantia de recursos didáticos e espaço físico adequado; que por sua vez estão associados à valorização da disciplina na escola e a um diálogo adequado entre o grupo gestor e a coordenação pedagógica da escola.

Podemos perceber que os professores de Educação Física entrevistados sentem na pele a necessidade de ampliar sua qualificação profissional. Não são todos que conseguem, neste momento, realizar qualquer curso devido a vários fatores que interferem direta e indiretamente na vida dos professores. Observamos que a necessidade desses cursos de capacitação e qualificação chega quase a ser um clamor de todos. Os cursos são vistos como necessários e de preferência devem partir das necessidades dos professores.

Bom, os cursos de capacitação do professor são excelentes. Eu trabalho na rede pública não tenho tempo suficiente e nem remuneração; então estou no meu segundo ano de trabalho e não consegui fazer uma pós por falta de remuneração. Infelizmente, os professores do serviço público não são bem

remunerados para estar pensando em fazer cursos, porque tenho família não tenho nem como estar pensando em pós agora. Mas é excelente para o aperfeiçoamento. (EF1-Isabel)

Bem, eu acho que um curso para ele ser feito, precisa adequar a sua realidade não adianta a gente fazer um curso que ele não está voltado para a nossa realidade e esta é uma das coisas que causa a questão do desinteresse. Então eu procurei fazer cursos voltados para a minha área depois que eu terminei a faculdade. Então venho fazendo através da formação continuada e venho fazendo minicursos voltados para área da Educação Física; e na época quando eu entrei na APAE eu fiz uma especialização em Educação Física para portadores de deficiência, justamente porque eu estava trabalhando com portadores de deficiência. Então era uma coisa que me seria útil então acho que o curso sendo útil para você ele é mais do que válido depois disso alguns cursos mesmo e minicursos e também fiz mestrado, na área da Educação na área de formação de professores voltado para área da Educação Inclusiva. (EF2-Amélia)

Quase todos se queixam da falta de cursos específicos para os professores da EFE. Fazem o que é oferecido: planejamento escolar, de formação docente, para trabalhar com o Sistema Positivo, para a pesquisa. Alguns fazem pós-graduação *lato sensu*, dificilmente voltada para a sua área específica.

A gente faz alguns cursos que não são muito na área específica. Fiz o curso planejamento escolar, fiz também outro curso que foi ah! Esqueci o nome agora não lembro na memória agora com o método positivo também a gente fez o curso rapidamente para implantar o método positivo no município de Itumbiara. E foi porque nós não temos acesso de cursos, não promovem curso em Itumbiara e nem fora. (EF3-Alzira)

Sim, fiz alguns cursos, porque procurei, não porque a nossa secretaria promoveu para os professores. Depois da faculdade fiz vários cursos, não ligados à Educação Física. Quer dizer para mim não teve aproveitamento, porque o curso que fiz é de formação; é através da nossa área que nos temos dificuldade por falta de interesse dos nossos representantes. (EF4-José)

E os cursos de capacitação acredito que são muito importantes na formação do professor, na sua renovação. Fiz um curso de pós-graduação e pretendo fazer mestrado. Esse ano o Estado vai oferecer alguns cursos para capacitação dos professores e com certeza pretendo fazer dentro das possibilidades, mas pelo menos um curso de capacitação que não seja de pós-graduação. Faço para tentar me manter sempre reciclado. (EF5-Colaço)

Fiz vários cursos alguns bons e outros médios; gostei muito de um curso de natação que fiz para ensinar adolescentes e acabei não trabalhando com a natação. (EF6-Sônia)

Bom, dos cursos que são oferecidos pelo Estado ou pelo Município eu não fiz nenhum, aliás, porque não houve nenhum oferecido por eles também, mas fiz vários cursos por fora, a minha pós-graduação e os cursos de

extensão, fiz vários embora os de extensão fossem voltados para a pesquisa não voltada para Educação Física propriamente dita. (EF7-Kevin)

A maioria ressalta a importância dos cursos para a atualização e para a capacitação docente. A professora Luciene almeja fazer pós-graduação, iniciando pelos cursos de *lato-sensu* e, posteriormente, os *stricto-sensu*, mestrado e doutorado.

Os cursos são muito importantes: estar fazendo, procurando estar inovando depois que sai da faculdade. A faculdade dá a base, porém não devemos ficar focados. Não pode ficar focado naquilo ali; tem que estar sempre inovando procurando novas teorias. Então fiz alguns cursos, depois que saí da faculdade; a minha prioridade esse ano é fazer a pós-graduação e não parar não. Futuramente, quero fazer mestrado e doutorado porque é sempre bom estar estudando. Tem que estudar, batalhar, buscando novas coisas para frente. (EF8-Luciene)

Carlos e William reclamam da falta de cursos que não sejam meramente teóricos, voltados para a área da EFE.

Bom, os cursos são necessários para que haja sempre uma atualização e capacitação docente. E na nossa região particularmente o nosso sistema de Estado e Município carece de oferecer esta atividade. Os poucos cursos que são oferecidos são de maneira bem tímida, cursos com pouca carga horária que não têm muita base para esse objetivo. Particularmente, busco aperfeiçoar em cursos bem longe de nossa região onde residimos. (EF9-Carlos)

O curso de Educação Física em Itumbiara não é que ele não é correto: é um curso que deveria ser mais especificado para área prática porque 80% são teóricos; então quem está fazendo Educação Física é para trabalhar nas escolas e nas academias. Então tinha que dar ênfase nesta prática que não tem muito na cidade. Depois que terminei a faculdade fiz o curso de pós-graduação que estou terminando agora e é na área de Educação Física Escolar. (EF10-William)

O professor Roberto justifica não fazer cursos de formação continuada por falta de tempo, entre outros motivos, embora os considere importantes.

Não, após o término da minha faculdade não fiz nenhum curso, Porém o curso em si é muito bom principalmente na área da Educação Física. No momento, falta tempo e algumas coisas a mais está faltando para a gente. (EF11-Roberto)

Portanto, os professores de Educação Física, ao se referirem à formação profissional na rede pública municipal e Estadual, afirmam que os cursos de formação continuada voltados para os professores de Educação Física são escassos ou inadequados. Que muitos fazem

cursos de capacitação, especializações e até mesmo o mestrado dentro da possibilidade de cada um, porque embora muito seja dito sobre a necessidade de formação continuada dos professores, não tem havido ações adequadas por parte dos órgãos oficiais.

Conforme Dourado e Paro (2001, p. 105),

[...] nos anos 90 a educação esteve pautada nas exigências e padrão de qualificação e reestruturação das novas demandas econômicas e das políticas educacionais. A educação Brasileira deve ser repensada em alternativas estruturais passando pela reforma pública de ensino.

Há uma série de problemas a resolver quanto à formação dos professores de EFE: alguns comuns aos professores de todas as disciplinas, outros mais específicos da área, que em termos teóricos apresentou um grande avanço nas duas últimas décadas. Mas, é preciso superar o que nos dias atuais virou modismo: dizer que tudo está em “crise”. E com o ensino público não é muito diferente desta realidade. Fala-se muito sobre padrão de qualidade do ensino para o bem-estar do cidadão (DOURADO; PARO, 2001), porém desde a instância federal, até Estados e os Municípios estão cada vez mais distantes de solucionar estes problemas educacionais, que parecem ter se tornado crônicos na sociedade brasileira.

Finalizando, tecemos algumas considerações. Pensar em formação continuada de professores nos remete o pensar na escola como espaço privilegiado deste tipo de formação. Se nas instituições formais de ensino, o professor realiza sua formação inicial, seja ela em nível médio ou superior, na escola, local de seu trabalho, ele encontra um espaço que promove sua formação continuada de forma a atender aos seus interesses e necessidades mais imediatos.

As experiências de formação continuada mesmo que aconteçam fora do sistema de ensino podem modificar ou consolidar crenças e práticas de professores, desde que sejam realizados em parceria ou com apoio de órgãos competentes.

A escola apresenta condições e representa interesses que nem sempre são claramente compatíveis com aspirações, valores, e os resultados esperados. Precisamos entender de que maneira os docentes podem lidar com as divergências entre seus interesses e valores e os que a escola representa, com o objetivo de entender melhor que possibilidades de reflexão crítica podem ser criadas.

O educador precisa vivenciar e experimentar suas práticas numa perspectiva crítica do conhecimento, que possibilite o desenvolvimento profissional e permita avaliar a necessidade e o potencial da qualidade e inovação educativa que deve ser introduzida

constantemente nas instituições; e ter autonomia para modificar as atividades educativas continuamente, procurando adaptar-se à diversidade e ao contexto social plural do educando.

Para tanto, a formação continuada deve estar sempre interligada com as atividades e as práticas profissionais que estão sendo realizadas dentro da escola. Essa formação deve ser voltada para o coletivo ou pelo menos deveria ser encarada sob esse prisma.

A formação continuada oportuniza ao professor não só o saber necessário ao desempenho em sala de aula. Ele precisa conhecer as questões da educação, as diversas práticas analisadas na perspectiva histórica e sociocultural. Não se pode mais entender o professor como “detentor do saber”, nem o ensino como transmissão de um conhecimento pronto e acabado. Professores e alunos passam a construir continuamente o conhecimento, fundamentados nas teorias e na revisão constante destas, nos questionamentos, nas leituras da realidade e do presente histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos anos de 1980, houve uma aproximação da Educação Física com as ciências humanas, o que determinou grandes mudanças nas teorias e nas práticas pedagógicas da Educação Física Escolar, mais voltada para a formação integral do ser humano. Sob esse novo agir e pensar a Educação Física Escolar, o estudo abordou as concepções dos professores, do ensino fundamental do 6º ao 9º ano das redes públicas: Municipal e Estadual da cidade de Itumbiara-GO, sobre a EFE e sobre sua atuação nas escolas. O estudo em questão mostrou que as concepções de Educação Física Escolar não podem ser consideradas melhores ou piores, apenas divergentes, com o predomínio da visão da EFE voltada para o desenvolvimento da aptidão física e dos esportes, embora muitos afirmem sua preocupação com a formação integral do aluno voltada para a cidadania. E de fato trabalham com esta preocupação.

Em todas as concepções apresentadas, o papel do professor é considerado fundamental, assim como os saberes historicamente construídos e os saberes vivenciados pelos participantes do processo de ensino-aprendizagem.

Pelos registros apresentados pelos professores, independente de sexo, etnia, religião, percebemos que todos estão na profissão porque gostam de trabalhar com esta disciplina e se empenham em dar o melhor de si. Sua idade varia entre 23 anos a 56 anos de idade e o tempo de atuação oscila entre 1 mês a 29 anos; e suas experiências e vivências se refletem substancialmente em suas práticas.

Os professores se realizam por ministrar aulas de Educação Física e se sentem gratificados “em ver o brilho e a felicidade no olhar das crianças”, ao criar laços afetivos que vão sendo tecidos através das relações interpessoais, construídas no decorrer do tempo e espaço, pelas trocas de experiências e partilhas.

Os professores dizem aproveitar a proximidade que a disciplina favorece no contato com os educandos, para desenvolver saberes e atitudes de valorização do ser humano, respeitando sua individualidade no processo de ensino-aprendizagem, e formando-os para o exercício da cidadania.

Todos ressaltam as dificuldades encontradas na rede pública para o desenvolvimento de seu trabalho, que segundo eles, chegam a ser alarmantes: há falta de infraestrutura; arquitetura depredada; escolas de tempo integral que não oferecem condições mínimas para

serem de tempo integral; quadras descobertas, numa região de calor intenso; espaço físico inadequado; bibliotecas desatualizadas; laboratórios de informática insuficientes para todos os alunos; ou seja, os recursos são precários de um modo geral. E por falta de reconhecimento dos governantes na esfera municipal, estadual e federal, o salário está defasado, as condições de trabalho inoperantes. E há ainda a queixa por maior apoio pedagógico nas escolas, específico para os professores da EFE.

Por outro lado, a Constituição Federal atribui a responsabilidade de garantir recursos às Secretarias de Educação Municipal e Estadual, que na maioria das vezes não os aplicam de forma adequada, como estabelece a lei. n° 9.4224/96_ LDBEN (Leis de Diretrizes e Base da Educação Nacional) e o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério). Pelo art.7° do FUNDEF, os recursos do fundo, incluindo a complementação da União, caso seja necessário, devem ser utilizados pelos Estados, Distrito Federal e Municípios, assegurando pelo menos 60% (sessenta por cento) para remuneração dos profissionais do magistério, em efetivo exercício da função e de suas atividades no ensino fundamental público.

Percebemos que o trabalho com a Educação Física escolar enfrenta problemas tanto na rede pública municipal quanto na estadual. A explicação inicial para tal situação é que, embora haja a destinação de verbas garantidas por lei, os recursos financeiros necessários têm sido insuficientes, ou aplicados de forma inoperante.

Desta forma, um dos desafios que os professores enfrentam é descobrir maneiras de trabalhar de modo cada vez mais satisfatório enquanto não são superados os problemas assinalados e que se relacionam à necessidade de ter a política pública educacional direcionada realmente para a Educação Básica, e para todos os componentes curriculares. Outro desafio se refere às necessidades de investimento na Educação Básica, porque o atendimento de parte destas é feito de modo insuficiente, o que não possibilita o desenvolvimento de uma educação para a equidade social. Tal fato requer discussão específica para um melhor esclarecimento e exige propostas de solução que possam satisfazer os anseios de professores e alunos.

Nessa pesquisa constatou-se a não-efetivação da participação dos docentes no projeto político pedagógico – segundo seus depoimentos, alguns professores não participam e outros participam parcialmente do projeto político pedagógico da escola. Há evidências de que na prática esse projeto não se consolida uma vez que não é participativo. Ou seja, os depoimentos informam que o corpo docente como um todo não é chamado a participar das tomadas de decisões, o que é possibilitado a uma minoria ligada ao grupo da gestão escolar.

Para os professores das escolas municipais, as decisões são tomadas arbitrariamente pelos dirigentes da educação, prejudicando a construção do conhecimento na disciplina de Educação Física. Nas escolas municipais, de modo arbitrário, houve a redução para uma hora/aula semanal da disciplina e, segundo os professores, esse tempo é insuficiente para produzir efeitos fisiológicos significativos sobre o corpo humano.

Na visão dos docentes entrevistados, os alunos consideram que a Educação Física Escolar limita-se a jogar futebol, praticar esporte ou brincar. Em suma, para aos alunos, a aula de EFE é um momento mais descontraído e propício para a prática da sociabilidade. Professores que trabalham em escolas de tempo integral dizem que os alunos sentem a aula da EFE como se fosse a libertação: ficam muito tempo sentados, e não há qualquer atividade pedagógica em outros espaços fora da sala de aula, a não ser a aula de Educação Física. Essa concepção da EFE pelos alunos favorece a boa aceitação da disciplina, o bom relacionamento entre professores e alunos, e explica a unanimidade com que tanto professores como alunos manifestam satisfação com a EFE.

A realidade da Educação Física nas escolas públicas nos mostra as dificuldades que os docentes enfrentam para colaborar no processo de formação dos indivíduos críticos, autônomos e conscientes.

Na rede municipal, em que foi feita a aquisição e implantação do Sistema Positivo de ensino, entendemos que a autonomia dos professores é negada, porque todos os professores são levados a seguir roteiros prontos de aula e avaliação; embora as condições infraestruturais sejam melhores do que as das escolas da rede estadual.

Dentre todos os professores entrevistados, predomina a centralidade do ensino do esporte, o que nos remete a uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e metodológicas na EFE, que têm o esporte como o conteúdo predominante da disciplina. O esporte, embora não seja o único conteúdo trabalhado, deveria ser repensado de forma a dialogar com o mundo, não apenas como a aquisição dos procedimentos de sua prática. Deveria, ainda, ser trabalhado de modo a ajudar na compreensão da complexidade do mundo esportivo, nos aspectos social, político, econômico e cultural.

Para os professores de Educação Física da rede municipal é muito difícil avaliar porque há diminuição da autonomia ao professor uma vez que a Secretaria de Educação exige avaliação qualitativa e, muitas vezes, interfere substancialmente no resultado final. Quanto à rede estadual, a avaliação é qualitativa e quantitativa, não havendo uma definição prévia quanto ao modo de efetivar essa avaliação.

Sobre as Olimpíadas Estudantis, percebemos que, para determinados professores, elas não interferem nas aulas de Educação Física, mesmo porque os treinamentos são separados das aulas de EFE. As Olimpíadas estudantis são vistas, por muitos professores, como uma oportunidade de integração entre alunos de escolas públicas e particulares, embora continuem a condicionar o aluno à prática esportiva. O que os alunos lamentam é não terem oportunidade de serem preparados adequadamente para as olimpíadas estudantis, pois não treinam o suficiente para competirem em igualdade de condições com os colegas das escolas particulares.

Ao final, tecemos algumas considerações sobre a formação continuada de professores. Consideramos a escola como espaço privilegiado para esse tipo de formação. As experiências de formação continuada, mesmo que aconteçam fora do sistema de ensino, podem modificar ou consolidar crenças e práticas de professores, desde que sejam realizadas em parceria ou com o apoio de órgão competentes. A formação continuada deve estar sempre interligada com as atividades e as práticas profissionais que estão sendo realizadas dentro da escola e voltadas para o coletivo, de modo que professores e alunos possam a construir continuamente o conhecimento, baseados nas teorias e na revisão constante destas, nos questionamentos, nas leituras da realidade e do presente histórico.

É fundamental que os professores da EFE saibam perceber, nos dias atuais, o quanto é necessário que se mudem algumas práticas mais tradicionais, voltadas apenas para o desenvolvimento da aptidão física, de forma acrítica. Ou que se revejam as práticas direcionadas para os jogos como um reforço aos comportamentos competitivos. Percebemos, neste estudo, que os professores valorizam a dimensão lúdica e prazerosa da EFE, e muitos exploram esse traço da disciplina escolar, conquistando a adesão dos alunos para as atividades propostas, o que é muito positivo. No entanto, há que se ter o cuidado para não reduzir as atividades da EFE exclusivamente aos jogos e brincadeiras definidos pelos alunos de forma espontânea. É nessa perspectiva que consideramos necessário agir se quisermos que a Educação Física realmente tenha um novo olhar e atue junto a toda comunidade com eficácia. Faz-se necessário, no entanto, uma retomada de ações pedagógicas, metodológicas e de conteúdos significativos. Percebe-se a limitação do conhecimento do que significa Educação Física para os educandos e também a limitação do que realmente estamos ensinando para eles, tendo em vista o que deveria ser Educação Física Escolar. Precisamos ter a sensibilidade de perceber que os conteúdos dessa disciplina não se restringem meramente aos esportes e à reprodução de movimentos corporais alienantes. Assim sendo, a Educação Física Escolar não pode mais ser vista como um processo mecânico de desenvolvimento de potencialidades

físicas e motoras. Ela será necessariamente um processo de construção, ou seja, uma prática mediante a qual os homens vão se construindo ao longo da vida.

Grandes avanços surgiram nestes tempos que se modificam com grande velocidade e profundas transformações sociais, às vezes de maneira catastrófica. Na esfera escolar, a Educação Física precisa fundamentar-se teoricamente para justificar à sociedade o que já sabe fazer, estreitando laços entre teoria e prática pedagógica, renovando e repensando alternativas diferenciadas das práticas esportivas, utilizando metodologias, conteúdos que deem conta da importância da Educação Física na escola e sua contribuição para a reconstrução e transformação social do cidadão.

Por fim, acreditamos que a Educação Física, na condição de disciplina do currículo escolar, deveria explicitar os significados das atividades corporais que representam uma área do saber denominada cultura corporal do movimento, vista numa ótica de historicidade, sua e do educando, capaz de possibilitar a compreensão e a dinâmica das relações sociais nas quais estão inseridos. É na condição de sujeito desse processo de ensino que o educador poderá ser capaz de intervir nessa sociedade, fazendo jus a uma reflexão para a inserção social, preparando os alunos para a vida e para o exercício de uma real cidadania.

Ensinar é uma via de mão dupla. A única certeza que temos é que estamos sempre aprendendo. Pensando e agindo assim, esperamos que esse estudo possa resultar em contribuições relevantes para a formação e atuação de professores na área da Educação Física Escolar.

A Educação Física nos permite conhecer o mundo através do movimento e recriar a possibilidade de movimentar-se no universo.

REFERÊNCIAS

- ASSMAN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente/ Hugo Assman – Petrópolis: Vozes, 1998.
- ASTI VERA, Armando. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Globo, 1972.
- ALBINO Beatriz Staimbach. TORRI Danielle, VAZ Alexandre Fernandez. **Sacrifícios, Sonhos, Indústria Cultural**: Retratos da Educação do Corpo no Esporte Escolar Educação e Pesquisa, São Paulo, v33, p.499- 512, set/dez 2007.
- BARBOSA, Cláudio Luis Alvarenga. **Educação Física escolar: da alienação à libertação**. Petrópolis: Vozes, 2007
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdos**.. São Paulo: Martins Fontes, 1994
- BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento LTDA. ME, 1991.
- BETTI, Mauro; ZULLIANI, Luis Roberto. **Educação Física Escolar**: uma proposta de diretrizes e sociedade. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte ano 1, nº-1, 2002.
- BRACHT, Valter. **A Constituição das Teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos Cedes. Campinas: Unicamp. V.19 ago.1999.
- BRASIL, MEC. **FUNDEF Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério**. Manual de Orientação maio. Brasília, 2003.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares/ Secretaria de Educação Fundamental**. Secretaria de Educação Especial - Brasília MEC. SEE SP. 1998.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional .LDBEN** , Lei 9394 :20/12/ 1996. Disponível: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre Educação Física na Escola e a Educação Física da Escola**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.
- CHAVES, Márcia (Org.). **Pedagogia do Movimento**: diferentes concepções. Maceió-AL: edufal, 2004.
- COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 13. ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- CONTRERAS, J. D. **A autonomia do professor**. São Paulo: Vozes, 2002.
- DARIDO, Cristina Suraya. **Educação Física na Escola**. Rio de Janeiro: 2003.
- DOURADO, Luiz Fernandes. Paro Vitor Henrique (Org.). **Políticas Públicas & Educação Básica**, São Paulo; Xamã, 2001.
- FREIRE E. S. Dissertação (Mestrado) – **Escola de Educação Física**, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

FREIRE, E. Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa** 36. ed. São Paulo: Paz e Terra,

GONÇALVES, Viviane Oliveira. Concepções e tendências pedagógicas da Educação Física: contribuições e limites. In: **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia**. Campus de Jataí_ Universidade Federal de Goiás. Vol.1 jan. 2005.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992

HILDEBRANDT, Reiner. **Textos Pedagógicos sobre o Ensino da Educação Física**. 3. ed. Ijuí-RS: Unijuí, 2005.

HILDEBRANDT, Reiner. Visão Pedagógica do Movimento. In: CHAVES, Márcia (org.) **A pedagogia do Movimento: diferentes concepções**. Maceió: EDUFAL, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde** 4. ed. São Paulo-SP, 1996 .

MOREIRA, Wagner Wey. Aulas abertas e a pedagogia do movimento: as contribuições de Hildebrandt-Stramann para a Educação Física. In: In: CHAVES, Márcia (org.) **A pedagogia do Movimento: diferentes concepções**. Maceió: EDUFAL, 2004.

NEIRA Marcos Garcia, NUNES Mario Luiz Ferrari. **Pedagogia da Cultura Corporal Crítica e Alternativa**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2008.

NÓVOA, Antônio (coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa, Dom Quixote, 1997.
_____. Revista Nova Escola. Agosto/2002, p.23

PRADA, Luis Eduardo Alvarado, **Formação Continuada de Professores em Serviço: Formação de Formadores**. In: Monteiro F. M. & MULHER, M. L. R. (Org.). Profissionais da Educação – política formação e pesquisa. EDUFMT, Cuiabá, 2006

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores: Identidade e saberes da docência** In:

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes Pedagógico e atividade de docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHÖN, DONALD. Formar professores como profissionais reflexivos. In NÓVOA, Antônio. **Professores e sua formação**. São Paulo: Dom Quixote, 1997.

SOARES, Carmen. **Educação Física Raízes Europeias e Brasil**. 4. ed. Campinas-SP Autores Associados. 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docente e formação profissional/ Maurice Tardif**. - Petrópolis, Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Hudson Ventura. **Educação Física e Desportos**. 3. ed. São Paulo: Saraiva 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer a educação Física. Caderno. Cedes. Campinas: Unicamp. V.19 ago.1999.

TUBINO, Manuel José Gomes. **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo**. 3 ed. São Paulo, Ibrasa, 1984.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores, Ideias práticas**. Lisboa: EDUCA. 1993.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista:

Roteiro para Entrevista

Nome:-

Idade:-

A entrevista foi organizada em temas e foram levantadas algumas questões norteadoras:

1- Fale-me de você: de seus dados pessoais, idade; de sua trajetória escolar; se fez graduação; onde fez sua graduação; tempo de atuação na área e na educação.

2- Fazer um relato das vivências e experiências do professor na Educação Física
Fale-me de suas experiências e vivências como professor de Educação Física

a- Como é ser professor de Educação Física?

b- Quais as dificuldades?

c- Quais as satisfações?

3- Informações sobre sua atuação na escola

a- Você como professor participa do projeto político pedagógico?

b- Você planeja suas aulas? Como planeja suas aulas?

c- Como avalia os educandos ?

4- Concepções da Educação física escolar manifestada pelos professores da rede pública Estadual na área.

a- O que é a Educação Física para você?

b- Qual o objetivo da disciplina na escola?

5- Há uma identificação clara do conjunto de conhecimentos a serem trabalhados durante as aulas?

a- Como você seleciona os conteúdos a serem trabalhados? O que você considera importante trabalhar na Educação Física? Você consegue fazer o que planeja?

b- Como são as aulas práticas? Quais as maiores dificuldades?

c- Os professores são formados para trabalhar a Educação Física, na escola hoje?

d- O que pesa mais no planejamento de suas aulas: sua formação ou sua experiência como aluno/a ou como professor?

APÊNDICE B – Roteiro para entrevista:

Roteiro para Entrevista 2

Nome:-

Idade:-

- 1) O que você propõe aos alunos nas aulas de Educação Física?
- 2) Que atividade predomina em suas aulas por quê?
- 3) O que significa para os alunos a Educação Física, em sua opinião?
- 4) O que significa para você as Olimpíadas? As olimpíadas pesam na sua aula prática?
- 5) O que você acha dos cursos, você já fez alguns depois que terminou a Faculdade?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

Nome da pesquisa: **Os Professores de Educação Física do Ensino Fundamental Público de Itumbiara:** concepções, dilemas e escolhas.

Responsável pelo Projeto: Orilda Machado de Moura
Dirce M. F.Garcia (orientadora)

Instituição: Universidade de Uberaba

Eu, _____

RG n. _____, abaixo assinado, concordo em participar deste estudo, tendo recebido informações sobre os objetivos, justificativas e procedimentos que serão adotados durante a sua realização, assim como os benefícios que poderão ser obtidos.

Autorizo a publicação das informações por mim fornecidas com a segurança de que não serei identificado e de que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.

Tendo ciência do exposto acima, assino esse termo de consentimento.

Assinatura do Pesquisado ou Responsável

Assinatura do Professor

APÊNDICE D - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Ilmo Sr (a) Gestor

Por meio desta, vimos solicitar autorização para realizar entrevista de pesquisa com professores desta instituição, ressaltando que a mesma será realizada dentro dos princípios da maior privacidade e sob o mais absoluto sigilo das informações.

A pesquisa, intitulada Os Professores de Educação Física do Ensino Fundamental Público de Itumbiara: concepções, dilemas e escolhas, fornecerá os elementos para a redação da Dissertação de Mestrado, realizada dentro do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba/MG, pela Professora Orilda Machado de Moura sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Dirce Maria Falcone Garcia da UNIUBE.

Salientamos que as informações prestadas são de fundamental importância para a realização da pesquisa.

Sem mais, atentamente.

Professora de Educação Física: Orilda Machado de Moura